

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23154

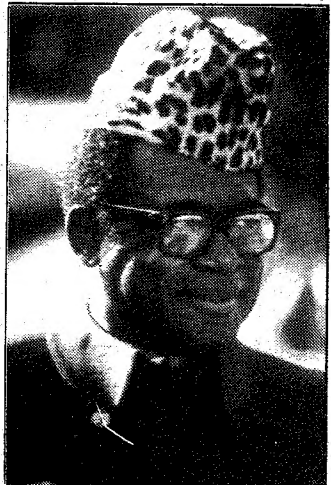
DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

TERÇA-FEIRA 9 DEZEMBRO 90 60\$00

Adiada a cimeira sobre a paz em Angola

A cimeira dos oito chefes de Estado africanos, que amanhã deveria realizar-se em Luanda, foi adiada pela segunda vez por «indisponibilidade» do Presidente zaireense, Mobutu Sese Seko, segundo informações divulgadas ontem na capital angolana. Observadores diplomáticos admitem, no entanto, que a indisponibilidade do chefe de Estado zaireense poderá ter a ver com a «revisão do papel do mediador» proposta pelo Presidente José Eduardo dos Santos.

Pág. 14.



Mobutu, cuja «indisponibilidade» causou o adiamento da Cimeira dos Oito



Amália: palmas, flores e beijos «Ainda bem que vossemecês são tão simpáticos», dizia ontem Amália Rodrigues ao confessar à multidão sentir-se como na primeira vez que pisou um palco. O Presidente da República acabara de a homenagear com a maior condecoração do País, beijando a mão da «diva» com a humildade agradecida de qualquer fã. A circunstância, claro, divertiu imenso a antiga vendedora de limões em Alcântara. À comemoração dos 50 anos de carreira de Amália, assinalada da melhor maneira com uma actuação da fadista, compareceu a nata da sociedade portuguesa. Foi, mais do que um espectáculo e um acontecimento social, uma cerimónia de coroamento.

Págs. 20 e 21

Habitação de mal a pior

Pedidos de crédito para compra de casa própria baixaram 30 por cento durante o ano de 1989

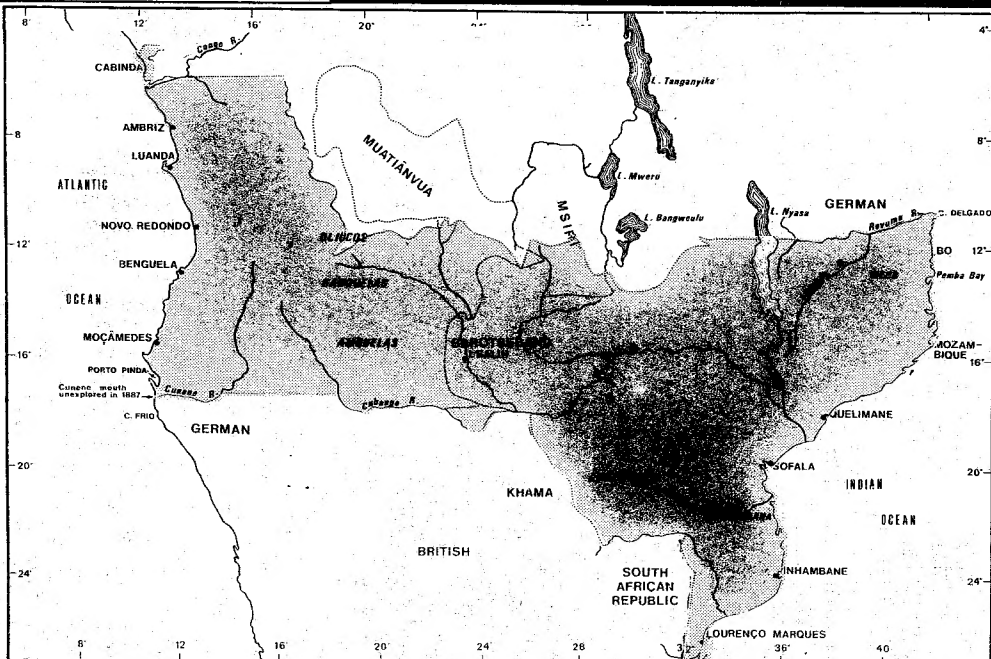
O número de pedidos de concessão de crédito para compra de habitação própria, apresentados às instituições bancárias, baixou de 30 por cento nos primeiros onze meses de 1989, afirma Tomás Gomes, di-

rector da Associação de Empresas de Construção e Obras Públicas do Sul.

Tal quebra é atribuída por aquele porta-voz às restrições de crédito impostas pelo Governo. De qualquer

modo à quebra de pedidos não corresponde uma idêntica quebra no número de contratos de compra de casa a crédito que, de 1988 para 1989, baixou apenas de 39 556 para 34 544.

Suplemento de Economia



Cem anos depois do Ultimatum A partir de hoje, o «DL» recorda, analisa e integra no curso da nossa História o Ultimatum inglês de 1890, que depois de amanhã faz um século. Na imagem, o Mapa Cor-de-Rosa, origem do conflito anglo-português que precipitou a queda da Monarquia

Págs. 16 e 17

Praga: a Revolução de Veludo

Do nosso enviado especial
Jorge Listopad

Há em Praga, depois da Revolução de Veludo, amável e apaixonada, uma explosão de alegria que parece ter levado o povo até uma sua adolescência revisitada. Os estudantes primeiro, depois os intelectuais e artistas e, por fim, os trabalhadores deram o impulso de que, finalmente, resultou o florescimento da liberdade, o prazer do quotidiano, a multiplicação dos partidos políticos, um novo Presidente da República, Vaclav Havel. Nas ruas de Praga correm, hoje, os sorrisos, as novidades, a convivência sem desconfianças. Mas o futuro poderá trazer sombras para a Checoslováquia e a viva esperança que habita a capital checa não tem equivalente perfeito nas zonas rurais, onde outra mentalidade impera.

Págs. 2, 3 e 4



Provedor de Justiça intercede por grevistas da fome
Pág. 13

Auto-Retrato de João de Melo
Pág. 9

A crónica de Umberto Eco
Pág. 9

Lotaria Popular
1.º 47821
2.º 337557
3.º 107123
4.º 5585
Pág. 18

roadstar
AUTO-HIFI

Som Digital em altifalantes auto



Representante em Portugal:

SOC. DE REP. SANTOS, GUIMARÃES & OLIVEIRA S.A.
Porto ☎ 9515003 • Lisboa ☎ 77 78 24

O primeiro passo foi dos estudantes de Praga, atrás deles seguiu gente do teatro, artistas, intelectuais, por fim o operariado entrou em cena e então foi o que se viu

Praga: a Revolução de Veludo feita pelos ternos bárbaros

GRANDE ANGULAR

Do nosso enviado especial

Perguntei: como chamam o que por aqui se passou entre o dia 17 de Novembro e o de hoje? A saber: 17 de Novembro, manifestação dos estudantes que queriam lembrar aquele mesmo dia há 50 anos, quando os estudantes de então tinham sido massacrados pelo ocupante nazi enquanto se manifestavam, em consequência disso, as universidades foram fechadas até ao fim da guerra. Por coincidência, a brutalidade exercida de novo, mas pela Segurança do Governo checo, hesitante e em agonia, ambos já dissolvidos, desencadeou o que se seguiu.

Chamam-na de várias maneiras, com diferentes metáforas que não faltam

agora, mas a designação mais repetida é «sametova revoluce», revolução de veludo. Quanto ao termo «ternos bárbaros», a segunda parte do nosso enunciado, pertence ao romancista vivo mais popular na Checoslováquia, Bohumil Hrabal (em português foi, há pouco, publicado dele, «Eu que Servi o Rei de Inglaterra», e mais se lhe seguirá). «Ternos Bárbaros» de Hrabal, uma ficção que não o é, mais uma respiração vital dos que vivem e falam e agem à margem.

Espírito que sopra

De facto, foi uma revolução de veludo, sem uma vitrina partida, sem caça a ninguém, repleta de imaginação, de

ternura, como que reflectindo o destino profundo de cada um e de todos, num colectivo unanimista; revolução moral, mas sem moralismo; de religiosidade, mas de uma maneira geral, leiga; alegria espantosa, mas cantabile. Tudo posto em questão: bárbaros, pois, mas que sabem dançar nos bicos das agulhas: os jovens, primeiro sem carapaça de ideologia frásista, práticos, descomplexados, rostos abertos, espíritos que sopra. Momento excepcional da História deste povo que transforma, pelo menos agora, tempo privilegiado, tudo: o eu, as relações humanas, o gosto pela vida, os traços da cidade de Praga.

O primeiro passo foi, pois, dos estudantes. Excelentemente organizados, intencionais, de um dia para o outro pararam as escolas; atrás deles, a gente do teatro, artistas, intelectuais, cada vez mais a alargar a dita base social, e quando o operariado entra no jogo, chegando dos subúrbios, cansados, cinzen-

tos e taciturnos, viu-se o que se viu. Praga, Bratislava, depois Brno, Hradec Králové, Ostrava, perto da fronteira polaca. A província? Mais discreta, não pela prudência que hoje já não é de uso, mas pelas vantagens que o regime oferecera à agricultura: os preços dos produtos agrícolas eram relativamente seguros e alto, proporcionando uma percentagem confortável e, também por essa razão, a situação alimentar era, e é, mais favorável do que na Polónia ou na União Soviética.

Quando o telefone toca

Se a marcha de liberdade começou, então, num dia de Novembro, que aliás é o dia Internacional dos Estudantes, para mim começou na semana do Natal com um telefonema. Hora: 9 e 30 h. Perguntam-me se quero acompanhar o Presidente Mário Soares a Praga, para a eleição do novo Presidente checoslovaco. Às 3 horas no aeroporto, já com o visto da

Embaixada, casaco quente, esse casulo de pele de camelo, duffle-coat inglês, sobrevivente da guerra, o mesmo que, um dia há mais de 41 anos, trouxe comigo, via Paris. Os nossos fiéis e verdadeiros testemunhos são os objectos: de Praga a Praga. Entre essas duas datas, uma vida e um duffle-coat...

Penso: é bom escrever neste momento em português. Apesar de língua amada, não é a materna: contém em si uma certa distância que me permite redigir com mais serenidade e, espero, objectividade. Porque de sonhos e de desejos de milhões de pessoas se trata. Porque... Mas o avião aterrou ainda em Francoforte e eu tive de dormir num hotel perto da estação, neutro e correcto como o inferno civilizado. Tenho, nessa noite, um sonho que repete o mesmo motivo: faço um embrulho mas o papel não chega. Recomeço de modo diferente: quase, mas não chega. E de novo. Até de manhã. Que os psicanalistas

se abstenham.

Começam as bichas

O avião desce, corta a neblina espessa. Vê-se a terra checa endurecida pelo frio, sem neve. Erva parca, triste. De Francoforte, uma hora de voo, vêm connosco vários jornalistas estrangeiros, rotineiros, entre Beirute e Bucareste, repórteres com câmaras e vídeos, um ou outro passageiro particular, de regresso. O aeroporto de Ruzyne é minúsculo, parece de província; com uma meia dúzia de aparelhos estacionados, como adereços. A pequena distância, que percorremos a pé, esperam-nos uma porta envidraçada. Subimos alguns degraus, a um canto um recipiente, molestando de lixo. Reconheço-o, não sei de onde, há 41 anos.

As bichas começam. Obrigatórias: para troca de dinheiro, autorizando apenas vinte dólares por dia; diante dos controlos de passaportes e vistos; os dados dos nossos documentos são transcritos à mão pelo funcionário, a fotocopiadora não funciona; a sala não está provida de telefone, em caso de urgência tem de se subir ao primeiro andar, onde há, de novo, um controlo.

Quem não tem à disposição um carro oficial vai de autocarro, de linha regular, rápido, ou de taxi branco especial, autorizado a estacionar no aeroporto, motorista da confiança do antigo regime.

Parámos, eu e a minha ocasional companheira de «Le Figaro», a meio caminho, fora da vista, para trocar dinheiro, dólares a um câmbio bem diferente do oficial, com o motorista. Tal como em Moscovo, é um jogo oficioso herdado de ontem.

Irmão Marx

O dólar oficial vale nove coroas, no mercado negro, de trinta a cinquenta. O ministro da Economia, Václav Komárek, declarou que vão libertar o dólar a 44 coroas. Aliás, o senhor novo ministro, membro do Partido, mas nos últimos anos em desgraça, dizem ser grande especialista da nova economia, herdeiro de Ota Sik, com sentido de humor raro em economistas, fisicamente a meio caminho de Troyski e de um dos irmãos Marx. O seu marxismo talvez não vá mais longe.

Como continuar? Ainda a deslizar no taxi branco, agora pela Praga monumental, com pouco tráfego, até chegarmos aos cais do Moldava, passármos a ponte Hlavka, de onde, a meio se pode descer

À MARGEM

Os atrasos de Dubcek

Dubcek, felicíssimo, quis passar o fim de ano na sua Eslováquia, à moda antiga. Abreviava todos os encontros marcados, mas a sua gentileza embarçava-o a tal ponto que chegou atrasado ao comboio, que prefere aos outros meios de transporte: «No comboio posso ler». Foi a casa no carro oficial. De Praga a Bratislava é como de Lisboa ao Porto. «Sabe, atrasáramos vinte anos, eu também me posso atrasar» - dizia sorrindo no já falado hotel Intercontinental. Pensa vir a Portugal. Disse-lhe que Portugal não é só de rosas.

O segredo dos Presidentes

No dia das eleições, à noite, um grande baile na Praça Velha: no meio, esmagada, a estátua de Jan Huss; à direita, quando se entra na Praça Venceslau, a loja do pai Kafka; à esquerda, de cima da Torre, os vigilantes Apóstolos do Relógio. Nesta massa humana de centenas de milhares de cidadãos, perdão, de senhoras e senhores, como todos se chamam agora mutuamente, em oposição aos antigos «camaradas», encontraram-se, não oficialmente, os dois Presidentes. Não se ouviu o que disseram um ao outro: havia uma banda, mais uma perfeita orquestra de New Orleans local, mais um «rock» checo, oficialmente tão mal amado. Grande noite. Perto, no Hotel Intercontinental, por cima do Moldava, diante da Faculdade de Direito («et pour cause»), estava Mário Soares.

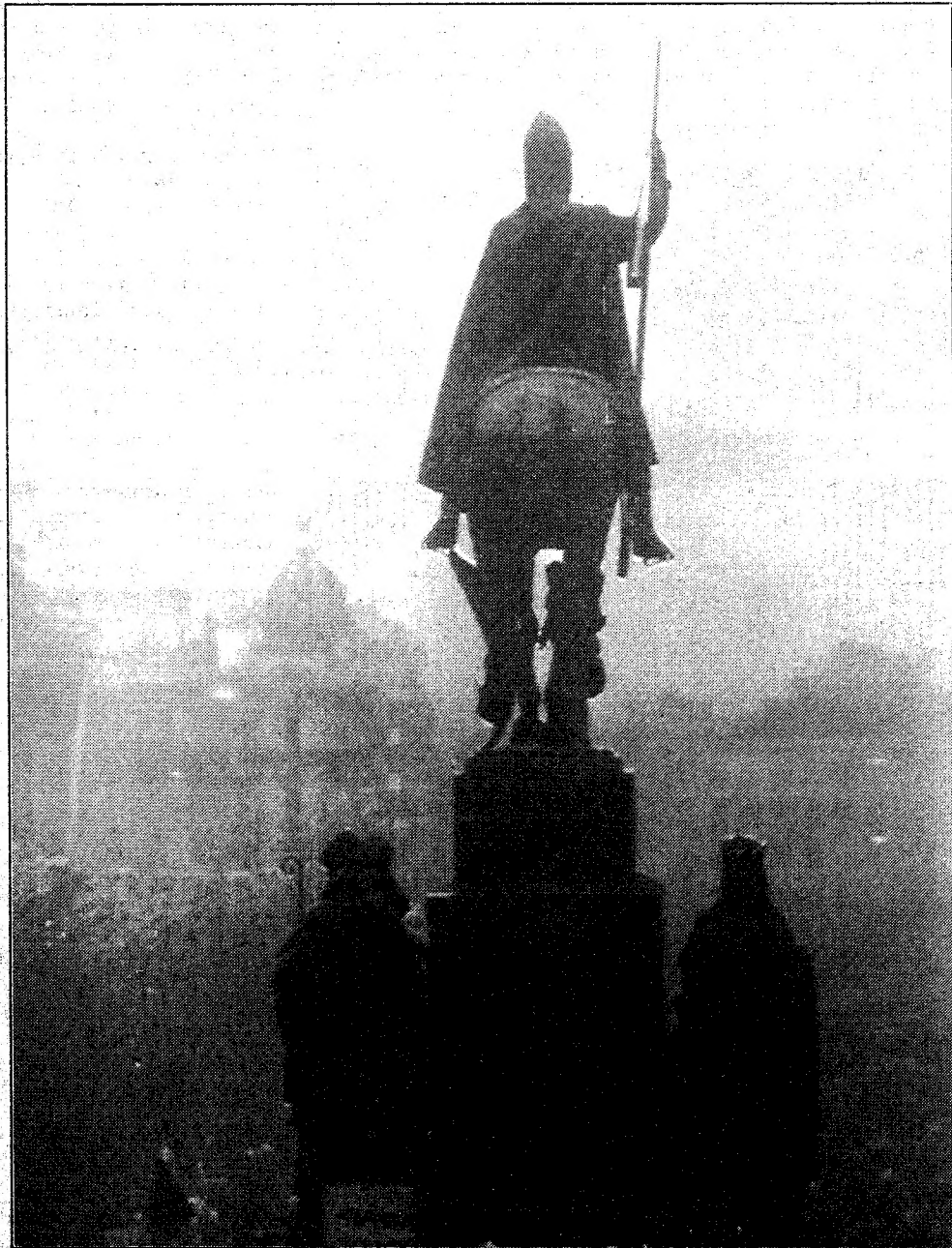
Cuidado com o artista!

Fabulosa história, sketch de quinze minutos, «one-man's show» foi o de Vaclav Havel, assegurando-se de que a televisão não estava presente no palco do estúdio do Teatro Nacional de Praga: um encontro solene entre os velhos amigos, actores, fazedores de teatro e afins. Palco e plateia, um espaço.

O tema: porque é que durante o desfile militar, depois da tomada de posse no mais alto cargo da Nação, as suas calças estavam arregaçadas, apesar de cortadas pelo firma do Estado, especialista em calças presidenciais? O que podia eventualmente ofender as Forças Armadas e os espectadores televisivos.

Um dia, vou reproduzir toda esta história a Mário Viegas.

Não há dúvida, a Revolução de Veludo tem o seu quê anarquista. Digo sempre, cuidado com os artistas...



«...monumento de São Venceslau, que é Vaclav como Havel»

COMENTÁRIO

À procura da memória perdida

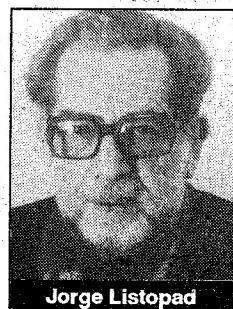
No Leste europeu as mudanças não são uniformes. Podemos, contudo, considerar todas como um autêntico processo de passagem do totalitarismo para a democracia. São processos diferentes, a democracia poderá tomar ainda várias formas.

A Checoslováquia é um dos países que estão a mudar. Depois da Polónia, da Hungria, da Alemanha Oriental, parcialmente da Bulgária, foi a vez de a Checoslováquia, uma semana antes da Roménia, esta, aliás, não teve o privilégio de acabar com o monopólio do Partido Comunista - tabu das últimas quatro décadas - sem um tiro, sem mortos. Aparentemente atrasada, a Revolução de Veludo, na Checoslováquia, foi rápida, eficiente, em geral amável, em alguns aspectos radical, embora não à primeira vista: a sucessão na Presidência da República de Vaclav Havel a Gustav Husak não significa apenas uma mudança de geração, de sensibilidade, de política, mas também uma ruptura ideológica.

Havel não só não é marxista, como nunca o foi e, provavelmente, nem sequer socialista é, em nenhuma das definições desta palavra - o que não significa que, como democrata, não colabore com todos os representantes políticos do seu país.

Se as mudanças têm ritmos, visíveis e imperceptíveis, diferentes e se os resultados são variados, não podem, porém, ser considerados definitivos. É preciso ir compreendendo o jogo de forças em cada um dos países que formulam a revolução. Ora, o milagre checoslovaco é que a sua revolução não teve apoios fortes; não englobou tão colectivamente o operariado, como na Polónia o «Solidarnosc»; a vida pública não era influenciada pela Igreja Católica, como entre os polacos; o partido comunista não produzia dissidentes de envergadura, como na Hungria; o paraíso capitalista não seduzia tão dolorosamente como na Alemanha Oriental, nem a situação económica forçava ao desespero.

Então, poderá perguntar-se de que é feita a Revolução de Praga. A resposta não deverá ser, evidentemente, unidimensional. No entanto, dois elementos característicos, de certo complementares, se desenham já: o de uma juventude a inventar o futuro, mas à procura da memória, uma memória personificada pelo primeiro presidente da República checoslovaca, Tomas G. Masaryk, político e filósofo ímpar, que simboliza aqueles momentos felizes de democracia plena, vividos entre as duas Guerras - o que nunca aconteceu na maioria dos outros países da Europa Central, agora sujeita ao temporal da democratização, à Primavera da democracia.



Jorge Listopad

Praga milhares de escritos, colados e pendurados em todos os lugares, para não suarem as paredes, quase nunca repetidos, folclore desta revolução. Sérios, alegres, nunca ofensivos, muitas vezes meditativos sobre a condição humana, a liberdade, os moínhos de Deus que moem devagar mas de modo infalível, ou «quem foge ao golpe lhe dá razão», ou «vou comprar um passe de metro se Havel for Presidente» (assinado: «incorrigível passageiro clandestino»).

Desço à Praça. Há uma bicha muito disciplinada e ponho-me nela para comprar o segundo número do novo jornal social-democrata «Právo Lidu», ainda feito à pressa, com diletantismo e paixão. Os jornais, além do do Partido Comunista, «Rudé Právo», estão esgotados desde uma hora matinal. Vou tomar alguma coisa no primeiro «snack» que encontro. Os contactos com as pessoas, mesmo os mais banais, são extremamente agradáveis, todos bem-dispostos, visivelmente encantados de viver a utopia e de serem permanentemente informados de boas novas, de acordar de manhã e ser tudo verdade, como me confiou a minha irmã.

A beleza é outra

A Praça Venceslau parece-me mais pequena do que dantes. É natural. Em baixo da «baixa», no antigo Palácio da Seda Lionesa, que depois foi não sei de quê, está agora a sede do Fórum Cívico. Entramos, saímos, a casa é de todos. Quem precisa de informações, de fotografias, de documentos, de consolo, de programados projectos transcritos num organograma claro, é benvindo, venha

Jorge Listopad

continua na página seguinte



«Muitas flores, muitas velas que a gente acende num ritual...»

à ilha Stvanice, onde houve o famoso hóquei no gelo anti-soviético em 68 e onde, no Verão, jogávamos ténis e o pai do ex-campeão mundial de boa memória, Jaroslav Drobný, era o encarregado. Mostro à jovem correspondente de «Le Figaro», ainda do taxi, a casa de seguros, o emprego de Kafka. Não, não interessa.

Como continuar então? Descrever o hotel de luxo, embora relativo, Fórum

Praha? No hall encontro já outros amigos de fora, de volta à pátria. Maçada.

O melhor é dar um passeio, ir de metro, bastante agradável, até à estação «Museu». A palavra pode enganar. Estamos na Praça Venceslau: ao cimo, alinhados, o Museu, o Parlamento, a Ópera. Diz-se, por isso, que o parlamento é qualquer coisa entre ópera e museu. Duas da tarde, frio seco. Muita gente em todo

esse espaço-fétiche, mas uma verdadeira multidão, à volta do monumento de São Venceslau, que é Vaclav, como Havel.

Viver a utopia

Muitas flores, muitas velas que a gente acende num ritual, uma após outra, em memória de Palách e dos estudantes feridos, alguns deles ainda no hospital. Alguém recita versos. Muitos escritos. Aliás, em toda a



Acendem-se velas e lá está, entre elas, o retrato de Havel

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Montelero e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção **Acácio Barradas**
Chefes de redacção-adjuntos: **José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho**

Redactor-principal **João Paulo de Oliveira**
Coordenadores de Secção: **Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guilomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão**

Redactor-paginador **António Ribeiro Ferreira**

Redacção e reportagem fotográfica: **Alminda Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Campones, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almada, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco**

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraiso, Isabel Joyce e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas: **Ribeiro da Silva (coordenador), Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores: **José António Carvalho, Jorge Santos, Nuno Teixeira e Óscar Figueiredo**

Secretária de Direcção **Maria Eduarda Soutello**
Secretaria de Redacção: **José Agostinho (coordenador), António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade **Luísa Valadas**

Gestor de Informática **Luís Cantelero**

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.



PORTE PAGO

A Revolução de Veludo na Checoslováquia

continuação da página anterior
onde vier. Cá fora, em vídeos, projectam-se permanentemente cenas das recentes repressões policiais, afinal toda a história da Revolução de Veludo. Quem não viu com os próprios olhos, sobretudo as pessoas da província, podem observar essas imagens punjentes, deformadas tecnicamente porque captadas em condições precárias, da luta de rua.

Os velhos bairros resplandecem: a beleza é convidativa, os recantos de amantes e alquimistas, tudo, para minha surpresa, bem restaurado. Como se aqui se preparassem encontros fora do tempo, os acasos de que falava Apollinaire, só aqui se pode, segundo um poeta checo, «muito ler, não pouco sonhar e algo compreender».

À noite é pior

Praga, durante esses dias tem sido visitada por muitos estrangeiros: alemães, italianos, nórdicos. A Ponte de Charles, a estatuária sobre o Moldava, era como a Torre de Babel ao comprido.

À noite é pior: todos os poucos restaurantes típicos, alguns de grande tradição culinária e até histórica, com nomes engraçados, medievais ou surreais, porque em Praga tudo se encontra ligado, estão ocupados ou telefonicamente reservados. Para me alimentar pelo menos uma vez por dia a sério, fui obrigado a recorrer a falar línguas estrangeiras. Mesmo assim...

Apesar do verdadeiro culto



Vaclav Havel

que lhe dedica a população, Vaclav Havel passa incólume por essa febre: não perde minimamente a cabeça, não quer prolongar o seu mandato para além do tempo das eleições, sabe onde está, embora esteja em sítios muito variados, sabe como está, assemilha-se às situações sem perder a sua personalidade: um corajoso e teimoso intelectual, inteligente e calmo, integral. Ele próprio tem o pendão de desmitificar as lendas e de desmitificar a sua pessoa: acalma os espíritos

exagerados.

A Incansável gentileza de Vaclav

No primeiro dia do ano, almoçamos de improviso, uma dezena de pessoas, artistas, ministro da Cultura, a bela ministra da Justiça, o director de Teatro, com Havel, no foyer do teatrinho «Na Zábřadli», onde o actual Presidente foi um certo tempo, noutro tempo, entre duas prisões, maquinista. Nós sentados, gente de pé à nossa volta. Comemos de um único

prato, cada um manobrando o seu garfo. Ternos bárbaros, pois. Porém, alguém sugere que Havel se sente do lado oposto da mesa para poder ser visto por boa centena de admiradores, amigos e curiosos que encheram o foyer. Respondeu: «Então não me vêem em todas as paredes?»

A ironia leve, a incansável gentileza, a naturalidade, mas também a exactidão e o rigor e o sentido político exemplar o seu discurso de três únicas frases lapidárias improvisadas, depois de ser eleito Presidente. Tenho a tradução à disposição dos politólogos.

Portanto, almoçamos, falamos, ele já de novo em jeans e com pullover. Tive a oportunidade de lhe contar um pouco sobre o espectáculo que Luzia Maria fez do seu texto, de lhe dizer que talvez os finalistas do Conservatório representem uma outra peça sua e que um editor queria publicar os seus ensaios, de «samizdat». Como resposta, sorriu: «Good-bye, samizdat».

De cerimónia a cerimónia, deu-me boleia, informal. Um dia conto, só para os amigos.

E agora, Vaclav?

E agora? E agora, Vaclav? Resposta: eleições. Actualmente vive-se do primeiro sopro...

Só depois do que venha irá começar o discurso ideológico e a destrinça. O estado de graça acaba um dia. Expulsos do paraíso, de Shangri-la, da revolução de veludo, como está escrito, os futuros eleitores livres vão viver os primeiros tempos de novas

GRANDE ANGULAR

experiências, da nova política, de economia diferente, de outros táxis, vão considerar os problemas da tecnologia atrasada, da burocracia avançada, vão ler novos jornais e ver nova televisão que, aliás, deitou fora o programa inteiro preparado para o réveillon e improvisou ao vivo, com relativo êxito. Para alguns se desenha até uma nova Europa Central.

Os partidos para as eleições que se farão, são provavelmente os seguintes: um que desagua do Forum Cívico, organização ainda particular (aliás, o anfitrião de Mário Soares); um Partido Comunista renovado; um Partido Socialista Checo inspirado na tradição do Partido Radical de França; um Partido Social-Democrata, este mais à esquerda do que o anterior, e um Partido Popular com afinidades com partidos cristãos, tendo, neste momento, o melhor jornalismo. Segundo alguns futurólogos precoces adivinharam, os resultados das eleições serão pela ordem com que apresentei aqui estes partidos. É a província que dará os votos ao PC.

Não foi um capítulo, mas sim um livro inteiro que se fechou. O processo que se desenvolveu durante tantos anos por inércia e que em patologia social se chama histéria, porque perdeu a causa primeira, o socialismo, acabou. Mas eu não acabo a prosa. A realidade dinâmica continua.

Até à próxima!

J. L.



...«foi uma revolução de veludo, sem uma vitrina partida, sem caça a ninguém, repleta de imaginação, de ternura...»

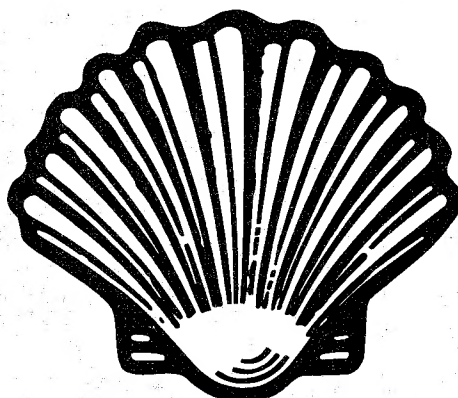
80 ANOS

EM PORTUGAL

ENERGIA EM EVOLUÇÃO.



1910-1929



1930-1947



1948-1954



1955-1960



1961-1970



1971-1990



**80 Anos de Energia
para uma Vida
Melhor**

1910 foi o ano em que um empresário britânico de grande visão comercial, tendo acompanhado os primeiros passos da indústria petrolífera em Inglaterra onde desenvolvera íntimos contactos com o Grupo Royal Dutch/SHELL, fundou em Portugal uma sociedade destinada à comercialização de produtos petrolíferos.

Era a "The Lisbon Coal and Oil Fuel Company Limited" registada em 26 de Outubro de 1910, com sede em Lisboa.

Com o crescimento do negócio surgiu, 10 anos mais tarde, a então designada "Companhia SHELL", pouco depois da entrada em funcionamento da primeira grande instalação de armazenagem da SHELL, situada na margem sul do rio Tejo no lugar de Banática, frente a Lisboa.

Veio depois a década de 1930, marcada por uma grande expansão da Companhia que, entretanto, passou a designar-se "SHELL Company of Portugal". Surgiram novas instalações nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto e também em Castelo Branco, Estremoz, Évora e Barreiro; novos e bem equipados postos de abastecimento ao longo das estradas de todo o Portugal passaram a satisfazer o consumidor que preferia os produtos SHELL; e, os primeiros serviços de abastecimento a aeronaves entraram em funcionamento.

Após a guerra 1939-1945, assiste-se a uma nova fase expansionista com a construção de novas e importantes instalações - Cabo Ruivo na zona industrial de Lisboa, Praia Formosa na Ilha da Madeira e por fim Matosinhos. Estava já constituída a SHELL Portuguesa, sociedade anónima que na actualidade ocupa em Portugal o primeiro lugar entre as empresas privadas - não só do sector petrolífero, mas também a nível geral - e mantém uma posição de prestígio pela qualidade dos seus produtos e serviços - desde o Minho e Trás-os-Montes ao Algarve e em todas as ilhas dos arquipélagos dos Açores e da Madeira.

1990 é a comemoração de 80 anos de energia e de evolução para uma vida melhor e a certeza de continuado contributo para o crescimento e desenvolvimento de Portugal.

Inquérito - Sondagem «Diário de Lisboa» - Euroteste

Qual é o volume do seu rendimento normal, ou seja, do seu salário e de outros rendimentos?

	REGIÕES					
	TOTAL	Grande Lisboa	Grande Porto	Litoral	Int. Norte	Int. Sul
Menos 20	17,7	3,5	23,2	19,0	26,6	24,2
20 a 39	23,2	18,1	19,8	25,0	30,3	22,0
40 a 59	22,2	16,8	17,2	27,3	19,3	25,3
60 a 79	10,5	15,8	10,9	7,5	8,3	12,0
80 a 99	5,5	3,5	10,0	8,0	0,7	4,0
100 a 119	3,1	4,0	7,4	1,7	2,7	2,4
120 a 139	1,0	2,1	1,1	1,1		
140 a 159	1,0	1,5	0,6	0,7	1,4	0,7
160 a 179	0,2	0,3	0,4	0,3	0,1	0,2
180 a 200	0,2	0,6			0,3	
Mais de 200	0,6	2,1		0,1	0,3	
NS/NR	14,8	31,8	9,3	9,4	10,1	9,2

	Idades			Sexo	
	15/34	35/54	+55	Masc.	Fem.
Menos 20	7,7	7,3	43,1	12,5	22,3
20 a 39	21,1	20,0	29,8	21,0	25,2
40 a 59	25,3	30,0	9,2	27,7	17,3
60 a 79	14,6	11,9	3,3	14,8	6,6
80 a 99	6,9	7,1	1,7	6,0	5,1
100 a 119	3,4	4,5	1,1	3,4	2,8
120 a 139	1,3	1,3	0,3	1,8	0,4
140 a 159	1,6	0,7	0,3	1,3	0,7
160 a 179	0,4	0,1	0,2	0,3	0,2
180 a 200	0,3	0,2		0,3	0,1
Mais de 200	1,3	0,1	0,2	0,7	0,5
NS/NR	16,0	16,7	10,8	10,2	18,9

Acha que a empresa onde trabalha paga muito bem, bem, mal ou muito mal?

	REGIÕES					
	TOTAL	Grande Lisboa	Grande Porto	Litoral	Int. Norte	Int. Sul
Muito bem	3,0	1,7	1,9	6,5		
Bem	29,7	28,1	36,7	31,7	25,6	23,4
Mal	30,6	29,2	23,5	27,5	39,2	43,3
Muit mal	6,0	6,5	5,6	4,3	7,7	8,5
Nem bem nem mal	25,5	25,9	29,7	26,2	25,8	18,7
NS/NR	5,2	8,5	2,6	3,8	1,7	6,1

	CLASSES				
	Total	A/B	C1	C2	D
Bem	29,7	37,2	29,8	24,8	26,1
Mal	30,6	18,6	25,1	39,6	64,3
Muito mal	6,0	9,7	5,4	3,3	9,7
Nem bem nem mal	25,5	16,8	32,0	28,6	
NS/NR	5,2	10,8	4,1	3,8	

	Idades			Sexo	
	15/34	35/54	+55	Masc.	Fem.
Muito bem	3,1	2,9	3,7	3,2	2,8
Bem	29,9	30,5	21,1	30,2	28,7
Mal	34,7	26,0	23,1	32,3	27,2
Muito mal	5,9	4,6	17,6	5,2	7,6
Nem bem nem mal	18,3	35,2	26,9	26,0	24,5
NS/NR	8,0	0,9	7,6	3,1	9,2

A empresa onde trabalha exige-lhe que não trabalhe em mais nenhum outro sítio?

	REGIÕES					
	TOTAL	Grande Lisboa	Grande Porto	Litoral	Int. Norte	Int. Sul
Sim	13,1	12,0	35,4	11,0	6,5	2,5
Não	81,9	80,9	57,2	84,9	87,5	97,5
NS/NR	5,0	7,1	7,3	4,1	6,1	

Os Portugueses

Não é novidade para ninguém que os portugueses estão mal pagos. Mais de 60 por cento ganha menos de 59 mil escudos por mês, ou seja, o mesmo que os espanhóis recebem como salário mínimo. Mas apesar dos seus fracos rendimentos, eles não se queixam muito. Resignam-se. E quando o dinheiro, mesmo bem esticado, não chega até ao fim do mês, a solução é arranjar um pequeno biscate

Mal pagos, resignados

A população portuguesa pertence, na sua maioria, às classes baixa e média inferior. De acordo com os dados da nossa sondagem, 63,1 por cento dos inquiridos ganham menos de 59 contos, e desses 17,7 por cento menos de 20 mil escudos mensais. Apesar de tudo, quando lhes pedimos opinião sobre as remunerações pagas pelas empresas onde trabalham, recebemos respostas bem curiosas. Na realidade, se juntarmos a percentagem dos que se consideram bem pagos com a daqueles que escolhem a opção do «nem bem nem mal», concluímos que 55,2 por cento do total está pelo menos resignado com os rendimentos de que afigere. Plenamente satisfeitos com a sua situação de muito bem pagos estão, contudo, apenas 3 por cento dos inquiridos.

O Interior Norte e Sul e a faixa etária acima dos 55 anos constituem os estratos populacionais que apresentam a maior percentagem de inquiridos com menos de 20 contos mensais. Tal fica possivelmente a dever-se ao facto de estes grupos serem constituídos maioritariamente por pequenos agricultores e reformados, cujos baixos rendimentos são por demais conhecidos.

Talvez mais surpreendente é o facto de o salário situado entre os 20 e os 39 contos aparecer, em 23,2 por cento da população, como sendo o recebido ao fim do mês. Esta classe vive sobretudo fora dos grandes centros urbanos, embora a região do Grande Porto também apresente uma taxa considerável de pessoas com esta remuneração.

A Grande Lisboa apresenta-se aqui como «a cidade dos ricos», possivelmente pela concentração de quadros na capital. Apenas 3,5 por cento dos inquiridos afirmam receber menos de 20 contos mensais e, por outro lado, uma percentagem de 2,1 por cento ganha acima dos 200 mil escudos por mês.

Os «milionários» não são apenas os lisboetas, mas também os jovens entre os 15 e os 34 anos, 1,3 por cento dos quais declara ganhar

acima das duas centenas de escudos. O nível de instrução mais elevado é talvez a justificação para este resultado.

Apesar de mal pagos, apenas 12,4 por cento dos inquiridos que trabalham por conta d'outrem (35,9 por cento do total) declaram recorrer ao trabalho secundário. Trata-se, uma vez mais, de um dado algo surpreendente que se pode possivelmente atribuir ao facto de as pessoas, em geral, não gostarem de admitir que fazem uns biscates por

fora. No entanto, em 81,9 por cento dos casos, declaram que as empresas onde trabalham não lhes exigem exclusividade.

A percentagem dos que trabalham fora de horas aumenta no exterior dos grandes centros - onde as pessoas, depois de saírem dos empregos se dedicam à agricultura - na classe mais baixa, na faixa etária dos 35 aos 54 anos - geralmente o grupo dos que têm família para sustentar - e entre os hom-



Belmiro de Azevedo: quanto ele ganha ao certo ninguém saberá...

Os marginais da Boutique

Fazer compras na «Boutique de Alcofa» tornou-se uma prática tão comum nos últimos anos que já ninguém pensa nisso como uma actividade marginal. Pode mesmo dizer-se que ir aos ciganos se tornou uma moda. Veja-se a popularidade das feiras de Carcavelos onde, a par das pessoas pertencentes a classes mais baixas, se encontram os «meninos da Linha», comprando as T-Shirts e os calções com que irão para a piscina da Quinta da Marinha.

A actividade comercial é,

sem dúvida, a face mais visível da economia paralela. Surge com maior força após o 25 de Abril, os vendedores ambulantes pululam um pouco por toda a parte, desde as feiras de província às artérias principais da capital. Instalados nos locais de maior comércio, eles rivalizam com os outros comerciantes com tal desfaçatez, que se instalam bem às portas das lojas, vendendo frequentemente produtos com as mesmas etiquetas.

Os vendedores ambulantes não são, todavia, os úni-

cos protagonistas da chamada economia subterrânea. Na realidade, este tipo de economia atinge tantos sectores quantos os abrangidos pela actividade legal, diferenciando-se apenas pelo facto de não entrar na contabilização do rendimento nacional.

A declaração de uma produção ou de um rendimento menores do que os reais, os salários não declarados, o trabalho por conta própria nas horas vagas e o contrabando, bem como as actividades marginais - caso da

prostituição - constituem terrenos vivos de uma economia que subsiste lado a lado com a legal e que contribui em muito para que o país, no seu todo, de mantenha com mais saúde.

De acordo com um estudo efectuado em 1984 pelo Banco de Portugal, calculava-se que a economia paralela representava, em 1981, cerca de 11 por cento da riqueza nacional. Caracterizada, no referido estudo, como «amortecedor» da crise económica, a economia paralela é considerada como um dos factores da

e o Dinheiro (6)

e biscateiros

ens.

A maioria dos portugueses - 62,8 por cento - prefere trabalhar por conta própria. Esta tendência acentua-se nas classes mais baixas, mais vocacionadas para o pequeno comércio, agricultura e trabalhos de construção civil, na faixa etária com mais de 55 anos e entre as mulheres, facilmente justificável se nos lembrarmos da grande quantidade de empregadas domésticas e costureiras, por exemplo.

Os rendimentos do trabalho ultrapassam em larga escala os provenientes de outras fontes: 73,3 por cento para os primeiros e 5,8 por cento para os segundos. Mesmo no caso das pessoas que não contam exclusivamente com o salário, 57,6 por cento declaram que este representa mais de 41 por cento dos seus recursos. De salvaguardar o caso do Interior Norte, onde os salários não ultrapassam os 11 a 20 por cento dos rendimentos totais. A prática da agricul-

tura de subsistência contribui, com certeza, para esta resposta.

A sondagem Euroteste/«DL» foi, assim, mais longe, procurando saber quem trabalha por conta própria ou é assalariado, quem recorre ao trabalho secundário e qual a percentagem dos rendimentos do trabalho nos rendimentos totais. A não publicação dos referidos quadros deve-se exclusivamente a condicionamentos de espaço.

Dina Soares



Viver a ganhar 32 contos por mês

Será possível viver com um rendimento mensal de 12 contos? Ou mesmo com 32 contos? Alguém conseguirá viver condignamente com 32 contos por mês? Condignamente não aúfer, mas do que existe, exista. Nada mais nada menos do que 152 mil pessoas, ou seja, 10,5 por cento da população portuguesa. Se a esta percentagem juntarmos os 40,5 por cento que recebem entre 32 e 64 mil escudos mensais, apercebemo-nos de que um total de 733 mil pessoas, exactamente 51 por cento da população activa portuguesa apenas recebe, no máximo, dois salários mínimos mensalmente.

Mas há mais. Estes valores, encontrados através das declarações de rendimentos para efeito do pagamento do Imposto Complementar de 1987 acabam, com certeza, por não ilustrar fielmente a realidade. Muitos são aqueles que não preencheram a declaração uma vez que nem sequer ganham o suficiente para existirem no reino do fisco.

A vida é, contudo, feita de contradições. E se muitos gostariam de conseguir figurar nas listas do mundo fiscal, a verdade é que a maioria faz tudo para de lá sair ou, pelo menos, para passar despercebido. Assim, são 64, apenas 64, aqueles cujos rendimentos ultrapassam os 1430 contos por mês. E destes, apenas nove admitem auferir mais de 50 mil contos por ano, isto é, uma média de 3570 contos mensais.

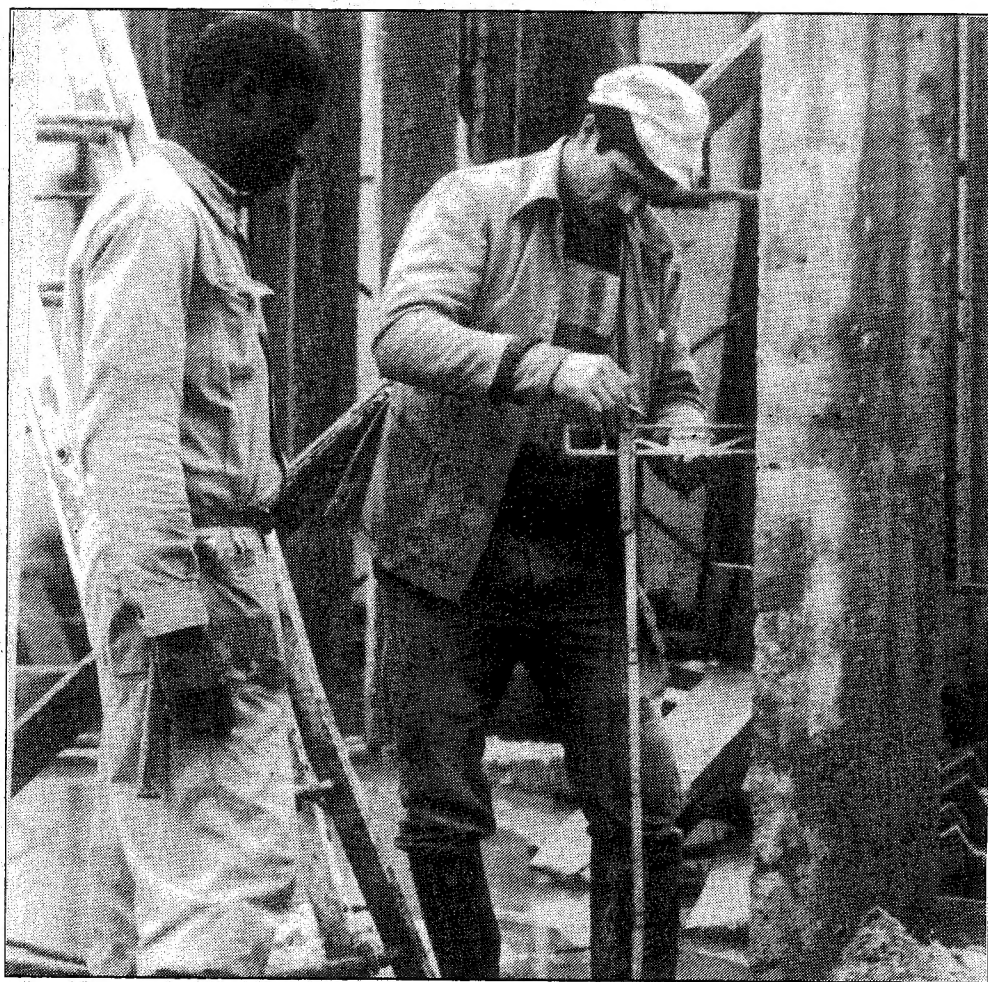
Neste capítulo, e uma vez mais, os dados fornecidos pela Direcção-Geral das Contribuições e Impostos pecam certamente por defeito. Já nos escalões imediatamente anteriores, a situação é, provavelmente, inversa. Através de malabarismos contabilísticos, grande parte dos muito ricos transformam-se, assim, apenas em ricos, indo engrossar o número dos que recebem, em cada mês, entre 180 (ou mesmo 100) e 1440 contos.

A vulgarmente designada classe média (alta e inferior) é - de acordo com os rendimentos declarados para o extinto Imposto Complementar -

constituída por 43,4 por cento dos contribuintes. São estes que compram os pequenos andares, os carros económicos, que passam férias no Algarve em quartos alugados e que mandam os filhos para as escolas privadas durante o ensino básico. Os seus rendimentos variam entre 64 e 178 mil escudos.

Face a tudo isto, os portugueses sentem-se mal pagos? Já vimos através da nossa sondagem que sim. No entanto, recorde-se uma outra sondagem publicada há uns meses pelo «Semanário». De acordo com os dados então divulgados, 23,2 por cento dos habitantes do Interior Sul consideravam que um rendimento mensal de 20 contos seria suficiente para a sobrevivência de uma família de quatro pessoas. Nas maiores cidades portuguesas - Lisboa e Porto - esta quantia aumentava para entre 80 e 100 contos. Pouca ambição para quem declara sentir-se tão mal pago.

D. S.



... o mesmo não acontece com os operários, cujo salário tem que ser bem contado para chegar até ao fim do mês

de Alcofa

«capacidade de encaixe» das sociedades em crise.

Manuel Villaverde Cabral, no seu estudo «A economia subterrânea vem ao de cima», considera que só a partir do 25 de Abril, e particularmente no final dos anos 70, é que as pessoas começaram a ter consciência do fenómeno da economia paralela. Para este historiador e sociólogo, a revolução foi de certa forma responsável pelo recrudescimento desta actividade, na medida em que a liberalização política arrastou consigo uma certa liberalização económica.

No mesmo estudo, o antigo director da Biblioteca Nacional entrevistou 179 feirantes ao longo do ciclo anual de um mercado situado a 60 quilómetros de Lisboa, tendo concluído que apenas 40 por cento dos entrevistados exercia aquela actividade a tempo inteiro. Dos restantes 107, 40 por cento eram feirantes a título principal, tendo como actividade secundária a agricultura, o artesanato ou a indústria. Os restantes 66 feirantes eram-no apenas ocasionalmente. Dois terços deles tinham na agricultura

a sua actividade principal.

Embora intensificada com a crise, a economia subterrânea não pode, assim, ser considerada apenas como um factor prejudicial da economia de um país. Na verdade, a sua proliferação tem permitido, muitas vezes, a sobrevivência ou a melhoria das condições de vida de muitas pessoas que não têm lugar nas actividades ditas legais, evitando desta forma que se concretizem situações de ruptura aparentemente inevitáveis.

D. S.



Ciganos: o pronto a vestir dos pobres

Os portugueses e o dinheiro (6)

As feiras são, por excelência, os terrenos vivos da economia paralela. Palco de transacções comerciais consideráveis, elas são a saída para os que ou estão desempregados, ou não ganham no seu emprego o suficiente para todas as despesas.

O hipermercado dos pobres

«Olha a toalha da ilha da Madeira, fabricada por milhares de meninas orfãs de pai e mãe» - anuncia a cigana através do seu altifalante - «Se fossem a uma loja custava uns vinte contos, mas aqui não custa quatro, nem três, nem dois, só um conto e quinhentos. E quem não tiver dinheiro pode pedir empre-

tado que eu aceito».

É assim todos os domingos. De madrugada começam a chegar as largas centenas de feirantes que vão montando as suas tendas, sempre no mesmo lugar porque ali quem não respeita arranja confusão. Passado algumas horas, quando está tudo cheio desde a rotunda do Relógio

até ao Poço do Bispo, chegam os primeiros compradores e tudo se anima. Estamos na Feira do Relógio que, aos domingos de manhã, se transforma no maior centro comercial de Lisboa.

«Há de tudo para todos» seria a frase que melhor descreveria aquele recinto. Desde produtos hortícolas,

carne, peixe e vinho, até roupas, textéis para o lar, louças e aparelhagens de alta fidelidade, cassetes «com selo e garantidas», animais vivos, móveis e bugigangas em segunda mão, não esquecendo os famosos couratos e frangos assados acompanhados por copos de vinho, há mesmo de tudo.



Vale tudo para fazer mais uns cobres... mesmo a venda de velhas fichas eléctricas

Paulo Paulino é talvez um dos mais antigos feirantes do Relógio. Embora bastante jovem - tem apenas 24 anos - já há doze que se dirige todos os domingos àquele recinto para vender roupa. Ser feirante não é, contudo, a sua ocupação principal. De segunda a sexta trabalha numa loja, mas como o ordenado não chega para as despesas, tem que ter aquele «gancho».

Esta situação repete-se com uma boa parte dos vendedores que ali se encontram. Alexandre (que não diz o apelido para o patrão não o reconhecer) é, durante a semana, um simples empregado de pronto-a-vestir. Aos domingos transforma-se no Rei das Camisas. «Os ordenados são pequenos e a gente tem que se desenrascar», explica, ao mesmo tempo que vai anunciando as camisas baratas. No entanto, o negócio também não parece render muito, e Alexandre optou por vender só no princípio do mês, quando as pessoas ainda têm dinheiro.

Lado a lado com estes amadores de feirante encontram-se os profissionais, aqueles que fazem da venda ambulante o seu modo de vida. O jovem António Gomes, de 19 anos, trabalha

numa grande barraca de calçado. Intitulando-se orgulhosamente como encarregado dos empregados, ele conta-nos que o seu patrão circula pelas feiras da região de Lisboa todos os dias menos à terça-feira em que o negócio está fechado para descanso do pessoal. Quando lhe perguntamos se espera ficar toda a vida a vender em feiras, ele limita-se a responder que já teve mais esperanças de que isso não acontecesse.

Os ciganos são, todavia, os reis da feira. Embora se dedique ao comércio por tradição, esta raça também não teria grandes possibilidades de optar por outra profissão dada a desconfiança de qualquer pessoas em dar-lhes emprego. Maria de Fátima é uma das centenas de ciganas que se dedica a 100 por cento à vida de feirante. No entanto, o negócio cada vez lhe corre pior. «Não querem que a gente trabalhe em lado nenhum, querem proibir tudo, e isto cada vez está mais fraquinho», queixa-se acrescentando, ainda, que a concorrência cada vez é maior pois «quem tem empregos ganha mal e depois vem para aqui estragar a vidinha à gente».

D.S.



2º Aniversário Investimentos em bens de raiz

O FUNDO VIP - Fundo de Valores e Investimentos Prediais é a resposta certa para os investidores que prezam e procuram a Eficiência e a Segurança. Constituído por um património sólido e seguro - bens de raiz - terrenos e prédios de arrendamentos seleccionados e de crescente valorização, garante, no presente e no futuro, rendimentos acrescidos do capital investido.

As poupanças aplicadas no Fundo Vip beneficiam da segurança de um investimento de médio prazo com valorização assegurada. Da distribuição trimestral de rendimentos através de crédito automático. Do reinvestimento dos rendimentos recebidos isento de comissão. Numa palavra, a valorização com Eficiência e Segurança. INVISTA FUNDO - INVISTA VIP.

Taxa de Valorização Anual de 18,2%



MONTEPIO
GERAL



BANCO PENSECAS
BURNAY

BANCOS DEPOSITÁRIOS

SILVIP - Sociedade Gestora do Fundo de Valores e Investimentos Prediais (FUNDO VIP), SA.

SEDE E ESCRITÓRIOS: Av. Fontes Pereira de Melo, 639 - 1000 LISBOA - Telefones: 52 03 11 • 57 46 51 • Telex: 13603 CONSTRP • Telefax: 53 93 58

FORUM

AUTO-RETRATO

O auto-retrato é um desafio que o DL está a lançar às mais diversas personalidades da vida pública portuguesa. Duas vezes por semana está nestas páginas. Hoje é a vez de João de Melo

Há quem diga que a sua ficção incorre sobretudo no risco de não o parecer. Ou seja, que os seus livros resultam tão próximos de um mundo pessoal e das vicissitudes da própria vida, que o melhor seria catalogá-los sob a fórmula de uma autobiografia sublimada pelas fantasias e pelos caprichos ou virtudes da imaginação.

As pessoas dizem-no por uma espécie de dedução preguiçosa. Em obediência a uma lógica de literatura excessivamente intuitiva. E por isso mesmo acreditam que, pelo facto de ele ter nascido nos Açores (1949) e aí ter permanecido até aos 11 anos de idade, abriu mão desse mundo primordial, limitando-se a vertê-lo num título: *O Meu Mundo não é deste Reino* (1983). E que, por se ter, desde então, separado da sua família (numerosa, camponesa, mais tarde levada pelos destinos açorianos da emigração para o continente americano) não fez mais do que escrever-lhe a saga errante (*Gente Feliz com Lágrimas* - 1988) e envolvê-la nas conhecidas mitologias portuguesas deste fim de século. Dizem ainda que, por ter feito a guerra colonial em Angola (1971-1974), perfilhou dela uma visão sensível, determinante, porventura radical, nos romances, novelas, contos e antologias que sobre ela publicou.



João de Melo

Nada disso é certo nem falso - nem rigoroso. Primeiro, a lógica da vida não coincide nem com o arbítrio, nem com o imaginário, nem com as convenções da Literatura. Segundo, para ele, escrever talvez seja uma forma compensatória, uma razão superior, um destino escolhido sobre as contingências e efemeridades da vida. Terceiro, o sentido que nele mais depressa funciona, nessa passagem da vida à escrita, é, sem dúvida, o ouvido: ouvir para crer, e crer para imaginar - eis o ponto de partida de uma sensibilidade que dá corpo, raiz e substância, a essa aproximação recíproca da vida com a Literatura e vice-versa (repare-se na grafia das duas palavras). Quarto e último: a questão dos géneros literários foi entre nós posta em causa desde os Românticos - e não lhe merece crédito a ideia de um retorno a essa disciplina.

Mantém, é certo, algumas «obsessões» temáticas. Em última análise, diz-se, todos os escritores as têm. Mas, se reincide nos temas, o mesmo não acontece nos seus registos - sendo difícil provar que se repetiu. Escrevendo sobre a sua ilha, teve sempre a tripla intenção de: 1) instituir os Açores como símbolo e memória de um país que deixou dispersos ou esquecidos pelas sociedades periféricas alguns dos seus enigmas históricos; 2) subverter a tradicional geografia literária de um povo que se foi aquartelando nas grandes cidades e por isso rasura as suas origens geográficas e culturais e não

conhece a fundo a sua identidade; 3) provar que nada há de incompatível no facto de inverter o jogo ficcional, partindo da periferia açoriana para o centro (de Lisboa) e sendo, sucessivamente, um escritor açoriano, português, europeu - mas desejando, em absoluto, ser lido e estimado e entendido em qualquer país da Terra. Claro que, sendo mais sensível ao aplauso do que aos torções dos críticos e dos correspondentes anónimos (absoluta revelia ao masoquismo!), é tão modesto e comichoso quanto o são todos os escritores que conhece - embora nem sempre o manifeste.

Hoje, sente pena de ter publicado textos ingénuos e de ter cedido aos impulsos da juvenília. Acabou mesmo por não reeditar aqueles livros da sua primeira fase que, em sua opinião, são como as ridículas cartas de amor de F. Pessoa. Valeu-lhe duplamente a frequência (como aluno autoproposto através de exame *ad hoc*) da Faculdade de Letras de Lisboa, pela qual se licenciou em Românicas: descobriu o segundo horizonte da Literatura e pôde profissionalizar-se no ensino. Se bem que tenha da escrita uma ideia da totalidade dos seus géneros (o prazer de contar uma história não substituiu nele a vocação ensaística), optou em definitivo pela ficção. Com efeito, só esta lhe trouxe a ilusão ou o sonho de vir um dia a viver para os seus livros (e não deles, no sentido profissional da expressão). Tão importante como isso, só a arte de viajar: viver os países, a começar pelo seu, é verdadeiramente o seu desporto

favorito. O futebol vem logo a seguir. Sem fanatismos nem preconceito.

ROMANCES: *A Memória de ver matar e morrer* (1977, Prelo Editora, esgotado); *O meu mundo não é deste reino* (1983, Publicações Dom Quixote, 3.ª ed. em 1988); *Autópsia de um Mar de Ruínas* (1984, Assírio e Alvim; 2.ª e 3.ª edições no Círculo de Leitores, 1987; 4.ª edição, Publicações Dom Quixote, em 1990); *Gente Feliz com Lágrimas* (1988, Publicações Dom Quixote; 5.ª ed. em 1989; Círculo de Leitores, 3.ª ed. em 1989).

CONTOS: *Histórias da Resistência* (1975, Prelo Editora, esgotado); *Entre Pássaro e Anjo* (1987, Círculo de Leitores; 2.ª ed. Publicações Dom Quixote, em 1990).

POESIA: *Navegação da Terra* (1980, Editorial Vega).

ENSAIO: *A produção literária açoriana nos últimos 10 anos - 1968/78* (esg.); *Toda e qualquer escrita - estudos, ensaios e crítica de literatura* (Editorial Vega, 1982); *Há ou não uma literatura açoriana?* (1982, esgotado).

ANTOLOGIAS (organização): *Antologia panorâmica do conto açoriano* (1978, Editorial Vega); *Os anos da guerra - 1961/1975* (Círculo de Leitores e Publicações Dom Quixote, 1988).

NIILISTAS DE ONTEM, NIILISTAS DE HOJE

Robert Scholes tem escrito livros excelentes sobre a interpretação dos textos literários, sempre em polémica com as várias teorias desconstrucionistas que hoje circulam nos estados Unidos. Estas tendem cada vez mais a fazer de um texto literário um parque de diversões para uma leitura imaginativa, na qual o sujeito se apropria totalmente do texto, pouco se importando com o que o autor tenha querido transmitir e, algumas vezes, mesmo, pouco se preocupando com as leituras que o próprio texto possa ou não suportar. E neste intrincado debate Scholes manteve sempre uma posição de iluminado bom senso.

Numa obra recentíssima - «*Protocols of Reading*» (Protocolos de Leitura) - publicada pela Yale University Press, Scholes consegue, em apenas 160 páginas muito límpidas e legíveis, abordar uma grande variedade de assuntos. Limito-me a apontar alguns deles.

Scholes aceita uma noção suficientemente ampla de «leitura» e de «texto». Ler não é só posar os olhos numa página escrita, mas também interpretar o mundo que nos rodeia. Lemos a própria vida.

Mas, nesta actividade de leitura, temos o direito de nos interrogarmos sobre se algumas delas (ou algumas interpretações) serão ou não melhores do que outras; a menos que existam algumas que decididamente possam ser consideradas piores, insustentáveis, desastrosas. Como se vê, este facto pressupõe a discussão de uma certa noção de verdade: porque «num mundo sem verdade todas as interpretações teriam o mesmo peso». Tal atitude acarretaria uma forma de «niilismo vulgar».

Scholes começa por prestar homenagem ao responsável máximo da disseminação «niilista» nos Estados Unidos, Jacques Derrida, e demonstra que, tomando-o a sério (como ele, Scholes, faz), Derrida não pode ser considerado um niilista radical, pois o seu pensamento postula protocolos de leitura, ou seja, regras de interpretação. Em delicada e irónica oposição ao autor que analisa, Scholes traz à luz todos os contextos nos quais, para negar que possa haver rigor, parâmetro racional, interpretação privilegiada, Derrida recorre sempre aos valores do rigor e da evidência lógica, lamentando-se frequentemente do facto de os seus adversários não captarem o «verdadeiro sentido» das suas palavras.

No seu estado puro, o niilismo radical defende que todo e qualquer uso linguístico dissolve o mundo numa série infinita de reenvios, tornando vã a realidade como «presença». Mas, se pode negar uma presença metafísica, o niilismo radical não pode negar uma presença pragmática.

No próprio momento em que dizemos «este» e apontamos com o dedo o objecto actual de um nosso discurso (e, por conseguinte, no próprio momento em que o niilista diz «este é o meu discurso») eis-nos diante de qualquer coisa. É certo que as expressões linguísticas que nos dão a possibilidade de indicar qualquer coisa («este», «eu», «agora», etc.) podem cair sob a alçada da crítica niilista (que coisa indica o «eu» de uma mensagem encontrada numa garrafa?). Mas existe algo menos discutível do que estes instrumentos linguísticos: o acto concreto de indicarmos o sentido em que os utilizamos. Este momento pragmático resiste à crítica da presença porque se nele não se verificasse um contacto entre quem fala e o objecto do próprio discurso não se poderia sequer fazer o

discurso contra a presença e sobre a linguagem como instauradora de diferenças, reenvios, distâncias, ausências progressistas.

Scholes procura explicar a razão pela qual as formas de niilismo interpretativo têm hoje um grande êxito. E sugere, com não gratuita malícia, que tal niilismo tem sido assumido como estandarte por muitos intelectuais que, formados nas universidades contestatárias dos anos sessenta, sonhavam com uma revolução política e moral, praticando formas activas de anarquismo. Mas, entretanto, acabaram por se deixar lentamente reabsorver pelo sistema. E aqui está como o apelo niilista, reconduzido ao âmbito tranquilo da interpretação textual, se torna irresistível: de facto, os niilistas textuais podem reciclar o seu anarquismo, transferindo-o do plano político para o da crítica textual, e podem fazê-lo na qualidade de membros respeitados e respeitáveis do «establishment» académico.

(trad. de Manuela Ferreira de Almeida)

Exclusivo «DL»/Corriere della Sera



Umberto Eco

PRAGMÁTICO ELEITOR!

As eleições são locais, o poder é central e o cidadão, esse, é nacional. É neste paradoxo constante que o cidadão, pragmático e sensível eleitor, distribui as suas opiniões e o poder que elas conferem. Fizeram-no 16 vezes em 14 anos. Não se pode dizer que a sua opinião não seja tida em conta. Pode-se dizer, sim, que a memória do poder parece ser mais curta que os espaços eleitorais.

É claro que as eleições autárquicas têm a sua especificidade própria. Não é admissível extrapolar as suas consequências para a fundamentação nacional do Governo. É possível pensar, porém, que o cidadão, no paradoxo que o constitui, deseje emitir as suas opiniões a um nível mais vasto. Dois argumentos podem justificar essa pretensão.

Por um lado, o sistema político municipal não é autónomo face ao poder central. As competências e os recursos financeiros, bem como a capacidade de intervir localmente, resultam principalmente das orientações e andamento do Estado e da própria actividade económica geral. Acrescente-se ainda que o facto de a abstenção, desde 1976, ser, na média nacional, maior nas eleições locais do que nas nacionais (34% e 21% respectivamente) parece indicar uma menor importância atribuída ao poder local para a satisfação das expectativas dos cidadãos.

As orientações de política nacional, por outro lado, fazem-se sentir a todos os níveis. O aumento ou diminuição do poder de compra, as restrições ou facilidades de consumo, as imposições fiscais e os estímulos ou incertezas da política macroeconómica exercem o seu efeito sobre o cidadão nacional. Mais ainda, os efeitos de imagem política do poder, a dinâmica ou o vazio cultural, o diálogo ou o auto-fechamento do grupo político governativo e as ambivalências da moral pública, afectam os cidadãos em níveis que extravasam o local.

Daí que, sem extrapolações abusivas, pareça ser pertinente tecer algumas considerações sobre o significado sociopolítico das últimas eleições autárquicas. Deixar passar o tempo pode ajudar para compreender as tendências que se evidenciam no comportamento eleitoral. Estas tendências não se limitam apenas às apontadas pelas explicações mais difundidas que se baseiam, por exemplo, no vazio ideológico e cultural do PSD e da sua governação tecnocrática ou ainda no facto de o PS ter ganho por ter transmitido uma imagem nova e atractiva. Pensamos que há outras explicações. É o que nos propomos fazer nestes comentários.

O interesse como norma

O comportamento eleitoral da população pode entender-se como a expressão de uma atitude pragmática e limitada aos seus interesses face ao resultado prático do sistema político. Lembremos, a este propósito, que nas eleições legislativas de 1985, o PS perdeu a maioria simples em favor do PSD, após um período de austeridade fiscal e de instabilidade política e que nas eleições autárquicas desse mesmo ano, o PSD foi também o partido mais votado. Os dois anos de



O comportamento eleitoral da população pode entender-se como a expressão de uma atitude pragmática e limitada aos seus interesses face ao resultado prático do sistema político

governação do PSD, nos quais sobressai uma menor conflitualidade parlamentar e institucional bem como uma recuperação económica e social, devida tanto a factores externos como internos, foram recompensados pelo aumento dos apoios e lealdades aos dirigentes políticos no poder. As eleições de 1987 evidenciam e confirmam a tendência eleitoral: uma necessidade de estabilidade política e um reconhecimento do eleitorado pela atribuição positiva de bens sociais e económicos por parte do poder político. A maioria absoluta é o indicador dessa transferência de lealdades.

O cálculo das transferências

Uma primeira ilação parece ser a de que os dois principais protagonistas, o PSD e o PS, foram vítimas do seu próprio sucesso. O regime de austeridade então praticado resolveu alguns dos problemas macroeconómicos do País. Todavia, teve como consequência a perda de apoios ao sistema político ocupado pelo PS. Por outro lado, o crescimento económico, o aumento do poder de compra e do consumo — muito embora selectivamente administrado — e a estabilidade política do período seguinte (desde 1985 até princípios de 1988) produzem apoios e lealdades políticas inegáveis. Todavia, esse sucesso em termos económicos é, em parte, responsável pelo avanço de uma política impositiva fortemente gravosa para com as classes médias e de uma política de estímulos económicos e de contenção dos consumos, baseadas sobretudo na diminuição relativa do rendimento dos sectores sociais menos favorecidos. Acrescente-se ainda que o sucesso obtido pela firmeza da estabilidade política é, igualmente, responsável

por um comportamento político de menor atenção ao diálogo e ao consenso negociado. O eleitor tem por norma o interesse, mas tem por sensibilidade os princípios democráticos. A maioria absoluta propicia uma atitude de menor atenção para com as diferenças de opinião e de situação e a produção de uma imagem, real e simbólica, de arrogância de um poder maioritário pensado como estável. Ora, o poder é uma relação de fascínio e de conquista permanente. Neste caso, podemos também dizer que o PSD foi vítima do seu sucesso. Nesta relação com o poder e com o eleitorado, o estilo de liderança política e a representação de uma alternativa, o caso de Cavaco Silva e a força do PSD em 1987 e o de Sampaio e a esperança de uma nova imagem do PS, foram factores de sucesso inscritos neste contexto de fascínio e conquista.

Uma segunda ilação é que, se bem que seja certo que o poder tende para a autorregulação, para um equilíbrio dinâmico, onde as alterações implicam modificações nas orientações de políticas, esta situação favorece a transferência de lealdades ao sistema de autoridade. Ora, do ponto de vista da significação dessas transferências, parece-nos legítimo pensar que estamos em presença de um comportamento pragmático e instrumental. De facto, parte dos anos de 1988 e de 1989 foram pródigos em reivindicações específicas de grupos socioprofissionais e reivindicações sindicais em geral. É evidente que se registaram melhorias do poder de compra e de consumo a partir de 1986, mas também é certo que essa atribuição de valores positivos foi segmentada e de-

sigual. A distribuição do poder aquisitivo está longe de ser equitativa: ao nível local, por exemplo, dos 305 concelhos do País, 115 representam 4,5% do poder de compra nacional, enquanto que 15 concelhos respondem por 50% do poder de compra total da sociedade.

A intensificação da lógica neocorporativa, ou seja a negociação e atribuição diferenciada, nacional e localmente, com os grupos socioeconómico e profissionais, é compatível com a lógica pragmática aplicada pelos cidadãos na atribuição ou não de lealdades políticas. O crescimento económico, social e cultural dilui, de facto, as pertencas ideológicas, mas aumenta as preferências pragmáticas de integração social.

Vício e virtude da classe média

Estas modificações do comportamento eleitoral, para uma atitude de maior pragmatismo e dignidade democrática, acompanha a própria alteração da sociedade. As preferências de integração social, recompensas socioeconómicas e responsabilidades políticas, são só possíveis nas sociedades em processos de transformação.

Este processo de integração social assenta, sobretudo, na classe média. Nos últimos anos, as alterações na estrutura social — maior importância dos sectores culturais, educacionais e os ligados aos serviços técnicos, administrativos e empresariais — deram origem a melhorias e a despromoções diferenciadas dentro deste amplo sector; surgiram novas clivagens e novas expectativas de justiça relativa e de dinamização cultural. O crescimento da urbanização e o fortalecimento das cidades-mercado são agora a principal cena onde actua o pragmático e sensível protagonista.

A maioria absoluta de 1987 exprime tanto o resultado da anterior governação como a promessa de conciliar, equilibradamente, o crescimento económico, a renovação do espaço cultural e a diminuição das desigualdades sociais. O não cumprimento, mesmo que parcial, da promessa, traz consigo o enfraquecimento das lealdades.

A classe média, cultural, económica e socialmente, qualificada é a responsável pela redução dos extremos políticos. Ora, numa sociedade onde os radicalismos diminuem tendencialmente (como o provam as transferências de votos para posições mais moderadas), a exacerbação das ideologias políticas e a crispação da eficácia, mesmo sendo esta de algum peso relativo, recebem menor aceitação pública. Nada é mais propício à alternância política do que a aliança entre a atitude pragmática das recompensas e a sensibilidade exigente de diálogo, aceitação e consenso.

As transferências de lealdades e o distanciamento eleitoral não indicam, porém, uma orientação política de opção assegurada. O voto é simultaneamente arrogante e sincero: é uma penalização e uma esperança em futuros benefícios, materiais e simbólicos. Em regime de integração social, o voto, frio e distanciado, espregueja astutamente os produtos do sistema político.



Juan Mozzicafreddo

FORUM

Cartoon por José Bandeira



CARTAS NA MESA

Bragança de Miranda e o "Jornalismo Cultural"

Com a data de 29 de Dezembro do ano que findou, recebemos de Bragança de Miranda, docente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e citado em prosa publicada nas nossas páginas da véspera, uma carta dirigida ao director do «DL» e que de seguida transcrevemos na íntegra, respeitando a escrita original:

«Tenho acompanhado com interesse a nova etapa que o «DL» está a seguir sob a sua direcção e que o tornam numa experiência aliciante no nosso jornalismo diário. Conhecendo e admirando desde há muito o rigor e a isenção que imprime à sua actuação pública, não posso deixar de me mostrar surpreendido pelo artigo «Como é Absurdo o "Jornalismo Cultural"», da autoria do jornalista Rui Eduardo Paes, publicado na edição de 28 de Dezembro.

«O referido artigo comete inexactidões de várias ordens, de que a menor de todas é ter-me confundido com o "comunicólogo" Miranda de Bragança. Porém, o que me leva a protestar é o facto do jornalista ter usado uma conversa que tivemos a título pessoal, para me endossar opiniões em que não me posso reconhecer. Acontece que não dei nenhuma entrevista, não autorizei a publicação dessa conversa, nem fui consultado sobre a pertinência das interpretações que o Sr. Rui Paes me atribui.

«Não me sentindo em nada responsável pelo conteúdo do artigo, teria ficado na minha boa paz, não fora o caso do jornalista me ter posto a "sentenciar" depreciativamente sobre pessoas que estimo e considero, casos de E. Lourenço, E. Prado Coelho e M. M. Carrilho. Gostaria de esclarecer que todas as afirmações e insinuações que me são atribuídas, resultam da elaboração do jornalista, particularmente imaginativo nesse dia.»

N. R. - Em nota solicitada pela Direcção do «DL», Rui Eduardo Paes esclarece que a conversa com Bragança de Miranda «foi feita a título de entrevista e não pessoal, ao contrário do que é argumentado no protesto». «Logo na primeira abordagem o jornalista foi claro nas suas intenções, e se Bragança de Miranda assim não o entendeu o equívoco é exclusivamente seu»: em consequência, portanto, R. E. P. reafirma «todas as citações referidas a Bragança de Miranda».

«Num ponto - prossegue Rui Eduardo Paes - «o protestante tem toda a razão: tratámo-lo como Miranda de Bragança quando a inversa é que consta do seu registo de baptismo. É o único reparo que aceito e pelo qual peço desculpas. Quanto à alusão de que o repórter cometeu *inexactidões* (em versão pós-Acordo Ortográfico) de *vária ordem*, como as ditas ele não explicita damo-las como inexistentes e não nos preocupamos mais com a consciência íntima do comunicólogo.»

POLÍTICA

I Série

N.º 7

Dia 9
de
Janeiro

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério das Finanças

Declaração:
De terem sido autorizadas alterações de rubricas e transferências de verbas no orçamento do Ministério da Educação no montante de 3 867 692 contos

Ministérios das Finanças e do Planeamento e da Administração do Território

Portaria n.º 9/90:
Aprova o Regime de Exercício de Titularidade de Órgãos de Estrutura

Ministérios das Finanças e do Emprego e da Segurança Social

Portaria n.º 10/90:
Actualiza as prestações familiares no âmbito dos regimes de segurança social e do regime de protecção social da função pública

Despacho Normativo n.º 3/90:
Cria um lugar de técnico superior principal do quadro da Inspeção do Trabalho

Ministério do Planeamento e da Administração do Território

Portaria n.º 11/90:
Alarga a área de recrutamento para provimento do cargo de chefe da Divisão Administrativa e Financeira do quadro de pessoal próprio da Câmara Municipal de Castanheira de Pera

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 12/90:
Aprova o quadro de pessoal da Agência de Controlo das Ajudas Comunitárias ao Sector do Azeite (ACACSA)

Ministério da Indústria e Energia

Portaria n.º 13/90:
Cria o símbolo «Empresa Certificada», que só poderá ser utilizado por empresas certificadas pelo Instituto Português da Qualidade, nos termos do Decreto-Lei n.º 165/83, de 27 de Abril

Portaria n.º 14/90:
Cria o símbolo «Laboratório Acreditado», que só poderá ser utilizado por laboratórios acreditados pelo Instituto Português da Qualidade, nos termos do Decreto-Lei n.º 165/83, de 27 de Abril

Ministério da Educação

Portaria n.º 15/90:
Reconhece o Instituto Superior de Reconhecimento Social de Coimbra, de que é titular a Assembleia Distrital de Coimbra, e autoriza o início de funcionamento de diversos cursos

Cavaco Silva nos EUA para tratar de negócios

O primeiro-ministro encontra-se com Bush e Quayle e pretende dar regularidade bi-anual às visitas aos Estados Unidos, para acentuar o papel de aliado preferencial atribuído àquele país

Do nosso enviado especial

O reforço das relações bilaterais, em particular da vertente económica, constitui o principal objectivo da visita oficial de Cavaco Silva aos Estados Unidos, que amanhã tem início.

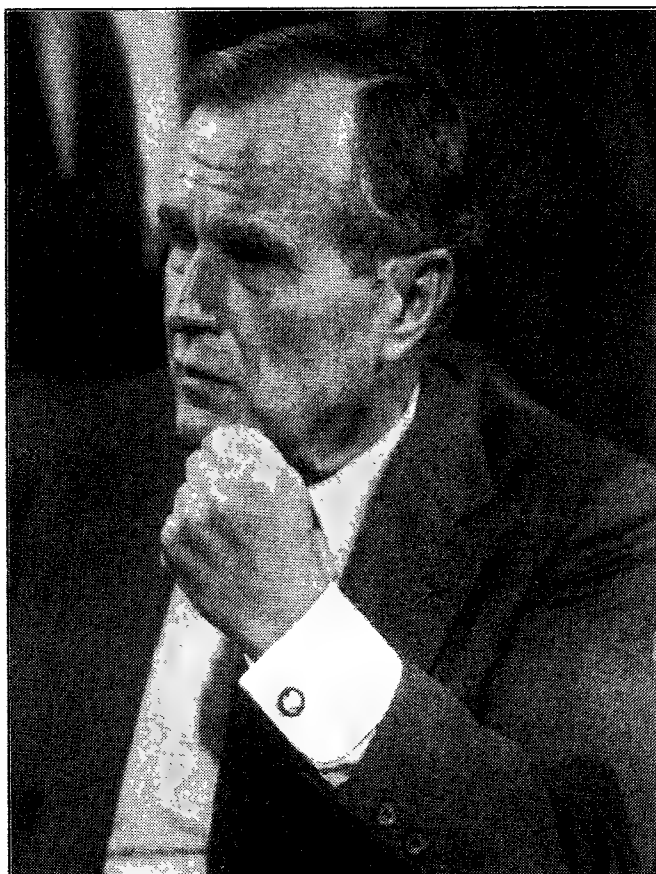
O programa do primeiro-ministro prevê encontros em separado, na quinta-feira, em Washington, com o Presidente George Bush, o vice-presidente Dan Quayle e o secretário da Defesa. Para sexta-feira, já em Nova Iorque, está marcado um almoço com o secretário-geral das Nações Unidas, Perez de Cuellar.

Cavaco Silva - que viaja acompanhado dos titulares das pastas dos Estrangeiros, Deus Pinheiro, e do Comércio e Turismo, Ferreira do Amaral - visita pela terceira vez os Estados Unidos, desde que foi investido no cargo de primeiro-ministro. Na primeira deslocação, feita em Setembro de 1986, encontrou-se com Ronald Reagan, passou um fim de semana com o então vice-presidente George Bush, na quinta que este possui no estado de Maine e visitou as comunidades de emigrantes portugueses em Nova Inglaterra, num programa semelhante ao da deslocação efectuada em Fevereiro de 1988.

De acordo com informações recolhidas pelo «DL», o Governo pretende introduzir uma regularidade bi-anual às visitas, dando assim expressão a um dos principais vectores da política externa: encerrar a grande potência americana como aliado preferencial.

É significativa, a este nível, a integração de um ministro da área económica, o que acontece pela primeira vez. A presença de Ferreira do Amaral demonstra o desejo do Governo de eliminar a ideia de que os contactos entre os dois países se limitam às questões relacionadas com a utilização da base açoriana das Lajes e a presença de uma forte comunidade lusa nos EUA, estimada em cerca de 600 mil pessoas.

O chefe do Governo e a sua comitiva aproveitam a visita para estabelecer diversos contactos com homens de negócios americanos. Quinta-feira, um jantar na embaixada de Portugal em Washington deverá reunir, além do secretário-geral da Organização de Estados Americanos, de representantes do FMI e de embaixadores de países de



A paz em Angola será o principal tema de conversações entre George Bush e Cavaco Silva

expressão portuguesa, responsáveis de multinacionais potencialmente interessadas em investir no nosso País.

Este exercício de sedução aos agentes económicos americanos repeti-lo-á Cavaco na sexta-feira, após o almoço, já em Nova Iorque. No encontro com o Business Council for International Understanding, em que deverão participar mais de 20 homens de negócios, estarão presentes, entre outros, os presidentes da Mobil Oil e da Warner.

Promover a Imagem de Portugal

Paralelamente, a Associação Industrial Portuguesa, representada pelo seu presidente, Rocha de Matos, sela dois protocolos de cooperação. O primeiro, com a Associação Internacional para o Desenvolvimento, visa a abertura de oportunidades de investimento em Washington e Lisboa.

O segundo, a assinar em Nova Iorque com a Câmara de Comércio Luso-Americana, insere-se na «campanha de imagem» que Portugal efectua durante este ano, focalizada para três alvos: Estados Unidos, Espanha e Japão. Envolvendo verbas próximas dos dois milhões de contos, foi concebida por Ferreira do Amaral e pelo

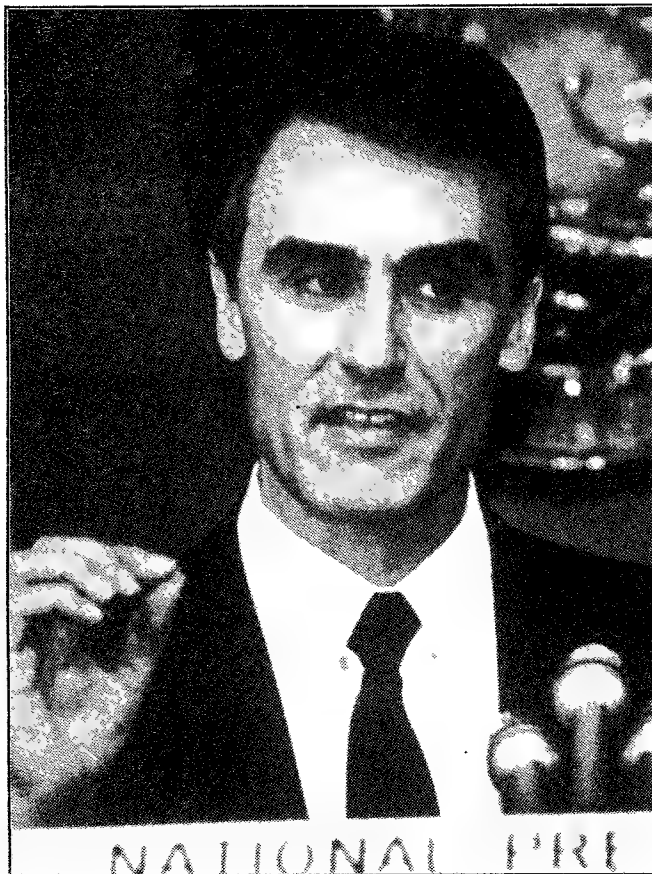
secretário de Estado Horta e Costa, em colaboração com o Instituto do Comércio Externo Português. O objectivo é promover o País e não apenas um determinado produto nacional.

No quadro da campanha, outra ambiciosa iniciativa consta do programa oficial: pela primeira vez em visitas governamentais aos Estados Unidos, uma recepção - marcada para a noite de sexta-feira em Nova Iorque - reúne as direcções de mais de 300 associações de comunidades portuguesas, meios de negócios, intelectuais e universitários mais ligados a Portugal. Está prevista a participação de 600 a 700 pessoas.

Leste no horizonte

Porém, a importância da visita de Cavaco Silva poderá ter outras valências, para quem levar em linha de conta o facto de Portugal presidir neste momento ao Conselho da Europa. Meios políticos atribuem especial significado a este facto, assegurando mesmo que o nosso País se encontra em excelente posição para valorizar o papel da organização numa época de acelerada mutação do Velho Continente.

A fidelidade ao princípio de respeito aos Direitos do Homem constitui «base mínima» - nem por isso menos



sólida - para sentar à mesma mesa, sob a égide do Conselho, o Leste e o Oeste.

O Leste poderá também estar no horizonte, numa outra perspectiva: Portugal e Estados Unidos são aliados no quadro de uma NATO em fase de revisão estratégica, por força dos acontecimentos nos países da órbita soviética. Atribuir à organização uma intervenção de carácter mais político e diplomático é uma tendência que parece ganhar adeptos.

Por outro lado, esta visita do Chefe do Governo pode contribuir, igualmente, para uma maior compreensão, da parte dos meios de negócios americanos, em relação à potência económica CEE.

Portugal, que deseja afirmar-se como «fronteira marítima dos Estados Unidos com a Europa» está, neste particular, em posição privilegiada para eliminar eventuais receios e contribuir para uma mais estreita cooperação.

Finalmente, foi esquecida nesta visita de Cavaco Silva, que regressa a Lisboa no próximo domingo. Na tarde de sexta-feira, o Chefe do Governo visita a Universidade de Columbia e o «Camões Center», departamento daquele estabelecimento de ensino dedicado ao estudo da cultura portuguesa.

Paulo Martins

Angola em destaque

A questão angolana figura em lugar de destaque na agenda de Cavaco Silva, para os seus contactos com a Administração Bush. A própria mensagem do Chefe de Estado angolano trazida depois de uma visita-relâmpago a Luanda do secretário de Estado Durão Barroso indigita de forma clara o Governo de Lisboa como mediador desejado entre José Eduardo dos Santos e George Bush e Savimbi, a par das declarações de João de Deus Pinheiro à «Rádio Comercial», manifestando não ver inconveniente num encontro com o líder da UNITA, quando este se deslocar ainda este mês ao nosso País.

No mesmo sentido foram, aliás, as declarações prestadas por José Eduardo dos Santos à RTP, quando aludiu à pertinência do papel de Portugal no processo de paz em Angola, embora sem excluir o papel do mediador africano, o presidente Mobutu.

POLÍTICA

Provedor preocupado com presos das FP-25

Almeida Ribeiro avista-se com o ministro da Justiça para discutir a situação dos detidos

O Provedor de Justiça, Ângelo de Almeida Ribeiro deverá encontrar-se hoje com membros do Conselho Superior de Magistratura no sentido de apresentar àquele órgão a situação dos presos em greve da fome do caso FUP/FP-25.

«Vou fazê-lo por razões humanitárias», disse. Almeida Ribeiro, que ontem recebeu elementos da «Pró-Amnistia Otelo e Companheiros» e hoje concederá uma audiência à Comissão de Solidariedade Contra a

Repressão, pretende avistar-se igualmente com o ministro da Justiça para lhe comunicar a mesma situação.

Recorde-se que o detido José Ramos dos Santos se encontra há 29 dias em greve da fome. Isabel do Carmo, da «Pró-Amnistia Otelo e Companheiros» disse ao DL que seu estado é grave pois os níveis de potássio são muito baixos, o que se traduz numa situação de paragem cardíaca iminente.

Também o facto de Ramos dos Santos registar valores

de creatinina muito elevados indicam já alguns sintomas de insuficiência renal, que a longo prazo poderão causar danos graves.

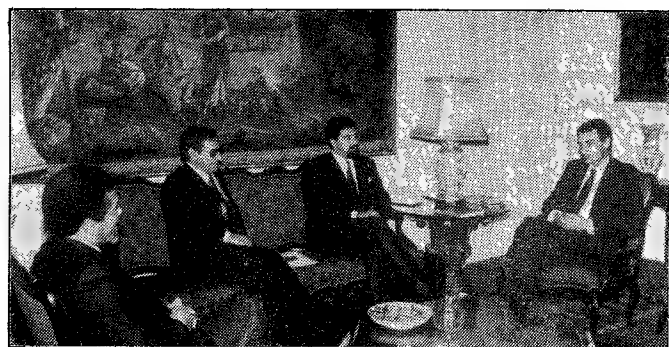
Entretanto, Ângelo de Almeida Ribeiro, que se dispôs a contactar aquelas entidades considera que «não poderá fazer muito mais do que isso porque o Provedor não tem poder para ir contra as decisões judiciais e nomeadamente, do Supremo Tribunal».

No entender de Ângelo de Almeida Ribeiro, o tempo de

prisão preventiva, definido por lei (3 anos) «é mais do que suficiente».

O facto de outros presos sobre os quais impendem semelhantes acusações aguardarem o julgamento em liberdade enquanto os outros implicados o aguardam detidos, suscita alguma estranheza ao Provedor.

«Trata-se de um entendimento da lei pouco claro e, até de certo modo, desumano, porque se prejudica o direito das pessoas à liberdade», concluiu.



Cavaco com os quadros angolanos em S. Bento

Quadros angolanos desejam a paz

Cavaco aceitou presidir à primeira reunião de profissionais angolanos emigrados em Portugal

O primeiro-ministro aceitou o convite para presidir à sessão de abertura do primeiro Congresso dos Quadros Angolanos no Exterior, marcado para 12 a 14 de Abril. Os elementos da comissão organizadora do encontro afirmaram ontem, no final da audiência com Cavaco Silva, que não sabem se se encontrarão com Jonas Savimbi, quando o líder vier a Portugal, a meados deste mês. No entanto, adiantaram que esta visita poderá contribuir para o processo de paz em Angola. Francisco Viana, o porta-voz da delegação que se deslocou a S. Bento, afirmou que o congresso se vai realizar «porque começam a vislumbrar-se agora as condições objectivas para a paz naquele país».

A escolha de Lisboa para local da realização do congresso justifica-se, no entender dos seus organizadores, pelo facto de viverem em Portugal milhares de quadros angolanos e também

porque muitos portugueses «que amam Angola gostariam de lá voltar». Além dos participantes, deverão estar presentes no encontro, como observadores, alguns quadros residentes em Angola.

Num documento de divulgação, os organizadores chamam a atenção «para a grande parte dos angolanos que vive no exterior que, não obstante alguns terem vida bastante desafogada, pretende um dia regressar a Angola».

A comissão considera que a maioria dos emigrantes angolanos saiu do país por razões de força maior, mas «Angola pode e deve contar com todos os seus filhos para a reconstrução nacional», acrescenta.

«Por isso julgamos primordial que sejam criadas condições para que, âmbito da reconciliação nacional, a reintegração de todos possa ser um factor positivo de progresso, tanto para os indivíduos como para Angola», sublinham os quadros angolanos residentes no exterior.

Empossados 23 secretários de Estado

Governo está completo

O Governo ficou esta manhã completo, com a posse dos vinte e três secretários de Estado que o constituem. O Presidente da República investiu-os nas suas funções perante Cavaco Silva e o seu gabinete, antes de o primeiro-ministro partir para os EUA.

Dos 24 elementos que tomaram posse, treze não têm experiência governativa. Cavaco reservou algumas surpresas de última hora: criou uma subsecretaria de Estado da Presidência do

Conselho de Ministros ocupada por Luís Marques Guedes (que passa a ser o novo porta-voz do Governo, anunciou a Lusa) e uma secretaria da Administração Judiciária, esta atribuída a Laborinho Lúcio, que era director do Centro de Estudos Judiciários. Elias Costa mudou da secretaria de Estado das Vias e Comunicações para a das Finanças.

Dos novos secretários de Estado, onze tomaram posse na sequência das demissões dos respectivos ministros, mas

nem todos se apresentam nas mesmas condições: oito prosseguem funções, dois voltam às lides governativas (Pedro Santana Lopes e Carlos Encarnação) e Elias da Costa muda do Ministério dos Transportes para as Finanças. Caras novas do XIII Governo Constitucional são Miguel Macedo, Manuela Leite Ferreira, Luís Madureira, Laborinho Lúcio, Luís Capoulas, Salter Cid, Conceição Rodrigues, Rui Vicente, Carlos Loureiro, Jorge Pires, Vieira de Castro, Miguel Sarmiento

e Luís Marques Guedes. Com a cerimónia de posse desta manhã, eleva-se a 541 o número de individualidades que fizeram parte de Executivos depois do 25 de Abril.

Os ministros recém-nomeados participaram esta manhã na reunião do Conselho de Ministros. Eurico de Melo esteve no edifício da Gomes Teixeira, a apresentar despedidas a funcionários que com ele trabalharam, enquanto foi anunciado que Álvaro Barreto vai integrar a bancada social-democrata.

Reunida a Comissão Política

PCP prepara Congresso e a sucessão de Cunhal

A Comissão Política do PCP reuniu, na Soeiro Pereira Gomes, para analisar a actual situação política tendo em conta a remodelação do Governo de Cavaco Silva. No final de um extenso comunicado com seis páginas, Luís Sá, em nome daquele órgão comunista afirmou que prossegue «a preparação do XIII Congresso Extraordinário, com base na confiança de que será o Congresso de um grande partido revolucionário, com grandes responsabilidades na vida nacional e com um papel insubstituível na construção de uma alternativa política de direita».

Tanto o Comité Central do PCP como a Comissão Política têm-se escusado a falar do regulamento da reunião magna dos comunistas, factor fundamental para um «debate franco e aberto, participativo e fraterno» como se pode ler no comunicado ontem divulgado à imprensa.

Questionado sobre se a Comissão Política estava

aberta a alterações no regulamento do Congresso, Luís Sá disse que o assunto «ainda não foi discutido» como também ainda não foi objecto de debate interno a sucessão do actual secretário-geral, Álvaro Cunhal. Em suma, os assuntos mais importantes para a realização do Congresso Extraordinário, como seja o regulamento e a forma como vão ser discutidas as moções, parecem estar fora de questão.

Nem se quer se pode dizer que são novos problemas. No último Congresso José Luís Judas, Barros Moura, Jorge Lemos e Rogério Moreira, entre outros, tentaram fazer passar propostas de alteração às normas que regem a reunião máxima dos comunistas, de forma a que as vozes críticas tivessem uma maior participação no debate.

O assunto foi resolvido em menos de um quarto de hora por Álvaro Cunhal. Bastou uma votação. Nada impede que o mesmo venha



Victor Dias e Luis Sá na conferência de imprensa. Luis Sá teve uma subida vertiginosa no último Congresso

a acontecer, por isso os críticos querem, antes de mais, uma definição clara das regras do jogo.

Luis Sá questionado sobre a possibilidade dos críticos apresentarem documentos para debate entre as bases e posterior apresentação no Congresso afirmou que «todas as contribuições serão consideradas e aproveitadas, se for caso disso, para o Congresso», mas acrescentou que «para serem aceites devem corresponder à vontade

maioritária do partido e devem estar identificadas com um partido comunista e revolucionário».

O dirigente do PCP, quando lhe perguntaram se estaria na disponível para suceder a Cunhal, reafirmou que tal hipótese «não está nos meus horizontes».

Estou empenhado num trabalho colectivo e esse assunto nunca foi discutido». Acrescentou que não pensa vir a ser escolhido para o cargo de secretário-geral do PCP.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS



Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

125 ANOS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	49\$55	55\$55
ALEMANHA FED. (marco)	87\$50	88\$70
ÁUSTRIA (xelim)	12\$45	12\$65
BÉLGICA (franco)	3\$981	4\$231
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	126\$15	128\$65
(notas de 5 a 1000)	126\$65	129\$15
DINAMARCA (coroa)	22\$55	22\$95
ESPAÑA (peseta)	1\$306	1\$426
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	146\$45	149\$95
(notas de 5 a 1000)	146\$95	150\$45
FINLÂNDIA (marka)	36\$70	37\$30
FRANÇA (franco)	25\$65	26\$35
HOLANDA (florim)	77\$55	78\$65
IRLÂNDIA (libra)	232\$05	236\$05
ITÁLIA (lira)	\$106	\$121
JAPÃO (iene)	\$974	1\$029
NORUEGA (coroa)	22\$50	23\$00
REINO UNIDO (libra)	242\$35	246\$85
SUÉCIA (coroa)	23\$85	24\$35
SUIÇA (franco)	95\$85	97\$35
VENEZUELA (bolívar)	3\$341	4\$141

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

INTERNACIONAL

Cimeira dos Oito de novo adiada

Revisão do papel de medianeiro do Presidente Mobutu estará na base da sua «indisponibilidade» de se deslocar a Luanda

A «revisão do papel de mediador» no conflito angolano do Presidente zaireense, Mobutu Sese Seko, estará na base do adiamento da cimeira dos Oito que amanhã deveria realizar-se em Luanda. De acordo com uma mensagem enviada a José Eduardo dos Santos pelo Presidente zaireense, Mobutu estaria «indisponível» para se deslocar a Luanda.

Os observadores foram apanhados de surpresa quando ontem se soube do adiamento da cimeira que deveria reunir em Luanda os chefes de Estado de Angola, Zaire, Zâmbia, Congo, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Gabão e os Zimbábue. Sobretudo porque o encontro estava a ser acompanhado com particular atenção, devido à expectativa da assinatura de um acordo de cessar-fogo, cujos contornos - previa-se - deveriam ser alinhavados na capital angolana.

Os últimos dias foram, inclusivamente, marcados por um autêntico «ballet» diplomático entre as principais capitais africanas envolvidas na resolução do conflito.

No passado domingo, o Presidente do Congo, Denis Sassou Nguesso, recebeu em Brazzaville o ministro angolano das relações exteriores, Pedro Castro Van Dunen «Loy», com quem analisou o processo de paz e em particular a reunião que amanhã deveria realizar-se em Luanda.

No mesmo dia Mobutu enviou uma mensagem ao Presidente congolês, através do secretário de estado zaireense da Segurança do Território, Yende Buku.

Ainda no domingo, outro emissário do chefe de estado zaireense, o ministro dos negócios Estrangeiros, Karl I-Bond, entregou em Lusaka uma mensagem ao Presidente da Zâmbia, Kenneth Kaunda. Embora não tivessem sido reveladas o teor das missivas, fontes diplomáticas afirmaram que tinha a haver com a evolução da situação em Angola.

EUA «muito preocupados»

Entretanto, em Washington, o Departamento de Estado norte-americano disse que os Estados Unidos estão «muito preocupados» com a «perigosa escalada» das acções militares contra o território controlado pela UNITA, no Sueste de Angola, e acusaram a União Soviética de ter conselheiros militares a apoiarem a ofensiva das tropas do Governo de Luanda.

«Temos provas de que esta operação envolve veículos blindados, tanques e vários milhares de tropas do MPLA apoiadas por técnicos e conselheiros soviéticos» - adiantou a porta-voz do Departamento de Estado, Margaret Tutwiler.

As referências às propostas do Presidente José Eduardo dos Santos foram comentadas de forma comedida. Washington considera que as re-

centes declarações do Presidente angolano «são encorajadoras» por sugerirem que ele deverá estar preparado para analisar algumas questões fulcrais do processo de paz para Angola.

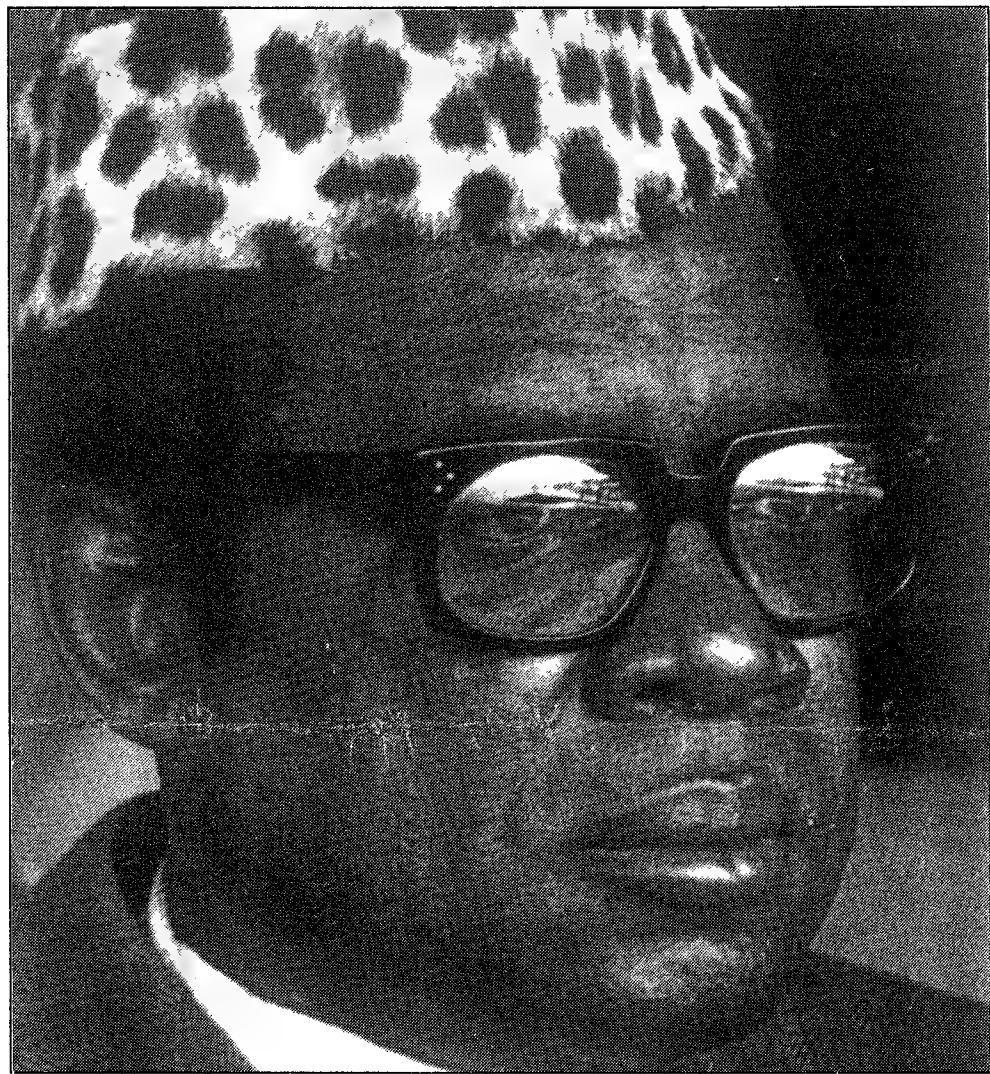
Em entrevista concedida no passado sábado à Radiotelevisão Portuguesa, o Presidente Eduardo dos Santos sublinhou que o MPLA não pretende efectuar eleições com a participação da UNITA, defendendo que o sistema do partido único «é o apropriado» para um país africano como Angola, «nesta etapa do seu desenvolvimento».

UNITA contra as propostas de Luanda

Entretanto, como a UNITA noticiou ontem, a UNITA rejeitou as novas propostas de paz do Presidente Eduardo dos Santos, considerando como prioridade a assinatura do projecto de cessar-fogo apresentado por Mobutu, assim como as negociações directas com o MPLA.

«Não existe outra saída para Angola senão o cessar-fogo, as negociações directas UNITA-MPLA, as eleições livres, a democracia multipartidária e uma genuína reconciliação nacional no país» - afirma o movimento rebelde em comunicado ontem distribuído em Lisboa.

Segunda ainda o comunicado, esta posição foi tomada pelo Bureau político de UNITA, reunido sábado no seu quartel general, na Jamba,



Mobutu verá agora certamente agravada a sua posição como mediano

presidido por Jonas Savimbi que qualificou as propostas como um «recuo nos esforços da busca da paz em Angola».

Na sua mensagem do fim de ano, o Presidente angolano apresentou uma nova proposta de paz em oito pontos, entre os quais o reconhecimento da soberania do Estado e da legitimidade do Governo, o cessar-fogo e

a criação de condições de segurança, o desenvolvimento do Exército nacional, a revisão eleitoral e a criação de condições para a realização de eleições em todo o país.

Crise financeira da ONU agravou-se em 1989

O ano de 1989 terminou para a ONU com um relatório muito pessimista sobre o estado das finanças da organização, assinado pelo secretário-geral, Perez de Cuellar.

Este relatório, que se refere apenas ao orçamento do funcionamento (de um total de 777 milhões de dólares), revelou um buraco de 261 milhões de dólares, aos quais se juntam mais 267,3 milhões de dívidas.

Por outro lado, o atraso de pagamentos relacionados com operações para a manutenção da paz, que não entram nos orçamentos ordinários, elevam-se a 514 milhões de dólares.

Principais culpados: os Estados Unidos que (principalmente durante a administração Reagan) acumularam uma dívida de 733 milhões de dólares em relação à ONU,

seguidos pela África do Sul (37,3 milhões) e o Irão (11,9 milhões). Para compensar, a URSS, depois da subida ao poder de Mikhail Gorbachev, pagou todas as suas dívidas.

Embora reconheça que a ONU melhorou bastante em comparação com a época em que era alvo das críticas da administração Reagan, o Congresso norte-americano continua a opor o seu veto ao pagamento das dívidas. Muitos dos seus membros continuam a denunciar a «frouxidão» da política da ONU, enquanto outros reclamam a prioridade orçamentária dos programas domésticos americanos. Os EUA não só são os principais devedores da ONU, como também os maiores contribuintes, fornecendo 25 por cento dos recursos totais da organização.

Alguns dos responsáveis da ONU têm vindo a notar com inquietação que os Estados Unidos utilizam cada vez mais a crise financeira da organização como uma arma política. Assim a administração norte-americana ameaçou recentemente reduzir as suas contribuições se uma resolução pedindo a mudança de estatuto da OLP fosse posta em votação. O resultado foi favorável aos EUA.

Ainda mais recentemente, o vice-presidente Dan Quayle apresentou um cheque de 65 milhões de dólares para pagar uma parte da dívida. Como contrapartida pediu que a ONU revise a sua controversa resolução, adoptada há já 14 anos, em que equipara o sionismo ao racismo.

Afsané Bassir Pour - exclusivo «Le Monde»/«DL»

Tropas dos EUA cercam colaboradores de Noriega

Depois de terem conseguido capturar o general Manuel Noriega, as tropas norte-americanas continuam a cercar diversas representações diplomáticas na Cidade do Panamá, onde estão refugiados colaboradores e familiares do ex-homem forte do país. Os dois oficiais panamenos mais procurados pelos EUA estão na embaixada peruana, enquanto a mulher de Noriega, as suas três filhas, o genro e a única neta, se encontram na residência do embaixador cubano.

O major Gonzalo Gonzalez, chefe da companhia de elite «Macho de Monte», unidade que a 3 de Outubro fez gorar um golpe de Estado contra Noriega e o tenente-coronel Luis Cordoba, ex-chefe da polícia de trânsito, estão cercados na embaixada do Peru, sendo procurados pelos estreitos laços que mantinham com o líder deposto do Panamá. No interior da embaixada deverá ainda encontrar-se a secretária pessoal de Noriega, Marcela Tason, e o seu filho, pertencente às desmanteladas forças de defesa do Panamá.

Quanto aos familiares de Noriega refugiados na residência do embaixador cubano, caso não haja contra eles qualquer pedido de captura, poderão vir a receber vistos para a República Dominicana, segundo anunciou o

ministro panameniano dos Negócios Estrangeiros, Júlio Linares.

Ontem, o Governo do Luxemburgo informou que tinha mandado congelar temporariamente os cerca de 3,5 milhões de dólares que Noriega depositou num banco do país. O Luxemburgo vem juntar-se assim, à França, Suíça e Grã-Bretanha que já anunciaram a sua cooperação com os EUA para congelar o dinheiro que o ex-homem forte do Panamá tinha conseguido angariar com o tráfico de drogas.

Também ontem, o Conselho Permanente da Organização dos Estados Americanos (OEA) exigiu aos EUA o respeito pelas normas de Direito Internacional, na sequência da invasão da residência do embaixador nicaraguense na Cidade do Panamá, a 29 de Dezembro.

A resolução, aprovada por 19 votos a favor, sete abstenções e nenhum contra, foi proposta pelo chamado Grupo dos Oito (actualmente integrado pela Argentina, Brasil, Colômbia, México, Peru, Uruguai e Venezuela) e surgiu como alternativa ao texto proposto pela Nicarágua, onde se classificava a iniciativa norte-americana como «flagrante violação» das normas internacionais.

Redacção «DL»/Lusa

INTERNACIONAL

Agitação na Lituânia

Gorbachev visita na quinta-feira a república e poderá ser recebido com manifestações exigindo liberdade e independência

A visita que Mikhail Gorbachev inicia na quinta-feira à Lituânia está a mobilizar organizações pró-independência, que apelam à retirada das tropas estacionadas nesta república soviética.

O movimento "Sajhudis", organização de grande influência na república, exortou toda a população a ir à capital, Vilna, durante a visita de Mikhail Gorbachev, para pedir "a liberdade e a independência" da Lituânia.

"Para os lituanos, Gorbachev é o dirigente da União Soviética e a sua visita não se pode limitar a tratar de assuntos partidários, como foi anunciado em Moscovo", lê-se num documento distribuído pelo "Sajhudis".

Esta posição coincide com a chegada a Vilna de uma delegação do Partido Comunista da URSS, liderada pelo secretário da ideologia, Vadim Medvedev, que está a preparar a visita do líder soviético.

O "Sajhudis", que segundo as últimas sondagens tem o apoio de 34 por cento da população, exige a satisfação de quatro pontos, que incluem a condenação como "agressão e anexação de um Estado soberano" da integração da Lituânia na URSS, em 1940.

O mesmo movimento exige a retirada das tropas estacionadas na República da Lituânia e afirma que "1,5 milhões de lituanos assinaram uma carta com esse pedido".

A visita de Gorbachev está, pois, envolta num ambiente de incerteza, e fontes oficiais do Comité Central do Partido Comunista lituano declararam que a sua chegada, prevista para amanhã, foi de novo adiada "e possivelmente só chegará no dia seguinte".



Azerbaijanis gritam para familiares, no outro lado do rio Arax, no Irão.

O agravamento das tensões na URSS, segundo o correspondente do "Le Monde" em Moscovo, preocupa vivamente Mikhail Gorbachev, que anulou todos os seus encontros deste mês com responsáveis estrangeiros.

O porta-voz do ministério soviético dos Negócios Estrangeiros, Guennadi Guerassimov, confirmou que Gorbachev adiou o seu encontro com o líder trabalhista britânico, Neil Kinnock, previsto para o próximo dia 16, por ter "uma agenda muito cheia".

O embaixador soviético em Londres, Leonid Zamiatine, afirmou por seu turno que "os acontecimentos políticos na União Soviética requerem

a atenção e a participação pessoal do Presidente".

De referir que o Comité Central do PC soviético, onde os conservadores têm peso, desaprovou a decisão do congresso do PC lituano, de 26 de Dezembro, no sentido de criar um partido independente de Moscovo.

Mas o perigo para a União Soviética consiste na possibilidade de as outras repúblicas seguirem o exemplo da Lituânia, intenção essa, aliás, já expressa pelos Partidos Comunistas das outras duas repúblicas bálticas, a Letónia e a Estónia, cujos congressos estão previstos para Março.

Incidentes no Azerbaijão
Por outro lado, a onda de

tensão no Azerbaijão parece estar longe de acalmar, o que levou ao encerramento da capital, Baku, aos jornalistas estrangeiros, segundo a BBC.

Um grupo de pessoas da região de Ilichioqs, na República Autónoma de Naquichevar, dependente do Azerbaijão, destruiu os sistemas de controlo fronteiriço com a Turquia, noticiou ontem diário soviético Izvestia.

Estes incidentes ocorreram no domingo, e o jornal assinala que as tentativas dos guardas fronteiriços para conter a multidão, revelaram-se infrutíferas.

Redacção DL/
Le Monde/Lusa

B R E V E S

Partido comunista polaco vai mudar de nome

O Partido Operário Unificado Polaco (POUP) vai desaparecer para dar lugar a um «partido novo», ainda sem nome, mas cuja identidade deixará de ter as referências comunistas para passar a situar-se na área da esquerda. Estas medidas, irão ser discutidas e aprovadas durante o 11º e último Congresso do POUP, que iniciará os seus trabalhos a 27 de Janeiro próximo. Entretanto, segundo membros da direcção do POUP deixaram ontem a entender em conferência de Imprensa, o Presidente polaco, general Wojciech Jaruzelski, poderá renunciar à sua militância comunista. Jaruzelski foi já convidado a participar no 11º Congresso do POUP.

Autarca de Telavive apela a negociações com a OLP

O velho tabu criado no Governo israelita sobre o inquestionável problema das conversações com a OLP foi novamente posto em causa, pela segunda vez no prazo de duas semanas, agora pelo próprio Presidente da Câmara Municipal de Telavive. Na semana passada abriu-se uma grave crise no seio da coligação governamental, em Jerusalém, quando Yitzhak Shamir, líder do Likoud, ameaçou demitir o ministro Trabalhista das Ciências, Ezer Weizman, que teve vários contactos com elementos da organização palestina. Agora foi a vez do autarca Shlomo Lahat, antigo general que comandou as forças israelitas no Sinai, de declarar-se a favor do diálogo com qualquer entidade que possa ajudar a alcançar a paz, «mesmo com o próprio Yasser Arafat», líder da OLP.

Nato minimiza proposta da RDA

A Nato minimizou as propostas do líder do Partido Comunista Alemão Democrático, Gregor Gysi, para a redução das tropas e de armamento estacionado entre as duas Alemanhas. Um porta-voz da Nato disse que as propostas não foram feitas oficialmente e que as actuais conversações Leste-Oeste, em Viena, sobre forças convencionais na Europa serão o local correcto para analisar a questão. As autoridades da Alemanha Federal fizeram também circular a ideia de que não encararam muito seriamente a proposta do líder Leste-alemão. Gregor Gysi defendeu, no passado sábado a retirada das tropas estrangeiras estacionadas nas duas Alemanhas, até 1999, e a redução para metade do armamento dos dois países.

Comecom debate novas formas de funcionamento

Os primeiros-ministros dos dez países que integram o Comecom, reunem-se hoje em Sófia, na Bulgária, para debater a reestruturação deste organismo de assistência e cooperação económica mútua. O porta-voz do ministério soviético dos Negócios Estrangeiros, Gennady Guerassimov, em declarações recentes, defendeu a adopção de «medidas mais radicais para reestruturar os mecanismos de cooperação» uma vez que - disse - «não existe dinamismo, nem sinais de melhoria na estrutura comercial, nem progresso tecnológico» dentro dos países do Comecon. A reunião, que irá decorrer durante os dois próximos dias, tem por objectivo transformar o Comecom numa organização económica moderna, que ajude os seus membros a participarem no contexto da economia mundial.

Redacção DL/Novosti/Lusa Reuter

Segundo o primeiro-ministro romeno

Revolução não teve ajuda externa

A revolução na Roménia foi realizada pelo próprio povo, sem qualquer ajuda externa, afirmou, em entrevista ao primeiro canal da televisão francesa, Petre Roman, primeiro-ministro romeno.

Aquele dirigente criticou, por outro lado, os apelos feitos por alguns países Ocidentais aos países do Tratado de Varsóvia para que apoiassem militarmente a revolução, dizendo que eles não foram "a melhor ideia, tanto mais que foi avançada sem nos consultar".

O chefe do Governo romeno pôs a tónica na necessidade de desenvolver o pluralismo de opinião e a liberdade de Imprensa e na preparação para as primeiras eleições livres, considerando útil qualquer experiência de transformações democráti-

cas nesta área.

Roman apontou como opção económica prioritária a elevação, o mais rapidamente possível, do nível de vida da população, no seu entender extremamente baixo, salientando a situação complexa no sector agrícola. No ano passado, a colheita de cereais foi apenas de 16,9 milhões de toneladas que são insuficientes para o país.

O primeiro-ministro destacou a importante e oportuna ajuda da União Soviética, em particular no fornecimento de electricidade, gás e petróleo.

Liberdade de culto

Entretanto as autoridades romenas comunicaram ao Vaticano que os católicos, oprimidos durante quatro décadas de comunismo, vão ter liberdade total de culto.

revelou a agência noticiosa italiana "Ansa".

Num despacho de Bucareste, a agência informa que o enviado especial do Papa João Paulo II para a Europa de Leste, o arcebispo Francesco Colasuonno, recebeu a promessa do ministro dos Negócios Estrangeiros e vice-presidente da Frente de Salvação Nacional, Dumitru Mazilu.

Colasuonno é citado como afirmando que obteve garantias de Mazilu, durante uma reunião realizada no sábado em Bucareste, de que os católicos de rito latino e de rito oriental terão liberdade total e poderão nomear livremente os seus bispos.

Os dirigentes comunistas romenos ilegalizaram a Igreja de rito oriental em 1948, transferindo as suas propriedades para a semi-oficial Igreja

ortodoxa e restringiram as actividades da Igreja de rito latino.

Julgamento de membros da Securitate

A Roménia iniciou ontem o julgamento de membros da temida polícia secreta do antigo Presidente Nicolae Ceausescu, condenando o primeiro dos acusados a uma pena de nove anos de prisão por tentativa de assassinio.

A Frente de Salvação Nacional anunciou no domingo a criação de tribunais militares especiais para julgar pessoas acusadas de "acções terroristas".

A Frente utiliza normalmente o termo "terrorista" para descrever os membros da Securitate.

Redacção DL/
Lusa/Novosti

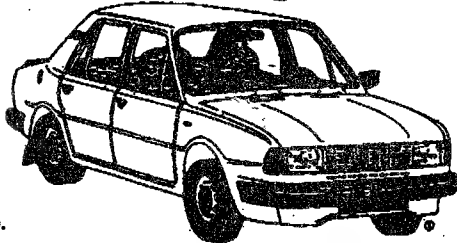
MRVI

concessionário

ŠKODA

1 ANO
GARANTIA
TOTAL

5%
Desconto p.p.



Tel. 363 65 53 Fax 363 67 56 120 L - 995.868\$
RUA NOVA DO CALHARIZ, 20 - 1300 LISBOA

ENCARGOS ANUAIS: Base 15000 km, Nov. 1989-Rapid 162 843\$00 120 L 171 523\$00

1890 - 1990

Notas de história diplomática (1)

Da conferência de Berlim ao Mapa Cor-de

Completam-se agora cem anos sobre o *Ultimatum* britânico de 11 de Janeiro de 1890. Acto culminante de um longo e complexo conflito entre Portugal e a Grã-Bretanha, a propósito da delimitação das respectivas possessões na África centro-austral, ele teve profundas repercussões em Portugal e não menos negligenciáveis consequências no futuro daquela extensa região do continente africano.

Por finais dos anos 70 e por toda a década de 80, inicia-se e acelera-se a corrida e a partilha da África negra pelas potências europeias. Valorizada já pelos exploradores, pelos humanitaristas e pelo cientismo, abrem-se perspectivas de novos mercados de matérias-primas e de novas zonas de expansão para a sua pujança demográfica, comercial e técnica. A Grã-Bretanha, a França e, mais tarde, a Alemanha aí desfrutarão de campos de expansão económica, mas também de teatros de emulação e disputa de prestígio político. Com elas concorrerá Leopoldo II da Bélgica e o seu projecto pessoal de aquisição colonial e, ainda, Portugal, que pela sua herança histórica, ali detinha vastos domínios coloniais.

Realizada a Conferência de Berlim, de resto convocada para pôr um fim ao *condomínio*

luso-britânico no Zaire, da qual sairia - pelos bastidores - o novo Estado independente do Congo, tornara-se claro para uma reduzida elite portuguesa, mais familiarizada com os assuntos africanos, que novos ventos sopravam no plano colonial. Findara o tempo das soluções fáceis com a Grã-Bretanha, a luta agudizava-se com as pretensões da França e com as da recém-chegada Alemanha. A partilha da África - onde Leopoldo II obtivera já uma desmesurada fatia - acelerava-se então.

Despertado nos seus brios nacionais, Portugal, preservando o essencial dos seus interesses no baixo Zaire, obtivera na Conferência de Berlim uma linha estratégica de protecção a uma futura expansão para o interior. Tratava-se da margem esquerda do rio Zaire, até à povoação de Noqui e, dali, o seu paralelo até ao rio Cuango. As explorações de Capelo e Ivens e de Serpa Pinto (1877-1880), as de Henrique Dias de Carvalho (1884-1887) e, novamente, de Capelo e Ivens (1884-1885), esta última realizada de Angola à contracosta moçambicana, davam um renovado alento à política colonial portuguesa e forneciam uma base de expansão dos domínios portugueses.

Retomando um projecto de

ligação de Angola a Moçambique, que remontava ao século XVI, Barbosa du Bocage, ministro dos Negócios Estrangeiros, considerava prioritária a definição de fronteiras seguras para as possessões portuguesas, iniciando negociações com a França e trocando alguma correspondência com a Alemanha. Urgia definir limites na Guiné, rodeada de estabelecimentos franceses, precisar a fronteira norte de Cabinda com a França, estabelecer a fronteira sul de Angola. Porém, instava também com o seu colega da Marinha e Ultramar para que se realizassem novas expedições que, de Angola atingissem Moçambique e que de Moçambique abrissem novos caminhos para Angola e trocasses para o domínio português os regulados indígenas do interior, designadamente, o império dos Matabeles.

Iniciador das negociações com a França, seria o seu sucessor, Henrique de Barros Gomes, que as finalizaria com uma convenção assinada em 12 de Maio de 1886. Haviam-se obtido fronteiras para toda a Guiné, definiram-se os limites luso-franceses no norte de Cabinda. Obteve-se ainda a renúncia da França à extensão da sua influência entre Angola e Moçambique e o seu reconhecimento ali da



Os delegados portugueses à Conferência de Berlim: em primeiro plano, Luciano de Serpa Pimentel e marquês de Penafiel; em segundo plano, conde de Penafiel, Carmona e conde de S. Mamede

exclusiva esfera de influência portuguesa, sob reserva de direitos adquiridos por terceiros. A toda a documen-

tação das negociações juntava-se uma carta geográfica, representando a *África Meridional Portuguesa* colorida de

rosa, que abarcava uma larga faixa territorial e que unia Angola a Moçambique. Tratava-se da primeira versão

As colónias portuguesas e o equilíbrio europeu (cronolo

1875 Fundação da Sociedade de Geografia. Por arbitragem da França são considerados provados os direitos portugueses sobre as terras de Lourenço Marques

1876 A Sociedade de Geografia propõe a travessia do continente africano, ligando as colónias portuguesas. Realiza-se, em Bruxelas, a «Conferência Geográfica», uma iniciativa de Leopoldo II da Bélgica. Fundação da Associação Internacional Africana.

1877 Serpa Pinto vai de Benguela ao Bié e estuda as nascentes do Cuanza

1877-80 Capelo e Ivens percorrem as regiões de Benguela às terras de Iaca, determinando os cursos dos rios Cubango, Luando e Tochicapa

1878 É eleito, pelo Porto, o primeiro deputado republicano, Rodrigues de Freitas

1881 Fundação de Humpata (Angola)

1883 Henrique Maria Cardoso vai de Inhambane a Sofala e regressa ao ponto de partida fazendo um largo desvio para Ocidente

1884 Início da Conferência de Berlim. Capelo

e Ivens vão de Angola à Contra Costa. Assinatura de um tratado com a Inglaterra no qual se reconhece a soberania portuguesa na região das duas margens do rio Zaire até às fronteiras do novo Estado do Congo (pertencente a Leopoldo II)

1886 Acordos com a França e a Alemanha para, por meio de cedências territoriais, tentar assegurar o seu apoio às pretensões portuguesas

1887 O ministro dos Negócios Estrangeiros, Henrique Barros Gomes, apresenta à Câmara dos Deputados um mapa da «África Meridional Portuguesa» onde os territórios entre Angola e Moçambique, reivindicados por Portugal, se encontravam pintados de cor-de-rosa

1888 António Maria Cardoso chega ao Niassa onde instala a sua missão de estudo

1889 Paiva Couceiro ocupa o Barotze, território da região do Zambeze

1890 *Ultimatum* inglês (11 de Janeiro). Constituição da Liga Patriótica do Norte. Alfredo Keil compõe *A Portuguesa*. Pri-

meiro acordo com a Inglaterra, rejeitado pela Câmara dos Deputados e pela generalidade da opinião pública (Agosto)

1890-96 Cecil Rhodes é primeiro-ministro da colónia do Cabo e prepara a conquista dos estados *boers*

1891 Revolta no Porto (31 de Janeiro)

1892 Tratado e *modus vivendi* com a Grã-Bretanha sobre a África Oriental. Artur de Paiva explora o Cunene a partir de Humpata

1894 Celebração, no Porto, do V Centenário do Nascimento do Infante D. Henrique. Combates em Moçambique (Marracuene, e revolta de Macequece)

1895 Combates em Moçambique. Mouzinho de Albuquerque prende o régulo Gungunhana

1897 Entra no Tejo o cruzador Adamastor, construído em consequência de uma subscrição pública. Combates em Moçambique

1898 Estabelecimento da feitoria de Manica (Moçambique)

1899 Comemoração, em Lisboa do IV Centenário do Descobrimento do Cam-

inho Marítimo para a Índia. Vitória eleitoral republicana no Porto. O Gabinete Inglês assina o acordo que ratifica os tratados de 1624 e 1661, os quais garantem a integridade dos domínios portugueses

1899-1902 guerra Anglo-Boer

1901 Primeiro Congresso Colonial Nacional

1902 Submissão e prisão do régulo Cambuemba da Zambésia, na campanha do Barué (Moçambique). Pelo tratado de Vareniguing a república dos *boers* perde a sua independência, abrindo a possibilidade de concretizar o sonho de Cecil Rhodes: «do Cabo ao Cairo»

1903 Eduardo VII de Inglaterra visita Portugal. A Empresa Nacional de Navegação estende as suas carreiras até Moçambique. Criação da Companhia de Cabinda.

1904 Segundo Tratado de Windsor

1905 Basílio Teles publica *Do Ultimatum ao 31 de Janeiro*

1907 Operações militares em Angola (Cuamata e campanha dos Dembos)

1908 Tentativa revolucionária (28 de Janeiro). Prisão de republicanos. Assassi-

nato de D. Carlos (Fevereiro)

1910 Implantação da República (Outubro)

1911 Criação do Estado da Índia

1912 O presidente de Vasconcelos visita Portugal

Deputados nã a Inglaterra e ameaçar a inde os interesses dos seus dom mar que faz a sentimento d Berlim»

1913 Acordo m e a Alemanha colónias port

(Fontes: Cron de Joel Serrã Oliveira Mar Editorial Stoc

A.M.A. Auto Monumental do Arco

Audi



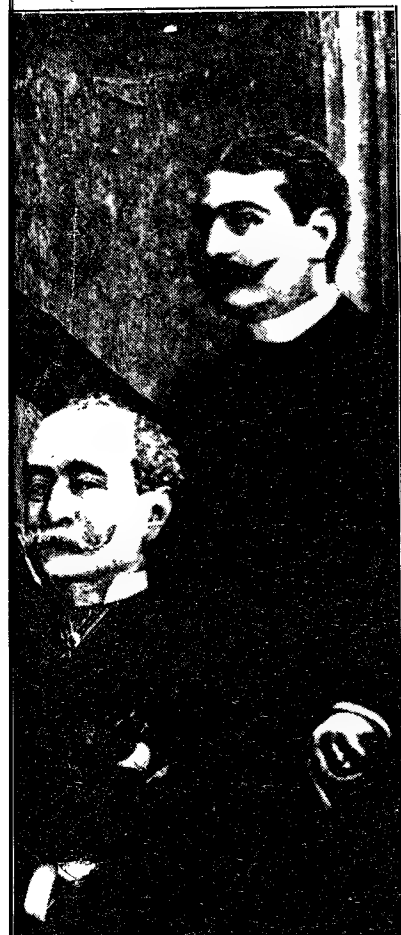
CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇO

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR

e nele a sua
portuguesa» - foi
sa velha aliada;
de Queirós, ficou
orda-o, analisa-o
depois

de-Rosa



Luciano Cordeiro, António
Mafel, Carlos Roma do Bocage

larga oficial do célebre Mapa Cor-
unia de-Rosa.
Trat-
versão Carlos Lima Silva Motta

ologia)

de D. Carlos e de D. Luís Filipe (1 de
reiro)
Implantação da República (5 de
ubro)
Criação do Ministério das Colónias
O presidente do Ministério, Augusto
asconcelos, garante na Câmara dos
utados não existir tratado algum entre
laterra e a Alemanha «de natureza a
acar a independência, a integridade e
nteresses de Portugal ou de uma parte
seus domínios», terminando por afir-
que aquela «declaração com o as-
simento dos gabinetes de Londres e
lim»
Acordo não assinado entre a Inglaterra
Alemanha prevendo a partilha das
ônias portuguesas

José Manuel Sousa

ntes: Cronologia da História de Portugal,
Joel Serrão; História de Portugal, de
veira Marques; Atlas Historique da
torial Stock)

OS

ERVIÇOS • OFICINA

03 AMACAR — 1000 LISBOA

O Ano do Ultimatum

Um projecto para Portugal

Ao relâmpago do Ultima-
tum (a metáfora é de Basílio
Teles): o desejo do reatamento
da obra «messiânica» de
Portugal; perdido o Brasil,
um novo projecto imperial-
ista no Sul da África (o mapa
cor-de-rosa); a incúria
estratégica na marcha para o
objectivo (se é que tínhamos
os meios desta política colo-
nial); a indignação popular
(e a de políticos e intelec-
tuais) contra a Inglaterra, o
regime e a nação, gloriosa
nos séculos XV e XVI, que se
deixara decair até à humil-
hação de capitular ao ultima-
tum inglês...

A este clarão tumultuário,
diviso, nas reflexões que
venho fazendo sobre Portu-
gal, algo que até aqui se me
não configurara? Aliás, essas
reflexões não passam, em boa
parte, de um esquisso, ou pré-
esquisso, de um projecto para
Portugal. O melhor será
sumariá-lo - ainda que in-
completamente, dados os
limites de espaço.

- Comunidade Económica
Europeia.

- Comunidade de língua
portuguesa.

- Projecto de actualização
do «universalismo portu-
guês».

A Comunidade Europeia

A sua construção (e afastamento) está ainda longe do termo, se é que coisas destas alguma vez têm termo. Situações sobre situações vão suceder-se, a exigir as respectivas respostas. Posto que muitas (respostas e situações) inimagináveis nesta altura, não teria sentido pronunciarmo-nos sobre elas. Há porém um imperativo formal (apto portanto ao conteúdo de todas as situações) que não deve nunca, a meu juízo, e de outros com certeza, deixar de vigiar o processo: o da preocupação pela soberania nacional. Entendamo-nos.

A construção progressiva da Comunidade obriga a repetidas transferências de soberania dos estados mem-
bros a instituições comunitárias. É óbvio e não está em causa.

Há porém um limiar abaixo de que já não se poderia falar de soberania nacional. E devemos estar atentos a que se não desça abaixo dele. Por exemplo: jamais um federalismo de tipo norte-americano.

Expliquei-me pela negativa. E pela positiva? Formas que possibilitem a necessária unidade comunitária, deixando, não obstante, uma margem decisiva de soberania nacional - são a inventar. Mas como, se não todos, quase todos (as velhas nações: Inglaterra, França, Portugal..., e talvez outras mais jovens, mas com o nacionalismo activo) têm interesse na in-

venção dessas formas duplamente determinadas, é provável que elas se vão inventando à medida que a Comunidade delas precise para avançar.

Comunidade de língua portuguesa

Perfeitamente exequível, dado que os sete (mas serão com certeza mais de sete: Macau, colónias de emigrantes...) têm vantagem na instituição dela.

No entanto, devemos contar com problemas assaz difíceis. O mais difícil estará, prevejo eu, em manter a intercomunicação entre os falantes das variantes do português, variantes essas cuja tendência natural será afastarem-se, cada vez mais, umas das outras.

Que fazer? Continuo a pensar na utilidade de uma associação internacional dos sete (ou os que forem), com a missão de referenciar os fenómenos que, nas variantes, vão contra a intercomunicação, estudar as medidas capazes de os erradicarem ou travarem, levando-as ao conhecimento dos governos, de que a associação constituiria um órgão consultivo.

Portanto, uma instituição concebida como instrumento de uma política de Estado (de Estados) e não, no improviso, com a mira em imediatos, mas efémeros, lucros políticos.

Dito Comunidade Económica Europeia e comunidade de língua portuguesa, está dito; em grande parte, o «universalismo português». Falta a pequena parte, que não é desprezível.

Há história de Portugal por todo o mundo. Do que devemos (desculpar-me-ão o óbvio) tirar o máximo proveito. Não deixemos apagar os vestígios da nossa presença ou passagem. Avivemo-los. Assim, desde logo, avivaremos o nome e o prestígio de Portugal, o que só por si já tem importância.

O eixo do mundo passa para o Pacífico? Estamos, e podemos estar mais, lá. Japão. Coreia: segundo coreanos, foram portugueses os primeiros ocidentais a pisar a terra da Coreia. Macau. Taiwan: também os portugueses haverão sido os descobridores da ilha, para o Ocidente. Filipinas: por aí andámos no comércio do sândalo e das especiarias. Malásia: sobre os monumentos que lá deixámos, a «comunidade portuguesa de Malaca», constituída por descendentes de portugueses, católicos, com costumes de raiz portuguesa, e falando o que se tem chamado um dialecto do português, «o cristão». Timor: não vamos aceitar o facto consumado...

Em todos estes lugares, podemos, entendido que disso tiramos benefício, estabelecer centros culturais (no sentido estrito ou lato, clássico ou inovador, de expressão).

Conjuguem-se este mapa histórico com o mapa da emigração portuguesa. Hawaii: umas dezenas de milhar de luso-descendentes. Nova-Zelândia: mais ou menos dois mil emigrantes, número pequeno, com o qual todavia já se pode, se se quiser, trabalhar. Austrália: à roda de quarenta mil portugueses. Califórnia: portugueses e luso-descendentes rondarão os cem mil. Vancouver: meio milhar de portugueses...

Os chamados «Dragões do Pacífico». Japão: temos aí uma importante presença histórica. (V. Figuras de Silêncio, A tradição cultural portuguesa no Japão de hoje, de Armando Martins Janeiro). Coreia e Taiwan: há aí uma presença histórica portuguesa, passível de rentabilização. Singapura é vizinha da Malásia, e haverá em Singapura, segundo algumas fontes, comunidades também descendentes de portugueses. Hong Kong fica a uma hora, embarco jet, de Macau.

Tais presenças, a histórica e a da emigração portuguesa, constituem uma virtualidade de apoios a acções de empresários portugueses nesta zona do mundo. Uma aliança entre a cultura, as colónias de emigrantes e os empresários, aparece pois como possível, e em muitos casos será desejável.

Lembraríamos assim, ou lembraríamos melhor, nos lugares do mundo onde fizemos história, a nossa contribuição para a história dos povos de tais lugares. Essa história de Portugal é também história deles. No que eles são, nós também estamos - segundo a melhor tradição da mestiçagem portuguesa.

Assim se pode tornar presente o passado, sem cair no passadismo: transformando-o em elemento estratégico de um projecto.

Assim se pode tirar partido do que temos. Se não temos muito, um passado decisivo para a história do mundo, e da mundialização em curso, que os portugueses no século XV iniciaram - isso, nós temos.

«Reatamento da obra messiânica»? Não há a intenção de redimir nada.

Embarcamos na aventura da Europa. Queremos potenciar um idioma, outros que o utilizam - também, vamos desenvolvê-lo em co-gestão. Queremos tirar partido de uma história constituinte da história do mundo. Queremos ligar os nossos emigrantes a um projecto nacional.

Queremos vender bens e serviços e obter algum know how. Tudo objectivos compreensíveis e razoáveis, de um projecto realista.

Se se encontram nele elementos de imaginação, de sonho, de voluntarismo, é só porque não há real sem imaginação nem sonho. E o que de um projecto se realiza - sem força de vontade, não se realiza.

Mas porque é que me preocupo com soberania nacional, esboços de um projecto nacional, etc.? Hoje, foge-se argumentando que as soberanias nacionais sempre foram muito relativas, e, com o «fim da história» e o «fim do futuro», a ideia de projecto deve estar também finda...

As minhas preocupações extemporâneas e contra o espírito do tempo explicam-se pelo facto, que não posso alijar, de ser português? Mas português, de que Portugal? Do da *patria chica* (expressão de Unamuno). A *patria chica* é o rosto da Mãe, a língua materna, as primeiras percepções... Ora, poder-se-á ter a nacionalidade de um Estado Federado Europeu ou de um Estado Mundial, e ter ao mesmo tempo a lembrança amorosa da Mãe, dizer as coisas intuitivas na língua materna, evocar com ternura a rua onde se nasceu... É até possível que a mundialização do mundo e o afecto ao local sejam directamente proporcionais. O norte-americano, executivo de uma multinacional a que não é fácil atribuir uma nacionalidade, e que salta pelo mundo de aeroporto em aeroporto, e de Hilton em Hilton, todos indescerníveis, amará talvez cada vez mais, à medida que a sua vida o cosmopolitiza, a pequena cidade no South Dakota, onde nasceu, cresceu e os pais ainda vivem... Aquelas minhas preocu-

pações têm a ver com uma outra pátria: a do Estado-Nação. Quanto interrogio: Como, na inevitável metamorfose das actuais formas políticas, as novas formas hão-de conter o máximo de soberania nacional possível, e, compensatoriamente da que se tem de transferir, o País há-de tirar o máximo partido possível dos seus recursos linguísticos, históricos, caracteriais? - é o Estado-Nação a pátria que está em causa.

Há manifestamente uma ligação minha, com alguma força, ao Estado-Nação português. De onde me vem?

Da educação (a dirigida e a espontânea), que me conduziu para valorizar o Estado-Nação, ideia e prática consciente e inconsciente.

Mas saber como se produz um fenómeno, não nos dá o poder de evitá-lo? Diz-se que analisar uma paixão é matá-la. E com certeza que me seria cómodo e proveitoso deixar de preocupar-me com o Estado-Nação, que, ao que oiço dizer, está numa crise insana.

Talvez a análise mate a paixão, não muda os fundamentos da personalidade. O saber como, neste caso, não vai além de permitir uma *distanciamento*. Quando admito que o Estado-Nação tem de tomar novas formas adequadas aos tempos que correm, isso não seria possível sem alguma distância relativamente a ele. Mas distância não é ruptura.

Reparo que esta reflexão, tão calidamente patriótica, acaba levando ao relativismo. Porque deixa implícito - e tendo consciência disso, explicito-o - que, educado para outros valores, eu não estaria assim preso ao Estado-Nação. Um relativo no absoluto. Mas também, que eu conheça, não há absoluto sem um relativo dentro.

José Fernandes Fafe

Colóquio na Faculdade de Letras

A Linha de História Contemporânea do Centro de História da Universidade de Lisboa promove, na Faculdade de Letras, entre quarta-feira e sábado, um colóquio subordinado ao tema «Portugal e o Ultimatum, um século depois», para aprofundar a pesquisa e a reflexão acerca do significado geral do Ultimatum inglês de 11 de Janeiro de 1890. Estão previstos os seguintes painéis: «Poder e Instituições», «Economia e Sociedade», «Ideologia e Mentalidades», «Política Externa» e «O Ultimatum, Portugal e a Europa». As sessões começam às 9 horas.

A Linha de História Contemporânea é orientada pelo Prof. João Medina, e o colóquio conta com o apoio dos Profs. Jorge Borges de Macedo e Veríssimo Serrão. Em data e local a anunciar, abrirá uma exposição gráfica e bibliográfica sobre o Ultimatum. Foram também criados quatro grupos de investigação para preparar quatro colectâneas dedicadas ao Ultimatum na Imprensa e na literatura, aos documentos diplomáticos sobre o Ultimatum, à expressão gráfica e artística do Ultimatum, e ao Ultimatum e os novos meios técnicos e formas de organização, propaganda e agitação políticas.

QUOTIDIANO

Tribunal considera ilegais Torres dos Jerónimos

A licença camarária para a construção das chamadas «torres dos Jerónimos», em Lisboa, foi considerada nula, ontem, pelo tribunal administrativo de Lisboa, anunciou o Instituto Português do Património Cultural (IPPC).

As «torres», um conjunto de dois edifícios para o comércio e escritórios, previstas para as traseiras do Mosteiro dos Jerónimos, causaram grande polémica há três anos, devido ao facto de a Câmara Municipal de Lisboa ter aprovado o projecto, apesar da existência de um parecer negativo do IPPC.

O parecer do Instituto tinha carácter vinculativo, pois as torres foram projectadas para a área de protecção do Mosteiro e da igreja da Memória.

O IPPC, dependente da Secretaria de Estado da Cultura, solicitou o embargo administrativo das obras, ao que se seguiu uma «batalha» jurídica com a Câmara, através de recursos de ambas as partes para as instâncias judiciais.

A decisão de ontem da primeira instância do Tribunal Administrativo do círculo de Lisboa põe termo a um recurso interposto pelo IPPC em Janeiro de 1987.

Em comunicado emitido segunda-feira passada, o Instituto sublinha que as obras se encontram embargadas, mas acrescenta «existem algumas indicações do IPPC à Câmara, que se pensa permitirão viabilizar uma solução de compromisso».

Escolas superiores criam mais 803 vagas

Esperanças limitadas para os 29 mil que ficaram de fora

Para além das 21 mil 817 vagas que foram preenchidas ontem no ensino superior oficial, restam ainda 803 por preencher, segundo informações concretizadas nesse sentido, por parte de estabelecimentos universitários.

Os cerca de quinze mil alunos que não foram colocados podem concorrer, a

partir da próxima segunda-feira, aos poucos lugares ainda existentes.

Em 1989 candidataram-se ao ensino superior oficial 51 mil 118 alunos, tendo sido colocados quase metade e destes, 68 por cento viu concretizada a sua primeira opção.

No total, tiveram acesso ao ensino superior cerca de 37 mil alunos, distribuídos entre as universidades oficiais e privadas (mais de 14 mil alunos).

O número concorrente à Prova Geral de Acesso (PGA) foi, em 1989, maior do que o número de alunos do 12º ano e do dobro dos anos anteriores. Se fosse mantido o mesmo esquema de acesso à universidade do ano passado em 1989/90, haveria mais vagas do que candidatos, dado que habitualmente concorriam cerca de 30 mil alunos.

Como a prova geral de acesso era um teste de «maturidade e cultura e não avaliava os conhecimentos adquiridos

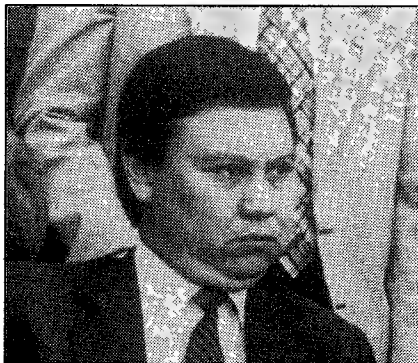
nos últimos anos lectivos», permitiu também o acesso de alunos com o 11º ano, o que diminuiu os exames *ad-hoc*.

Os candidatos não colocados podem reclamar no Ministério da Educação até sexta-feira, com base num pequeno guia que inclui a nota mínima de admissão para cada curso.

Os alunos colocados e que, entretanto, iniciaram as aulas numa universidade privada, podem optar pelo ensino oficial, sem qualquer penalização.

Para os restantes, as aulas devem começar já na próxima segunda-feira e noutros casos uma semana depois. Apesar disso, segundo o Ministério, «algumas universidades preparam-se para receber os alunos ainda esta semana».

É ainda possível que, devido ao início tardio, o ano escolar seja prolongado, cabendo a cada universidade optar entre o prosseguimento do período de exames ou das aulas.



Alunos zangados com ministro

Novas e velhas instalações da Faculdade de Ciências

Soares manifesta esperança em investimento

O Presidente Mário Soares afirmou ontem, numa visita à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, estar «convencido que os poderes públicos estão conscientes da necessidade que há em apoiar a ciência e as universidades».

Disse também concordar com os que «pensam que ainda não tem sido feito o esforço suficiente para ajudar o desenvolvimento da ciência».

Na sua perspectiva, todo o investimento que for feito nas universidades e centros de investigação científica «é altamente rentável» mesmo que a curto prazo não sejam visíveis os resultados.

A surpresa do Presidente

Mário Soares mostrou-se surpreendido pelas instalações que visitou no Campo Grande, contrastantes com as da velha Faculdade de Ciências do seu tempo. O edifício da rua da Escola Politécnica foi muito danificado por um incêndio em 1978 e, depois de soluções transitórias, alguns departamentos da faculdade estão agora definitivamente instalados em dois modernos edifícios no Campo Grande.

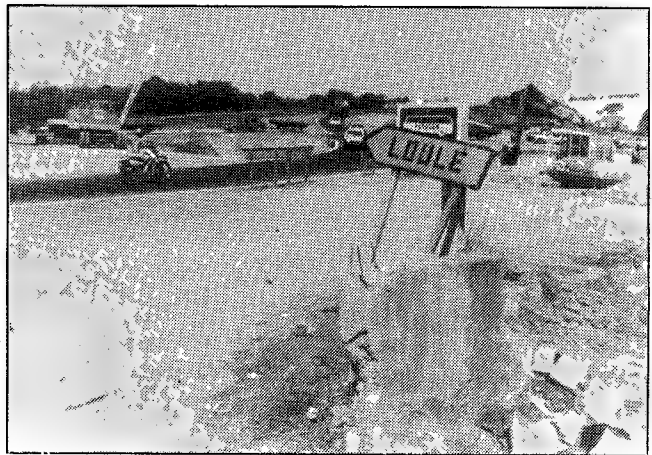
«Fiquei entusiasmado com o apetrechamento, mas reconheço que isto é apenas o

começo», disse o Presidente da República. Por seu turno, o reitor da Universidade de Lisboa, Meira Soares, afirmou esperar «que não seja preciso mudar a Constituição para o ter (Mário Soares) num terceiro mandato» de forma a poder inaugurar as instalações definitivas da Faculdade de Ciências.

Esta questão constitui o maior dos problemas com que se debate a Faculdade, na opinião do presidente do respectivo Conselho Directivo, Aurélio Ferreira. As instalações estão dispersas pela cidade. Os grandes óbices à rápida resolução do problema situam-se na esfera orçamental e no terreno ocupado pelo Hipódromo do Campo Grande — acrescentou.

Actualmente, estão em construção três edifícios, a que se seguirão outros três, já projectados. A fase de acabamentos daqueles que já têm as infraestruturas edificadas tem início previsto para Fevereiro, sendo a sua duração de 13 meses.

No entanto, as verbas inscritas no PIDAC não permitem o pagamento das obras nesse período — disse Aurélio Ferreira. O presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Ciências afirma ter esperanças de que em 1993 esteja tudo pronto, apesar de ser quase impossível que tal aconteça.



Se não for melhorada, a qualidade da oferta turística algarvia prepara um futuro cinzento para o sector

Ameaça virtual em Ano Europeu

Algarve teme massificação

O Ano Europeu de Turismo encerra o perigo de uma crescente massificação da procura, o que é perigoso para Portugal, afirmou em Lisboa o presidente do Movimento da Região e Progresso do Algarve (MRA).

José Vitorino, que falava na apresentação pública de um filme promocional sobre o Algarve, disse que: «Portugal tem que garantir, acima de tudo, que 1990 seja finalmente o ano português do turismo», defendendo que as autoridades portuguesas «actuem simultaneamente na frente comunitária e em Portugal».

Após referir que «do Ano Europeu de Turismo pouco haverá a esperar para Portugal», José Vitorino sublinhou que, sem prejuízo do interesse em favorecer a circulação de pessoas, «tal prática da CEE conduz a uma acentuação da massificação da procura turística, que, por sua vez, contribui implacavelmente para a massificação da oferta, o que atenta contra os nossos interesses».

Fazendo um balanço do ano turístico de 1989, o presidente do MRA disse que «quanto a entradas de estrangeiros, no conjunto do País, foi bom, enquanto no Algarve a situação foi de recessão».

«O Algarve atravessa mesmo uma crise com origem numa procura em recessão e uma oferta que continua a subir em flecha e é muito superior à procura», acentuou aquele responsável.

José Vitorino defendeu «a urgência de medidas a nível de planeamento orgânico, promocional e de qualidade de oferta, sem o que o futuro será cada vez mais cinzento».

Nesse sentido, propôs, entre outras medidas, a alteração da orgânica da Região de Turismo do Algarve e a realização de uma feira de turismo do Algarve.

LOTARIA POPULAR

1º - 047821	3 000 000\$00
2º - 337557	750 000\$00
3º - 107123	500 000\$00
4º - 005585	250 000\$00
Terminações em 821	60 000\$00
Terminações em 557	15 000\$00
Terminações em 123	4 000\$00
Terminações em 585	1 500\$00
Terminações em 04,49,51,82,89 e 95	500\$00

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOURES ANÚNCIO

O DOUTOR HENRIQUE ATAÍDE ROSA ANTUNES, JUIZ DE DIREITO DO TRIBUNAL JUDICIAL DE LOURES, 3.º JUÍZO 1.ª SEC.

FAZ SABER que neste Juízo, correm termos uns autos de Processo Acção Ordinária, registados sob o n.º 539/86, que Olívio Alcobia de Oliveira e mulher movem contra ANTÓNIO MANUEL LOPES BRANCO CANHÃO com última morada conhecida na Rua Combatentes do Ultramar, Botica, Loures e a outros, ficando este, por este meio citado, para, no prazo de vinte dias, finda que for a dilação de trinta, prazo que se começará a contar da data da publicação do último anúncio, contestar, querendo, a presente acção, pelos motivos constantes da petição inicial, articulados pelos A.A. que se encontram ao seu dispor nesta Secretaria, que a falta da contestação importa a confissão dos factos.

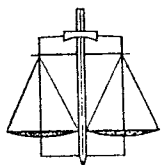
Para constar se lavrou o presente anúncio que vai ser devidamente publicitado.

Loures, 15 de Dezembro de 1989

O Juiz de Direito
Henrique Ataíde Rosa Antunes

O Escrivão Adj.
Fernando Pedroso Simões

«DL» 2.ª Pub. — 9/1



SINDICATO TRABALHADORES JUDICIAIS DO DISTRITO JUDICIAL DE LISBOA

Rua Marquês de Fronteira, n.º 56-1.
Telef. 85 29 63 — 1000 LISBOA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do art.º 24.º dos Estatutos, a solicitação da Direcção, convoca a ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA do Sindicato dos Trabalhadores Judiciais do Distrito Judicial de Lisboa, para o próximo dia 20 de JANEIRO de 1990 pelas 14 horas, no TRIBUNAL DA BOA HORA, LISBOA, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

- 1.1. — Aprovação da integração do Sindicato no SINDICATO DOS FUNCIONÁRIOS JUDICIAIS;
- 1.2. — Ratificação dos Estatutos do SINDICATO DOS FUNCIONÁRIOS JUDICIAIS;
- 1.3. — Deliberação sobre o destino do património deste Sindicato;
- 1.4. — Momento da integração do SFJ;
- 1.5. — Gestão Provisória, desde o momento da integração até às eleições dos Órgãos Regionais;
2. — TABELA INDICIÁRIA DE VENCIMENTOS — (Ponto da situação).

Se à hora marcada não estiverem presentes a maioria dos associados, a Assembleia Geral funcionará uma hora mais tarde, no mesmo local, com qualquer número de sócios.

Lisboa, 4 de Janeiro de 1990

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,
Mário Matias Monteiro

Águas infiltradas arruinam Letras

As actividades da maior Faculdade do País estão afectadas e não há verbas para obras de reparação

Uma parte do tecto da galeria da biblioteca central da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa desabou no passado fim-de-semana em consequência da infiltração de águas, não deixando o céu a descoberto apenas porque, segundo um membro do Conselho Directivo deste estabelecimento de ensino, «por cima do local que ruíu se situa o depósito das revistas da biblioteca».

Com efeito, a Faculdade de Letras de Lisboa (FLL), esse velho e cinzento edifício que, de parceria com a sua congénere das Leis, ensombra o verde do vizinho Campo Grande, começa a acusar as malhas do tempo e o eterno problema nacional em matéria de construções e equipamentos escolares: a falta de verbas para as reparações necessárias e o consequente empurrar de responsabilidades para as que são só «possíveis».

Para já, e dada a recente ocorrência, alguns dos responsáveis pelo maior estabelecimento de ensino superior do país atribuem o sucedido às infiltrações de água resultantes das grandes chuvas que se têm feito sentir.

No entanto, outros vão mais longe e sustentam que, à semelhança dos rumores que correram há já alguns meses atrás, a construção da Torre do Tombo, mesmo ao lado da Faculdade de Letras de Lisboa, está a trazer «complicações» às estruturas da escola.

Esta é a opinião de Leonel Nunes, dirigente associativo



Um aspecto da degradação a que chegou o anexo da FLL, encerrado à espera de verbas para as necessárias obras

e membro do Conselho Directivo da FLL, que confirmou ao «DL» as suspeitas de que as movimentações de terras e as infiltrações de águas provocadas pela construção do novo edifício da Torre do Tombo estão na origem de várias lesões da estrutura da Faculdade de Letras, entre as quais o desabamento de parte do tecto da biblioteca central que, tal como agora se encontra, põe em perigo a inte-

gridade física dos seus utentes.

Outra das situações mais críticas em termos de degradação das edificações que a FLL actualmente vive ocorre num anexo deste estabelecimento de ensino, situado no Campo Grande, onde funcionam as componentes pedagógicas dos cursos de Letras, os 5º e 6º anos de pós-graduação para o ensino.

O encerramento destas

instalações anexas à FLL implicou a suspensão das aulas desde o início do passado mês de Dezembro, e não se prevê para já a data de qualquer possível ou eventual reabertura daquelas.

Desta feita, e mais uma vez, foram infiltrações de águas as responsáveis por esta situação que, por terem afectado o sistema eléctrico daquele anexo e posto em risco a sua segurança, levou a direcção da Faculdade de Letras de Lisboa a encerrar estas instalações.

Ultrapassada a data prevista da sua reabertura (2 de Janeiro), o anexo continua encerrado e sem se prever quando voltará a funcionar. Após a realização de um concurso «limitado» - devido à urgência das obras - o orçamento feito pela empresa que o ganhou (quatro mil contos «apenas para a calafetagem») está muito além daquilo que permitem as verbas escolares.

Entre a «possibilidade de uma dotação suplementar do Ministério da Educação», especialmente desbloqueada para este efeito - que fontes da FLL afirmam estar a ser objecto de negociação entre o reitor da Universidade e o ME - e a efectivação das obras urgentes que restabeleçam a segurança do edifício, as aulas daquele anexo da FLL vão permanecer encerradas, enquanto as suas várias centenas de alunos procurarem informações noutras bibliotecas que não a central da sua própria faculdade.

M.A.M.

MALHAS DA JUSTIÇA

Apenas a saudade

De malas e bagagens aviadas, dirige-se para a zona de voos internacionais, no aeroporto da Portela. Em Cabo Verde, pais e marido aguardam-na, ansiosamente. Também ela sente a ansiedade crescer à medida que tempo vai sendo vencido. O nervosismo é natural. Há muito que não vê os pais.

Mas Angélica não chega a entrar no avião que descola com menos um passageiro a bordo. Na bagagem, uma pistola calibre 6.35, com carregador e respectiva caixa de 25 munições é detectada pelo sofisticado sistema de segurança.

O «bip-bip» assustou-a, a ela, que ignorava a sua existência. Pelo menos, desconfiava da sua eficácia. Por isso, mergulhara a arma numa lata de banha, depois de envolvida numa luva de borracha e dispusera-se a partir para outros climas. Mas o revólver não passou despercebido no controle de bagagens e Angélica também não.

É o desespero. Ficou retida logo ali, impotente, com a família, lá longe, à espera. Não tem antecedentes criminais. Residente há quase 20 anos em Portugal, Angélica sempre se dedicou à lida da casa, ao marido, à filha pequena que entretanto cresceu e ao seu neto, o Nelsinho, de 17 meses.

Não sabe ler nem escrever. Às vezes, a saudade dói mais fundo e ela lembra-se dos pais, já velhos e sózinhos, da vida difícil e perigosa que os mantém sempre alerta, em Cabo Verde.

Por isso, por amor, lembrou-se de lhes levar um «presente», útil, para defesa do que é seu.

Confessou logo. No aeroporto, confrontada com a evidência, na polícia, quando o auto foi lavrado e no Tribunal, perante a Justiça que espera seja feita.

Comprou a arma por cinco mil escudos a um qualquer cigano que não conhece e sabia de antemão o risco que corria.

Angélica é condenada: pode optar por 100 dias de prisão ou por uma multa em dinheiro, à razão de duzentos escudos diários.

Angélica paga. A multa e mais as custas judiciais, que a família continua, lá longe, à espera.

Contas feitas com a Justiça, dirige-se, de novo, para a Portela.

Um outro avião com o mesmo destino está prestes a descolar. Angélica está nervosa. Na bagagem, leva, desta vez, apenas a saudade das gentes e da terra que a viu nascer.

Emília Trindade

Sindicato dos Jornalistas critica controlo da Alta Autoridade

Ao tomar conhecimento da proposta de lei do Governo sobre a Alta Autoridade para a Comunicação Social, o Sindicato dos Jornalistas divulgou ontem um comunicado através do qual se manifestou contra esta medida tomada pelo executivo, bem como à extinção do Conselho de Imprensa.

O comunicado diz que os treze membros que compõem a Alta Autoridade, «não oferecem garantias mínimas de assegurar a independência perante o poder político; a governamentalização deste órgão é mais que evidente: dos treze membros previstos, só escapam à influência do Governo a nomeação do representante do Conselho Superior da Magistratura e um dos cinco eleitos no parlamento pelo método da média mais alta de Hondt; como se não bastasse esta evidente maioria, a proposta do Governo define a cooptação como método de escolha dos quatro elementos deixados ao critério da lei ordinária».

O Sindicato dos Jornalistas apresenta igualmente «a sua total discordância pelo facto de os jornalistas não terem representação institucional na Alta Autoridade».

Este órgão representante dos jornalistas já pediu audiências urgentes à Comissão de Direitos, Liberdades e Garantias da Assembleia da República, ao Conselho de Imprensa e ao Conselho de comunicação Social.

Juristas portuguesas discutem família

Um novo conceito de família está para nascer e vigorar entre os doze Estados membros da Comunidade Económica Europeia. Dentro de dias, o Parlamento Europeu vai definir, com rigor e precisão, o que é a família, hoje, e o que deverá ser, de futuro, à luz do Direito Comunitário. Questões até há alguns anos impensáveis na jurisprudência de cada país tornam-se, agora, focos geradores de discórdia e controvérsia entre os doze países do Mercado Único. A abolição de fronteiras e a livre circulação dos cidadãos exige uma objectividade de critérios ou, pelo menos, um consenso de opiniões em determinadas matérias.

É chegada a vez de reformular e «uniformizar» o conceito de família que, a nível das instâncias comunitárias, se mostra demasiado ultra-

passado e restrito. A nova concepção europeia de família deverá ser a síntese das diversas concepções dos países comunitários e Portugal, membro de pleno direito, não quis alhear-se da discussão. Por isso, a Associação Portuguesa das Mulheres Juristas promoveu, durante o fim de semana, um debate sobre o «conceito português de família» e elaborou uma proposta capaz de contribuir para um «renovado» conceito, mais igual, mais pacífico e mais justo da família comunitária.

Teresa Féria, presidente da Associação, referiu as duas principais preocupações das juristas portuguesas: «Vamos tentar que o conceito de família a aprovar pelo Parlamento Europeu integre não apenas a família tradicional, celular, mas também a união de facto e a monoparental, ou seja,

que estes dois tipos de relação possam ser contemplados, juridicamente, por analogia com a família tradicional».

Trata-se, no fundo, de encontrar um modelo que consagre, para além da consaguinidade, a afectividade e a liberdade do cidadão. É por demais sabido que a família reveste formas diferentes das que o Estado contempla e, se bem que a Constituição portuguesa possa considerar-se feliz e até progressista em aspectos que dizem respeito aos direitos, liberdades e garantias do cidadão, o mesmo se não passa, por enquanto, à luz do Direito Comunitário.

O conceito actualmente em vigor nos Estados membros nada tem a ver com a realidade de muitos dos países membros ao considerar a família composta «pelos cônjuges e seus descendentes,

até aos 21 anos ou de idade superior mas deles dependentes».

Retrógrado e redutor, exclui as famílias monoparentais (filho e um só progenitor), as uniões de facto ou livres (união não matrimonial) e mostra-se incapaz de responder a questões como a inseminação artificial, a fecundação «in vitro» e as maternidades substitutas ou mesmo a homossexualidade. Casos pontuais, dir-se-á, mas concretos, reais, sobre os quais paira ainda um vazio legal que urge preencher.

Dia 15 deste mês, a proposta será discutida em Bruxelas. Aos Doze competirá então redefinir um novo conceito de família que se espera mais actual e abrangente, capaz de contemplar a regra mas também de prever a excepção.

E.T.

CULTURA

Palmas, flores e a mais alta condecoração, ontem no Coliseu

Amália, Amália, Amália

«Isto foi um gesto muito bonito e muito popular do senhor Presidente da República, mas sei que foi também graças a vocês que eu estou hoje aqui com esta grã-cruz» - disse ontem à noite Amália Rodrigues, no Coliseu dos Recreios, após lhe ter sido conferida, por Mário Soares, a mais alta condecoração do País - a grã-cruz da Ordem de Santiago da Espada. Com uma sala superlotada de um público transbordante de entusiasmo e frenesi, a gala inicia-se com o Hino Nacional, a assinalar como manda o protocolo, a entrada na tribuna de honra do Presidente da República.

Para abrir o espectáculo, comemorativo dos seus cinquenta anos de carreira, Amália escolhe o "Fado Português", um poema de José Régio musicado por Alain Oulman. Antes, uma excelente guitarrada executada pelos acompanhadores da fadista: Carlos Gonçalves e Pinto Varela nas guitarras, Lelo Nogueira e Joel Pina nas violas.

Dirige-se pela primeira vez ao seu público, ao Presidente da República e ao primeiro-ministro e respectivas mulheres, e às numerosas individualidades ligadas à vida política, cultural e re-

ligiosa do País e do estrangeiro, altas patentes militares e corpo diplomático:

«Eu já tenho tido muitas noites bonitas e poderia agora mostrar maior segurança, mas a verdade é que não tenho nenhuma. Ainda bem que vossemecês são tão simpáticos, bem haja senhor Presidente e senhores ministros». Bem haja a todos os presentes. Depois, abriu os braços, mesmo à boca de cena, fez o sinal da cruz sobre o peito - gesto que o público aplaudiu - e sob o foco branco do holofote recomeça a cantar.

Amália entoa, de Álvaro Duarte Simões, o fado "Meia

noite e uma Guitarra". Depois, foi só desfolhar o livro, o volumoso livro dos seus fados: composições que ficaram famosas, como "O Rapaz da Camisola Verde" (Pedro Homem de Melo e Hermano da Câmara); "Soledad" (Alain Oulman); "Maria Lisboa" (David Mourão Ferreira e Alain Oulman).

As primeiras flores para a fadista, gesto que a assistência sublinha com mais palmas. Aliás as palmas, os vivas, os gritos de Amália, Amália, Amália, aconteceriam minuto após minuto, na noite escaldante da velha sala das Portas de Santo Antão.

Os Isqueiros, o delírio

O sexto fado chama-se simplesmente "Que Deus me Perdoe" e é da autoria de Frederico Valério. Acendem-se centenas de isqueiros, num ritual que apesar de corriqueiro não deixa de impressionar. A admiração, o respeito, o carinho, até a idolatria pela que é por muitos considerada a "rainha do fado", são sentimentos transparentemente traduzidos pelas manifestações vindas da plateia, da geral, dos camarotes, porque não da tribuna de honra. Pode dizer-se que é quase o delírio, mas a apoteose ainda vinha longe.

Uma incursão pelo folclore. Amália explica: «não canto só fado. Eu gosto daquilo que gosto». E à sétima sai o "Malhão de S. Simão", com a assistência a marcar o ritmo saltitante desta bela peça na nossa música tradicional.

E chega Luís Vaz de Camões, com um dos seus mais belos sonetos, "Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente", com música de Alain Oulman. Amália chama a Camões o "maior poeta do mundo... e do fado" e acrescenta: «Quem veio aqui hoje não vinha à espera de ouvir a Amália de há 40 anos. Mas o

fogo está aqui todo. Até o Camões perdoaria». E num aparte que o público premiou com sorrisos cúmplices: «isto vocês depois, na televisão, cortam...». É que, como é do conhecimento geral, o espectáculo foi gravado pela RTP para posterior transmissão.

"Quando eu era Pequena", é o primeiro verso da 10ª interpretação de Amália, que ela anuncia com um especial carinho: Trata-se da extraordinária peça da genuína tradição oral portuguesa, "Canção da Beira Baixa" e a fadista recorda que toda a sua família é daquela região... No final ouve-se grande Amália, grande Amália. E mais flores, sempre muitas flores.

Agora chega o "Senhor Vinho", logo seguido por aquele outro grande êxito que é o poema de Pedro Homem de Melo com música de Joaquim Campos, que tem por título "Povo que lavas no Rio". É o final da primeira parte em ambiente de autêntica explosão. Não há mais nada para inventar, mas aqui fica o registo possível: palmas, isqueiros, "estrelinhas" de fogo, (sempre flores), presentes dos mais variados



Francisco Paraiso



PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS COMISSÃO CONCELHIA DA AMADORA

Completa-se um ano, no próximo dia 10 de Janeiro, sobre a morte de Armando Romão, sociólogo e na altura vereador da Câmara Municipal da Amadora. Homem íntegro, cidadão interessado e militante do PCP, a sua morte súbita chocou profundamente os inúmeros amigos, que soube conquistar pela afabilidade e franqueza do seu trato, e grande parte da população do Concelho da Amadora, pela capacidade de decisão e competência demonstradas no exercício do cargo para que fora eleito.

O nome de Armando Romão ficará indissoluvelmente ligado ao histórico da Cidade e Concelho da Amadora, respeitado por companheiros e adversários políticos, uma vez que a sua maneira de ser e estar no mundo se norteava por princípios éticos, consistente formação humanística, respeito pelas convicções alheias e apego convicto aos ideais democráticos.

Deixando o nosso convívio, legou-nos o exemplo da sua dimensão de Homem e político, traduzida em consciente empenhamento na defesa dos interesses colectivos, no reforço do Poder Local e no desenvolvimento e pacificação do país.

Afirmar a saudade e respeito que a sua figura nos merece é o objectivo da Comissão Concelhia do PCP na Amadora ao realizar, no próximo dia 10, pelas 11 horas, uma romagem à sua campa, no Cemitério da Amadora, convidando para esta singela homenagem todos os camaradas e amigos, os muitos homens e mulheres que reconheciam as suas qualidades cívicas.



Francisco Paraiso

CULTURA



Francisco Paraiso

amigos (portugueses e estrangeiros), palmas (não serão já lugar comum?), enfim, antes do intervalo é a ante-apoteose.

A condecoração

Em cena aberta, decorre a cerimónia da condecoração. Com uma nova cenografia - um bolo gigante ornamentado com velas e guitarras, de efeito muito belo - em palco apenas Mário Soares e Amália, bem junto à ribalta. Amália é a primeira a falar:

«Eu acho que o senhor Presidente é conhecido por todos como uma pessoa que tem uma facilidade de falar, mas não é neste meio que fala, é com outro ritmo de música...» E o público mistura as gargalhadas com as palmas...

Mário Soares justifica a sua presença ali:

«Meus amigos - a comissão executiva desta homenagem a Amália Rodrigues

entendeu que uma condecoração que lhe atribuí fosse entregue em cena aberta, como se diz no Teatro. E eu, naturalmente, estou um pouco embaraçado ao fazê-lo. Mas, queria dizer a todos e queria dizer sobretudo à Amália, como nós todos a admiramos. E como, de alguma maneira em nome de Portugal, lhe quero dizer quanto Portugal lhe deve. Quero de alguma maneira agradecer o que ela fez pela música portuguesa no estrangeiro e o que ela fez por Portugal. Naturalmente que Amália Rodrigues não precisa de condecorações. Tem a maior de todas, que é o entusiasmo de seu público. Mas é preciso que se saiba que o Estado português, o nosso Estado democrático, está grato a Amália Rodrigues. E é isso que significa esta alta - a mais alta condecoração, que eu neste momento vou conferir, que é a grã-cruz da

Ordem de Santiago da Espada».

Amália agradece: «Eu fiquei muito contente e podem crer que, realmente, uma pessoa que chega à minha idade e com tantos anos de canções, com a cruz do fado, ainda tenha agora uma cruz maior. Tenho muita pena que a minha mãe e o meu pai não tivessem visto a filha com uma coisa destas». E diz obrigada uma porção de vezes, visivelmente emocionada.

Até à apoteose final

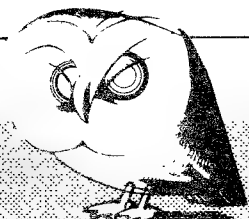
Mais um intervalo, e depois uma segunda parte em que Amália, agora de negro e cerise vestida, interpreta mais uma dúzia de temas, perante uma assistência sempre receptiva, exuberante, totalmente subjugada ao peso daquela voz e daquela presença.

Depois da abertura pelo conjunto de guitarristas,

«Estranha Forma de Vida» de Alfredo Marceneiro e palavras da própria Amália. Depois é só desfiar o rosário, as contas que Amália vai transformando em fados ou marchas, da sua boca jorrandos qual torrente impetuosa, avassaladora: «Avé Maria Fadista», «Rosa de Fogo», «Mariquinhas», «Gaivota», «Noite de Santo António», «Enquanto houver Santo António», «Prece», «Madrugada de Alfama», «Entrega», «Lágrima», «Ai Mouraria», «Fado Amália», «Foi Deus» e por fim o «Malhão», com um coro de mais de quatro mil. Todos quantos foram ao Coliseu para a grande homenagem.

O resto é indescritível. As palavras já não bastam. Só nos resta um conselho: não percam a transmissão que a RTP há-de levar às casas de todos nós

Rodrigues Borges



olhar de mocho

Coisas de Cassandra

Christa Wolf, quiçá a maior voz viva das Letras germânicas, no seu último romance, «Cassandra», relembra serenamente ao recriar a visionária da mitologia grega: «Pois é, já tínhamos todos esquecido as causas e as razões da guerra»; «Sabe-se sempre quando começa a guerra, mas a pré-guerra? No caso de existirem regras para o início da pré-guerra, nós deveríamos divulgá-las, gravá-las no barro e nas pedras».

A série Christabel da BBC, que nos chegou no domingo à noite e em horário nobre, parece estar na linha das preocupações da Christa Wolf: falar dos ambientes da pré-guerra para que ninguém possa dizer, depois, nada ter sabido.

Ainda é cedo para falar da série britânica dado que ela apenas começou. Mas o início é digno de registo e admirável na sua qualidade.

O nazismo não chegou com banda e fanfaras: desde 33 a 39, foi um movimento deslizante que a pouco e pouco foi impregnando tudo e todos. Depois, quando as pessoas se deram conta do cerco, já era demasiado tarde para recalcitrar.

É este aspecto deslizante que o filme sublinha para proveito e agrado de gregos e troianos. Christabel, a personagem do filme, vive em cheio nos anos da pré-guerra sem se dar conta dos movimentos de terras no chão que pisa. A paisagem é deslizante mas ela continua a ver tudo na perspectiva de quatro paredes rígidas sem fendas para espreitar o futuro que já estava presente, como faziam a Cassandra da mitologia grega e a da Christa Wolf.

Parece - assim rezam as crónicas apresentadoras do filme Christabel - que a série britânica se baseia numa história real. História real e não fictícia é também a do Axel Cesar Springer, um dos grandes imperadores da imprensa europeia.

Quando logo no pós-guerra se apresentou às autoridades britânicas, requerendo licença para editar um jornal, o major de Sua Majestade fez-lhe a pergunta da praxe, obrigatória para a potência ocupante: «Quem foram os nazis que o perseguiram?»

«Eu só fui perseguido por mulheres», respondeu, lúcido, o empresário Springer. Era evidente para os britânicos da comissão liquidatária do III Reich que só os antinazis teriam direito a meter as mãos na massa da Comunicação Social. O problema de fundo está à vista e a olho nu: no final de grandes catástrofes, as massas deslizam velozmente de uma ponta para a outra do tabuleiro. No final da Segunda Grande Guerra, as duas proposições eram

«verdadeiras» sem admitir o princípio da contradição: nazis eram todos, antinazis foram, igualmente, todos. Exceptuando, obviamente, as Cassandras que não se confundem com camaleões. Venha a série Christabel que, além de um excelente filme, é também eficaz insecticida para camaleões poluidores da saúde mental.



José S. Monteiro

Programa Erasmus II

O possível somente

Le Tour Philosophique era, no século XVIII, um requisito exigido a todos quantos se interessavam pelas coisas do espírito. Por outras palavras: um estudante de então (desde que tivesse posses, evidentemente) não se ficava só pela Universidade de origem - e tinha por costume viajar por diversos países a fim de se inteirar de outros costumes, de outras maneiras de ser, de outras formas de sentir. Na tentativa de retomar esse procedimento, e no âmbito do Parlamento Europeu, surgiu em 1987 o Programa Erasmus, relativo à mobilidade dos estudantes universitários ao longo da Comunidade Europeia. Apesar, no entanto, de todas as boas intenções, algumas dificuldades têm vindo a surgir na concretização de tão louvável propósito...

Em conferência de Imprensa no Centro Jean Monet, o dr. Coimbra Martins, deputado ao Parlamento Europeu e relator português do dito Programa, em demorada exposição (que a falta de espaço não nos permite transcrever em pormenor), embora afirmasse Erasmus como acção merecedora de todo o empenhamento comunitário, apontou, no entanto, certos desvios que merecem, sem dúvida, a atenção dos nossos universitários.

Para facilidade de exposição, temos de encarar o Programa em dois períodos: Erasmus I e Erasmus II. Erasmus I (que vigorou em 87, 88 e 89) tinha como essência a Educação e a Cultura; Erasmus II (que passou a vigorar em 14 de Dezembro passado) apresenta-se com um pendor de formação profissional. Até porque se faz questão no saber linguístico, isto é,

há uma recomendação no sentido de os universitários se especializarem em determinadas línguas (como, por exemplo, o francês, o inglês, o alemão...). E o português? Segundo depreendemos, a obrigatoriedade de os estrangeiros saberem a nossa língua não é uma condição *sine qua non*. Isto é: o universitário por nós importado expressar-se-á entre nós na sua língua natal, enquanto que o universitário português terá de se expressar em línguas estrangeiras (nomeadamente naquelas três acima mencionadas). Ironia de Coimbra Martins, embora apostando no Programa Erasmus: «Em vez da Europa dos cidadãos, teríamos a Europa dos políglotas...»

Por outro lado, as verbas destinadas às bolsas de estudo deixam muito a desejar: os 350 milhões de écus propostos por Coimbra Martins, se aprovados numa primeira fase, ficaram depois reduzidos à importância de 192 milhões. (Com tal quantia, unicamente beneficiariam de bolsas de estudo entre 250 e 300 universitários portugueses.) Daí, pois, o juízo de quem se bate por melhores soluções: «Erasmus II é um excelente programa, mas promete mais do que dá.»

Em resumo: Erasmus I propunha a mobilidade dos estudantes e Erasmus II uma rede universitária europeia. Será tal possível? Com o Leste agora também à porta? Será que, na verdade, se poderá realizar *le tour philosophique* tão caro ao século XVIII? Ou será que o século XX se reveste de uma maneira de ser que se furta aos nossos intuítos humanistas...?

P. A.

Mais uma antestreia na Cornucópia

«Salada» à moda de Cintra

Já não há circos sem palhaços. Dotados de grandes meios para a prática do deslumbramento ou destituição de qualquer possibilidade de alimentar um grupo de feras amestradas que se veja, todos eles contam com o concurso dessas figuras de calva empoada e fato cintilante que fazem muito em especial as delícias dos mais jovens frequentadores do circo.

Mas no passado fim-de-semana os palhaços foram também ao Teatro da Cornucópia, ou melhor, os actores daquela companhia vestiram sábado à noite e domingo à tarde os fatos desses palhaços nas duas sessões de antestreia de «Salada», o novo espectáculo que a partir do próximo dia 24 de Janeiro iniciará a respectiva carreira comercial, à qual vaticinamos para já uma excelente recepção, a avaliar pelo que vimos e pelo muito que gostámos.

Composto por vinte e um

números, originalmente representados por palhaços tão famosos como o português Porto e os Fratellini, entre muitos outros igualmente dignos de nota na história circense desde 1850 até 1954, este é um espectáculo que se caracteriza pela simplicidade que muito provavelmente tem feito falta ao teatro português.

Ao texto acessível ao espectador de qualquer faixa etária a nível cultural, há a acrescentar a total sobriedade do cenário que, no entanto, permite imprimir ao espectáculo um ritmo inultrapassável, através das várias entradas de funcionamento simultâneo, entre as quais se conta uma porta giratória localizada mesmo a meio do campo de acção e na qual se inicia o primeiro número da peça. O cenário que, deste modo, se converte numa ferramenta de trabalho, num trunfo mais do produto oferecido ao público, transforma esta encenação colectiva numa

«Salada» à moda de Cintra, pois só a Cornucópia, nascida e criada muito pela visão particular que Luís Miguel Cintra detém de fazer teatro, podia conceber um cenário de tamanha simplicidade e eficácia.

Aos apologistas das encenações recheadas de brocados e de outros adereços não menos luxuosos que o número «Levantem o Cenário» pretende satirizar, contrapõe-se esta escolha da Cornucópia que está longe de fatigar o espectador.

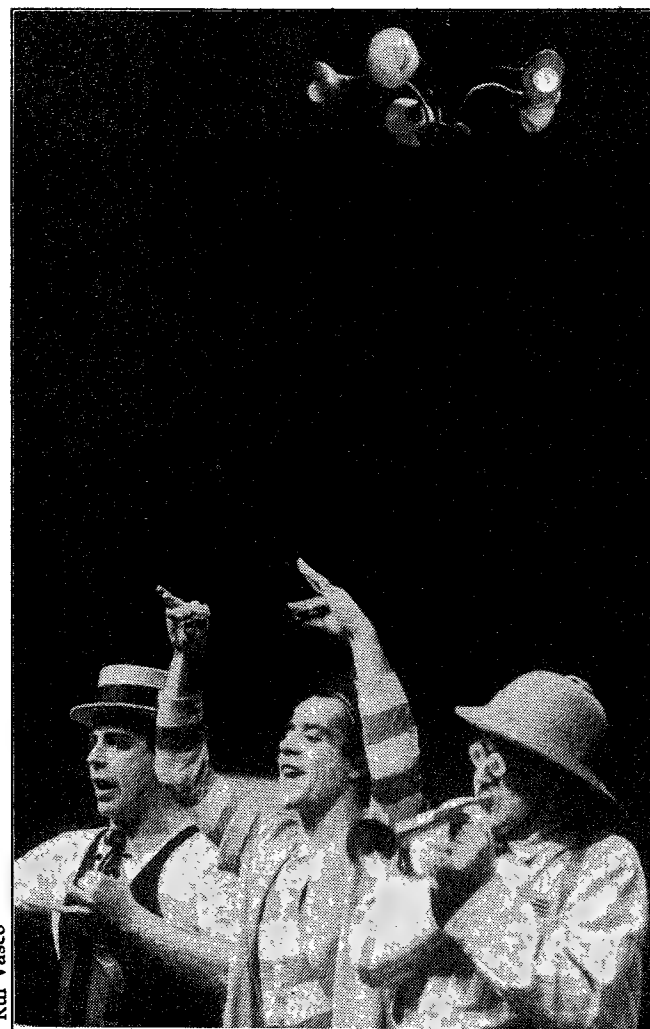
O mesmo se aplicará, aliás, aos figurinos, feitos de roupas de todos os dias que são transformadas em caricaturas igualmente eficazes através de um corte aqui, de um corte acolá e sobretudo de dimensões excessivas para aqueles que as envergam. É o que mais convém aos «augustos» que são o Gigi e o Chichas, em oposição ao «espertalhão» que é Lou, pequeno rei da vigarice e da auto-estima, metido no cargo

de ovelha ranhosa de uma simpática parilha de «fazedores».

Porque, no entanto, não há espectáculo sem actores, é de salientar o excelente trabalho que cada um deles desenvolveu para se meter na pele do palhaço correspondente, esse comediante que, segundo François Fratellini, faz as coisas de verdade. Não obstante os méritos de todo o elenco, permitam-nos que a quase total ausência de mulheres palhaço na história do circo nos leve a destacar as dificuldades com que Márcia Breia e Luísa Cruz se terão batido para compor as personagens do senhor Costa e do Chichas, respectivamente.

Ultrapassados os obstáculos, a Cornucópia foi ao circo e voltou ostensivamente feliz. Pois que volte lá mais vezes e nos traga este gosto de estar no teatro sem dar pelo tempo que passa!

Maria João Martins



Uma cena de «Salada» no teatro da Cornucópia

Luís Miguel Cintra entrevistado pelo «DL»

O que é um actor?

Jornalisticamente falando, é pouco objectivo e até inconveniente que o entrevistador dê mostras da impressão que lhe causou o entrevistado quando este é alguém sobre o qual já todos escreveram tudo. Mas abra-se uma excepção. Luís Miguel Cintra, abordado pelo «DL» a propósito da antestreia de «Salada», que no passado sábado teve lugar na Cornucópia, traz consigo a tranquilidade e a sapiência que lhe vêm da certeza de votar ao teatro um amor superlativo mas resistente. Que importa a segurança? É destas afeições que surgem filhos belos e robustos como o são todas as peças que o Teatro do Bairro Alto tem levado à cena desde a sua inauguração nos idos de Abril.

À importância desta certeza contrapõe-se, todavia, o excessivo peso de todas as pequenas dúvidas, simultaneamente corrosivas e redentoras, mas que se resumem a uma única questão: afinal de contas, o que é um actor?

É esta dúvida tão velha quanto os anfiteatros classicamente debruçados sobre o Egeu que «Salada», como o «Público» e «Céu de Papel» antes dela, procura deixar à consideração geral.

O espectáculo

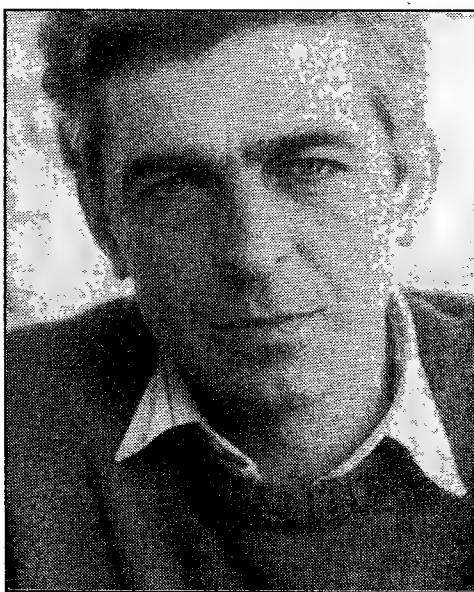
«DL»- Afinal, o que é a «Salada»?

L.M.C.- É um espectáculo construído a partir de um «potpourri» de textos tradicionais de palhaços tal como foram escritos no princípio do século, época em que a palavra desempenhava papel mais importante nos números que hoje, quando nos grandes circos internacionais ela já foi reduzida em favor da mímica. São textos de várias nacionalidades recolhidos por um senhor francês chamado Tristan Remy, que ao dedicar-se à história do circo editou esta colectânea.

«DL»- E portugueses, há alguns?

L.M.C.- Sim, há números de um palhaço chamado Porto a que todas as histórias do circo fazem referência. Terá sido um dos primeiros «augustos» ou «fazedores» em oposição ao palhaço de cara branca.

«DL»- Também viveu no princípio do século?



Luís Miguel Cintra

L.M.C.- Penso que sim, os números dele constantes do nosso espectáculo são de 1925 e de 1937.

«DL»- O que o entusiasmou na possibilidade de a Cornucópia encenar esses textos?

L.M.C.- O facto deles permitirem que cada actor fosse obrigado a repensar o seu trabalho no teatro, embora não seja nossa intenção competir com os profissionais do circo. Eles têm uma técnica, uma linguagem que não poderíamos, nem queríamos, imitar. Mas são situações dramáticas bastante simples que permitem recriar a base do trabalho com os actores e com o público.

Continuamos, assim, a programação acerca das reflexões sobre o teatro que procura levar o público a repensar a actividade teatral, a repensar o que é o actor. Claro que há um nível mais directo que é o prazer de brincar, fundamental no teatro, ao contrário do que as pessoas geralmente pensam dos espectáculos. Isto é importante porque se estão a fazer espectáculos muitíssimo pretenciosos em Portugal.

«DL»- Pretenciosos, em que sentido?

L.M.C.- No sentido em que têm textos muito

elaborados, cenários para «encher o olho» e publicidade em termos de profissionalismo que muitas vezes não correspondem à realidade do espectáculo. Há um lado familiar do teatro que está nos antípodas do vídeo, do cinema e da televisão, é o contacto franco e simples que é preciso não perder.

Os problemas da encenação

«DL»- Esta encenação teve dificuldades particulares ou não?

L.M.C.- Embora não seja nosso objectivo imitar os palhaços, há uma matemática do «gag», um domínio próprio que nós não conhecemos e que foi necessário apreender.

«DL»- Como é que apreenderam?

L.M.C.- Tentando. Outra dificuldade de concepção foi a organização dos textos de modo a estabelecer uma ligação entre os vários números. Assim, procurámos estabelecê-la através de pretextos muito secundários. Se num número havia uma mesa, ele era ligado a um outro onde se estava a comer. No fundo nada de importante, apenas se pretende que «Salada» se prolongue como uma conversa, que seja como as cerejas.

Mas a encenação não é minha, é um trabalho colectivo da companhia. Enquanto estive a rodar o filme do Manoel de Oliveira, os actores trabalharam sozinhos e quando voltei fiquei muito contente porque vi que o trabalho se tinha desenvolvido de maneira muito bonita. Foi um pouco tentar reagir contra a dependência excessiva dos actores para com uma companhia ou para com um encenador. Penso que seria muito melhor para as capacidades criativas deles se em Portugal não houvesse tanto este tipo de dependência.

«DL»- Qual é para si o papel dos palhaços no mundo do espectáculo?

L.M.C.- Não sei muito bem. Os palhaços são um tema constante de quase todos os campos da arte, da literatura e da música. O cinema, nomeadamente com o mudo, a farsa e a comédia, também se serve muitas vezes das técnicas deles e estou a lembrar-me de dois actores do cinema sonoro como Jerry

Lewis e Jacques Tati. E depois há filmes propriamente sobre eles, como «Clowns» de Fellini, de que, aliás, os palhaços parecem ter gostado pouco.

«DL»- E peças de teatro, há?

L.M.C.- Há com certeza, e o que nós estamos a fazer não é novidade nenhuma. Por outro lado, há nos actores uma espécie de obsessão pelo aproveitamento de coisas de palhaços. O Rui de Carvalho dizia-me há poucos dias que gostava de ter sido palhaço, porque este é o máximo do que pode ser um actor.

«DL»- Pode haver circo sem palhaços?

L.M.C.- Pode e já houve, mas eles tornaram-se fundamentais. De mero complemento entre os números tornaram-se tão importantes que as suas cabeças aparecem muitas vezes desenhadas nos cartazes.

«DL»- Agora vai para Paris...

L.M.C.- Vou participar no Festival de Outono que, apesar do nome, se estende até Janeiro. O espectáculo que vou fazer é baseado em textos de Fernando Pessoa, intitula-se «A morte do príncipe e outros fragmentos» e estreou-se em Avignon em 1988. Foi perante o sucesso ali obtido que surgiu o convite para o fazermos em Paris.

«DL»- Qual será a próxima estreia da Cornucópia?

L.M.C.- Vamos começar a ensaiar em Fevereiro um trabalho, ainda sem título, baseado em três peças de um autor português do século XVIII muito pouco conhecido, de seu nome Manuel de Figueiredo. Os textos são «Ensaio Cómico», «Os Perigos da Educação» e o «Dramático Afinado ou Crítica dos Perigos da Educação». Trata-se de mais uma reflexão sobre o teatro. No fundo, o autor quer saber como criar uma nova dramaturgia e quer saber de que textos é que o teatro português precisa. Hoje em dia o problema volta a ser colocado.

«DL»- E ele chegou a alguma conclusão?

L.M.C.- Não, coitado, põe-se a ele próprio em cena preocupado com a relação com o público e com as companhias teatrais.

Maria João Martins

DESPORTO

Hoje pelas 20 horas na Luz

Benfica-PSV para «acerto de contas»

Benfica e o PSV de Eindhoven defrontam-se esta noite (20 horas) no Estádio da Luz, para apuramento dos 3.º e 4.º lugares da Taça «Cidade de Lisboa» que amanhã terminará, com a final, entre o Sporting e o Ajax, igualmente marcado para as 20 horas, no Estádio Alvalade.

Para os benfiquistas, este confronto com o PSV servirá de «ajuste de contas» já que a final da Taça dos Campeões Europeus de 1988, não deixou os adeptos (nem os jogadores) do clube da Luz convencidos da existência de qualquer centelha de superioridade por parte dos holandeses. Para o confronto de hoje, Eriksson só muito próximo da hora do jogo decidirá o onze a utilizar, mas tudo indica que estarão em cena as primeiras figuras do elenco.

Treinadores reuniram com a direcção federativa

Os quatro elementos que integram a equipa técnica das selecções de futebol reuniram-se ontem pela primeira vez com a direcção da FPF, presidida por João Rodrigues.

No final da reunião, Artur Jorge, seleccionador principal, adiantou que havia sido feita uma primeira abordagem aos numerosos convites recebidos para a realização de jogos particulares. Não querendo pormenorizar os resultados deste en-



PSV: vedetas na Luz

contro, Artur Jorge salientou apenas que foi dado o pontapé de saída para a realização de um trabalho para quatro anos e meio. «A partir de agora estão reunidas as condições mínimas exigíveis para que a nossa acção possa ter frutos positivos», esclareceu aquele técnico.

Com a selecção portuguesa afastada da fase final do campeonato do Mundo «Itália-90», a equipa técnica joga com o tempo. «Não temos pressa, pois o caminho é longo e penoso», limitou-se a adiantar.

Clubes lisboetas jogam no domingo

Embora s' hoje a FPF dê conta das antecipações oficiais, já se sabe que o encontro Portimo-

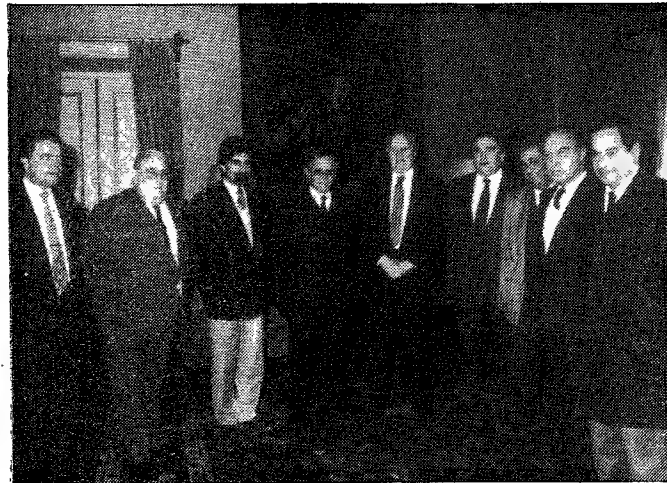
nense - Vitória de Setúbal será jogado no sábado, às 21 e 30, com transmissão directa no canal 2 da RTP.

O Sporting - Belenenses e o Benfica - Estrela não sofrem alteração, jogando-se no domingo, às 15 horas.

Os restantes encontros são: FC Porto - Vitória de Guimarães, Benfica - Estrela da Amadora, Chaves - Nacional, Penafiel - Beira Mar, Marítimo - União, Sporting de Braga - Boavista e Feirense - Tirsense.

Entretanto o Estrela da Amadora antecipou para 17 de Janeiro o seu jogo com o Marítimo a contar para a 17.ª jornada do campeonato nacional.

O jogo será disputado às 19 horas de 18 de Janeiro no Estádio José Gomes, na Reboleira.



Dirigentes da FPF foram cumprimentar o Presidente

A antecipação deve-se ao facto de o Estrela da Amadora ir participar em 19 e 20 de Janeiro no «II Torneio Internacional de Futebol de Salão Nord-Pas de Calais», que se disputa em Lievin, arredores de Paris.

No torneio participam, além do Estrela da Amadora, as equipas do Racing Clube de Lens, de França, Dínamo de Minsk, da União Soviética,

Kaiserslautern, da RFA, Seleção do Senegal e Banik Ostrava, da Checoslováquia, que foi o vencedor da primeira edição.

Treinadores mudam-se

O técnico Francisco Vital, que recentemente rescindiu contrato com o Vizela, é o novo treinador do Joane, de onde

saiu Abílio Santana.

Entretanto, Jerónimo deixou a orientação da equipa de Sezimbra, sendo, provisoriamente, rendido pelo jogador José David.

Presidente da República recebeu dirigentes da FPF

O Presidente da República, Mário Soares, recebeu ontem, em Belém, a direcção da Federação Portuguesa de Futebol, que lhe foi apresentar cumprimentos e falar da realização em Portugal do próximo mundial de futebol de «Sub-19».

Durante a audiência, foram abordados temas relacionados com o policiamento e fiscalização dos clubes.

A direcção da FPF, presidida por João Rodrigues, comunicou a Mário Soares a visita que o presidente da FIFA, João Havelange, efectuará em Março a Portugal e segundo o comunicado da FPF, o Presidente da República mostrou a sua disponibilidade para oferecer uma recepção àquele dirigente máximo do futebol mundial.

Rali Paris-Dakar

Cyril Neveu foi desclassificado

A décima etapa do Rali Paris-Dakar, disputada entre Agadez e Tahoua, não provocou alterações nos primeiros lugares da classificação geral, liderada por Ari Vatanen, na secção dos automóveis, e Edi Orioli, nas motorizadas.

Os automobilistas Bjorn Waldegard e Philippe Wamborgue, em Peugeot, Andrew Cowman, em Mitsubishi, e Hans Babler, em Nissan, concluíram a etapa, com uma classificativa especial de 198 quilómetros, sem penalizações de tempo.

O finlandês Ari Vatanen, em Peugeot, foi quinto na etapa, mas perdeu apenas 19 segundos em relação aos seus principais adversários e continua a comandar a classificação geral, com uma confortável vantagem de cerca de duas horas sobre o seu colega de equipa, Philippe Wamborgue, da França. O sueco Bjorn Waldegard, em Peugeot, é terceiro, a seis minutos de Vatanen.

Em motorizadas, o italiano Alessandro de Petri, em Cagiva, venceu a sua quarta etapa neste rali e o seu compatriota e colega de equipa Edi Orioli foi terceiro, conservando o comando da classificação geral, agora com mais de uma hora de avanço sobre o espanhol Carlos Mas Samora, em Yamaha.

O francês Gilles Lalay, em Suzuki, vencedor da última edição do rali, abandonou a prova na sequência de lesões contraídas no acidente de sá-

bado e o seu compatriota Cyril Neveu, cinco vezes vencedor do Rali Paris-Dakar, foi desqualificado ao perder o recurso que apresentou contra a sua desclassificação por ter abandonado as areias do deserto para conduzir numa estrada durante a nona etapa, sábado.

Hoje, os participantes no Rali Paris-Dakar disputam a 11.ª etapa, entre Tahoua e Niamey, com uma classificativa especial de 222 quilómetros.

Classificação geral após a 10.ª etapa: Automóveis: 1.º Ari Vatanen (Fin), Peugeot, 15.55:14 horas; 2.º Philippe Wamborgue (Fra), Peugeot, a 1.49:36; 3.º Bjorn Waldegard (Sue), Peugeot, 1.55:50; 4.º Alain Ambrosino (Fra), Peugeot, 4.23:37; 5.º Andrew Cowman (GB), Mitsubishi, 4.47:54; 6.º Salvatore Servia (Esp), Range Rover, 5.41:55; 7.º Kenjiro Shinzuka (Jap), Mitsubishi, 5.55:45; 8.º Miguel Prieto (Esp), Nissan, 6.03:04; 9.º Hubert Auriol (Fra), Buggy, 6.22:46; 10.º Henri Pescarolo (Fra), Range Rover, 7.34:53.

Motos: 1.º Edi Orioli (Ita), Cagiva, 50.22:45 horas; 2.º Carlos Mas Samora (Esp), Yamaha, a 1.12:57; 3.º Franco Picco (Ita), Yamaha, 2.26:12; 4.º Thierry Magnaldi (Fra), Yamaha, 2.36:27; 5.º Gilles Picard (Fra), Yamaha, 2.45:46; 6.º Alessandro de Petri (Ita), Cagiva, 3.06:22.

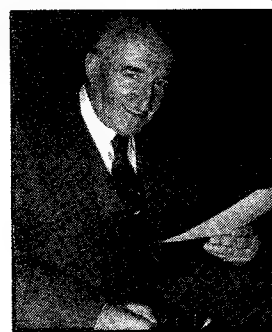


jornal de letras, artes e ideias

Eduardo Lourenço

escreve sobre os países do Leste

A derrocada das utopias



João de Freitas Branco

A herança da música, a lição do gosto

Um «especial» de seis páginas sobre o homem e a obra

A nova coluna João de Melo

«País com Ilhas»



Renovado às terças-feiras

DESPORTO

Ténis para 250 mil dólares

«Maiores» de terra batida marcam presença no Estoril

O argentino Martin Jaite é o 5.º tenista de craveira internacional a garantir a presença no Estoril «Open», o torneio de ténis de 250 mil dólares (37 500 contos) que vai decorrer, de 2 a 8 de Abril, e que a Soténis conseguiu integrar no circuito profissional masculino de 1990, denominado ATP Tour.

Martin Jaite (11.º do «ranking» mundial) veio assim juntar-se ao equatoriano Andres Gomez (17), ao espanhol Emilio Sanchez (19), ao austríaco Thomas Muster (21) e ao peruano Jaime Yzaga (23), reforçando o naipe de vedetas presentes no Estoril «Open», prova que já se adivinha como integrando as maiores do Mundo sobre terra batida.

A presença do argentino integra-se na estratégia previamente delineada de trazer a Portugal os grandes especialistas de terra batida, de modo a aumentar a competitividade do torneio. Aos 25 anos, Martin Jaite é considerado um dos melhores jogadores sobre o pó

de tijolo, como o demonstra a maioria dos títulos que constam no seu «palmarés». De facto, dos nove torneios que já ganhou ao longo da sua carreira, sete foram conquistados sobre «courts» de terra batida. É no entanto curioso que as duas únicas vitórias em pisos sintéticos (São Paulo e Itaparica) tenham sido as últimas, pois ocorreram no passado mês de Novembro, como que a significar também uma melhoria nas superfícies rápidas.

Martin Jaite nasceu em Buenos Aires, no dia 9 de Outubro de 1964, filho de um psicanalista de Barcelona e de uma psicóloga de Buenos Aires. Esta estranha situação levou-o a viver a sua adolescência em Espanha, sendo então considerado como uma das esperanças do ténis no país vizinho, a par de Juan Aguilera e Alberto Tous.

Em 1982, apareceu, pela 1.ª vez, classificado no «ranking» ATP, na 826.ª posição e no ano seguinte optou pela nacionalidade argentina, regres-

sou a Buenos Aires (onde ainda reside) e, em Dezembro, já tinha dado um salto de várias centenas de lugares figurando na 156.ª posição.

Em 1984, chegou ao grupo dos melhores 50 jogadores do Mundo e, um ano mais tarde, conquistou o primeiro Grande Prémio da sua carreira, exactamente na terra natal, em Buenos Aires. Em 1986, a esperança passou a confirmação, com triunfos em Bolonha e em Estugarda, seguidos de Barcelona e Palermo no ano seguinte. A manutenção de um «status» dentro dos vinte melhores do «ranking». Nessa altura, Martin Jaite assegurara já o testemunho de velhas glórias das pampas como Guillermo Vilas (no crepúsculo da sua carreira) e José Luis Clerc (retratado), impedindo um hiato de valores no ténis masculino argentino na década de oitenta. Martin Jaite vem-se afirmando desde então como o melhor tenista argentino dos últimos anos.

Em 1988, começou da me-

lhor maneira a temporada de terra batida, ao atingir a final de Monte Carlo, que perdeu para Ivan Lendl por 5-7, 6-4, 7-5 e 6-3, ao cabo de três horas e 45 minutos de árdua luta. No entanto, problemas de ordem psicológica (como o próprio então confessou) retiraram-lhe a confiança necessária para a alta competição: e terminou o ano no 54.º lugar. 1989 foi (sem dúvida alguma) o melhor ano da carreira de Martin Jaite, que venceu os Grandes Prémios de Estugarda, Madrid, São Paulo e Itaparica e, ainda, atingiu as finais do Rio de Janeiro e de Kitzbuhel, resultados que lhe permitiram chegar a Dezembro na 11.ª posição, a sua melhor classificação de sempre na tabela ATP.

Aliás, em número de torneios ganhos no ano passado, Martin Jaite só foi ultrapassado por três dos melhores tenistas do Mundo: Ivan Lendl que triunfou em dez provas, Boris Becker e Brad Gilbert, que arrecadaram cinco vitórias cada um.

Hóquei em patins

Benfica empata em Barcelos

A jornada n.º 8 do Campeonato Nacional de hóquei em patins ficou incompleta, já que os encontros Grundig - Porto, Académica-Tomar e Paço de Arcos - Sporting, ficaram adiados (respectivamente) para os dias 16, 17 e 24 do corrente.

Em relação aos quatro jogos efectuados, sobressai o confronto em Barcelos, que opunha a excelente turma de Óquei local (única ainda invicta no Campeonato em curso) frente ao Benfica. O encontro, realizado perante uma plateia repleta, terminou com o nulo a dois golos e, deste modo, o Benfica continua no topo da pauta, ainda que conte com mais um jogo do que o opositor mais directo. O jogo foi rodeado de muito entusiasmo, dentro e fora do recinto, e com um resultado que premia as excelentes turmas em confronto.

Emoção também existiu em Oliveira de Azeméis, com a Oliveirense e o Valongo a proporcionarem excelente espectáculo, em jogo que cessou com cinco golos averbados para cada lado.

Desnível, sucedeu em S. João da Madeira (onde a Sanjoanense «brindou» a Quimigal com a marca contundente

de 7-4) e em Turquel, com a colectividade visitada a vencer pela clarividente marca de 6-3 a sua congénere da Parede.

O melhor marcador da jornada foi Rui Baptista (da Oliveirense) com três remates certos, enquanto, com dois golos no activo, estiveram Pedro Silva, Maceda e Pinheiro (Sanjoanense), Vital e Tozé (ambos do Turquel).

Classificação actual:

	J	V	E	D	P
BENFICA	8	6	1	1	21
Barcelos	7	6	1	0	20
Turquel	8	5	0	3	18
FC Porto	7	5	0	2	17
Sporting	7	5	0	2	17
Oliveirense	8	4	1	3	17
Sanjoanense	8	4	0	4	16
Paço de Arcos	7	3	1	3	14
Acad. Coimbra	7	3	1	3	14
Valongo	8	2	2	4	14
Quimigal	8	2	0	6	12
Grundig	7	2	0	5	11
Parede	8	1	1	6	11
Sp. Tomar	7	6	0	6	6

PRÓXIMA JORNADA
(dia 13) — Sanjoanense - Paço de Arcos, Sporting - Barcelos, Benfica - Académica de Coimbra, Sporting de Tomar - Oliveirense, Valongo - Grundig, FC Porto - Turquel e Quimigal - Parede.

Vieira Carvalho

Disciplinas desportivas

HOQUEI EM CAMPO: realizou-se o encontro Futebol Benfica-Carris (a contar para o «regional» de Lisboa) que terminou com o tangencial triunfo do «Fofó», por 1-0, com golo de Alcino. Excelente arbitragem de Fernando Mendes. As equipas alinharam:

FUTEBOL BENFICA: Pardal; Vaz, Alcino e Rei; Vasco e Carlos Ramos; Paulo Rodrigues (Beto), Sidónio, Miguel, Rito Maria e Rui Tibúrcio (João Soares).

CARRIS: Garcia; Mata, Afonso e Alves; Manuel Lima e Valdemar; Almeida, Santos, Figueiredo, Gaio e José Dias.

Após este jogo, o Futebol Benfica comanda com 12 pontos, seguido do Benfica (10), Belesenses (9), Cascais e Carris (6) e Hóquei (5).

VOLEIBOL: o destaque de mais uma ronda do campeonato nacional, deverá atribuir-se ao Sporting de Espinho, que, na sua deslocação à Luz, conseguiu superiorizar-se ao Benfica, retornando à Costa Verde com um excelente triunfo no borna. Vejamos os resultados e a classificação actual, no escalão masculino: Benfica, 2-Sporting de Espinho, 3 (15/7; 13/15; 14/16; 15/8; 12/15); Grundig, 3-Académica de Espinho, 2 (17/15; 10/15; 15/4; 12/15; 15/12); Leixões, 3-Esmoriz, 0 (15/3; 15/11; 15/5); Sporting, 3-FC Porto, 1 (17/16; 15/10; 14/16; 15/4).

Após a realização desta jornada a classificação está assim ordenada: 1.ºs, Benfica e Leixões (21 pontos); 3.ºs, Académica de Espinho e Sporting de Espinho (19); 5.º, Sporting (18); 6.º, Grundig (17); 7.º, Académica de São Mamede (15); 8.º, FC Porto (14) e 9.º, Esmoriz (12).

No campeonato feminino, os resultados foram: CDUL, 3-CDUP, 2; Leixões, 3-Estrelas da Avenida, 2; Vila Real, 0-Boavista, 3 e Benfica, 3-Fluvial, 1. O Boavista e o Leixões lideram com 20 pontos, seguindo-se o Estrelas (18), Benfica (17), Fluvial e CDUL (15), CDUP (13) e Vila Real (10).



Voleibol: «espinhos» na Luz

B R E V E S

FIFA multa a Libéria

A Comissão de Disciplina da FIFA multou a Federação da Libéria em 30 mil francos (cerca de mil contos) por a selecção daqueles país ter abandonado o campo durante a segunda parte do jogo com o Quênia a contar para a fase de apuramento para o campeonato mundial como forma de protesto pela actuação do árbitro da Somália, Farah Addo.

Comité Olímpico e África do Sul procuram «encurtar distâncias»

Uma delegação do Comité Olímpico Internacional (COI) reúne hoje com membros do Comité Olímpico da África do Sul, numa tentativa de pôr termo ao isolamento desportivo daquele país, que dura há 20 anos.

Um dos membros da delegação do COI afirmou, em Londres, que se trata de contactos preliminares para reduzir as distâncias entre a África do Sul e a comunidade desportiva mundial, acrescentando todavia que falta percorrer um extenso caminho para eliminar a segregação racial naquele país, causa do boicote desportivo a que foi submetido.

O COI expulsou a África do Sul em 1970, pela sua política discriminatória dos direitos da população negra e, desde então, os atletas de Pretória não voltaram a participar em competições desportivas internacionais.



AGÊNCIA AUTOMOBILÍSTICA
A RODAGEM, LDA.

Anda a conduzir despreocupado?
Já reparou se a sua carta de condução tem validade?

Tem qualquer dificuldade com documentos sobre veículos Automóveis, Cartas de Condução, Nacionais ou Estrangeiras?
Legalizamos viaturas com matrículas Estrangeiras e de Emigrantes.

RUA FORNO DO TIJOLO, 31 AOS ANJOS TELEFONE 814 34 45
1100 LISBOA

DESPORTO

Uma disciplina em revista

Andebol: avanços e retrocessos

No início da década de 90, importa rever os factos mais significativos ocorridos no andebol português na presente época (89/90), que conta já com cerca de quatro meses de intensa actividade a vários níveis (campeonatos nacionais, selecções, taças europeias).

No que aos nacionais diz respeito, falemos pormenorizadamente da 1.ª Divisão de seniores masculinos. Partindo com a certeza do apuramento dos oito primeiros desta fase para o grupo que discutirá o título (em vez dos seis da prova anterior), veio de algum modo tornar-se a prova mais competitiva e «recompensar», de certa forma, mais duas equipas concorrentes à prova mais importante do calendário nacional. Com três novos primodivisionários (Boavista, Académica de São Mamede e Fafe), a competição tem vindo a desenvolver-se com bastante interesse, assistindo-se a espectáculos de grande qualidade que têm arrastado numeroso público aos vários locais onde os prêmios têm tido lugar. Houve um reforçar, quase que total, de todas as formações, com muitos estrangeiros a ingressarem pela primeira vez na modalidade e a terem quota-parte, quer no aumento de assistentes quer ainda na melhoria de qualidade do andebol praticado. Quanto às equipas, grande realce para a Académica de Coimbra, a surpreender tudo e todos com uma carreira fulgurante que levou a que estivesse no topo da tabela classificativa durante algumas semanas. Tendo conseguido o concurso de alguns dos melhores atletas que presentemente jogam em Portugal (Rui Aguiar, Apostolov, Pitzov), tem no lateral esquerdo da nossa selecção «A», Mário Macedo de seu nome, o grande trunfo no que toca à concretização. A quebra verificada a partir de certa altura já foi ultrapassada e estamos em crer que será um sério candidato ao título de campeão, pese embora o ligeiro atraso pontual que detém neste momento.

E já que falamos em campeão, foquemos agora quem está em melhores condições de o conseguir ser. E são nada menos que o Benfica (actual campeão) e o FC Porto, as duas mais bem apetrechadas equipas, em nossa opinião, e como tal os grandes favoritos à vitória final. Os encarnados mantiveram a equipa-base que foi brilhante vencedora do derradeiro campeonato, juntando-lhe o importante reforço que dá pelo nome de George Covaci, de nacionalidade romena tal como o seu treinador Eugen Troffin. Os benfiquistas comandaram até à jornada n.º 15, onde a derrota em Alvalade motivou que fossem ultrapassados pelos portistas, facto agravado pela derrota pesada e inequívoca, averbada em Coimbra, frente à turma estudantil. Aproveitou esta situação o «sete» das

Antas, como afirmámos, sob o comando de António Cunha, «velha raposa» da modalidade que com uma carreira regular, sem sobressaltos (só foram derrotados na Luz), se guindaram com inteiro mérito ao comando do nacional. Igualmente mantendo as suas pedras mais importantes da temporada transacta, os «dragões» viram regressar aos seus quadros Rui Manuel Ferreira (após curta passagem por Alvalade) e contraram o jugoslavo Zeljko. Mas o grande reforço veio do anterior plantel, é um jovem de 18 anos, tem feito exhibições portentosas no decorrer da época, é peça fundamental, quer do Porto quer da selecção, polivalente, já passou de esperança a certeza do nosso andebol chama-se Carlos Resende.

Passemos aos outros virtualmente apurados para a fase final, ABC, Sporting, Setúbal e Boavista. Os dois primeiros, vítimas de sangrias no início da temporada, têm tido comportamentos bem positivos. Os bracejados têm aproveitado da melhor forma o extraordinário trabalho feito nas camadas jovens, bem expresso nos inúmeros elementos utilizados na sua 1.ª equipa e nas selecções mais novas (promessas e juvenis). Quanto ao Sporting, face ao abandono em massa dos atletas mais credenciados do ano passado, aliado à completa indefinição quanto a verbas para a presente época, chegou-se a temer o pior. Contudo, a chamada «prata da casa», mais o regresso de antigos atletas do clube (João Miranda, Luís Filipe e Mário Santos e ainda o ingresso do angolano António Costa), comandados por Manuel Brito (autêntica lenda do andebol sportinguista e nacional) têm dado excelente conta de si. Passando à formação de Manuel Manita, somos de opinião de que tem ficado aquém das expectativas criadas pela contratação de atletas de grande valia, com créditos firmados, de que José Pires é o exemplo mais flagrante. A fragilidade extramuros tem-lhe sido fatal, visto que o atraso agregado poucas hipóteses lhe darão de discutir o título com reais pretensões. No que ao Boavista diz respeito, damos-lhe o 2.º lugar no capítulo surpresas positivas, logo atrás da Académica. A formação dos empates (nada menos de 7 à 17.ª jornada!), tem feito uma carreira regular, sob a batuta de Armindo Fernandes, técnico de um plantel que se reforçou na sua passagem da 2.ª para a 1.ª Divisão com atletas de bom nível, casos de Luís Lacerda, Abel Silva e Paulo Carneiro, por exemplo.

Presença bastante agradável, pois, dos actuais campeões da 2.ª Divisão nesta sua primeira passagem pelo escalão máximo.

Belenenses e Clube TAP são os dois emblemas que, a menos que haja qualquer surpresa, lutarão pelo 8.º lugar

que dá acesso à fase final. Tudo parecia encaminhado para o Belenenses ser apurado sem problemas até à jornada n.º 14, onde o inesperado êxito dos «aviadores» em casa dos axadrezados e a derrota dos azuis frente aos «leões» veio lançar muitas dúvidas quanto a quem será apurado. A TAP fez um início de prova nada consentâneo com a valia dos seus atletas, alguns deles reforços desta época como são os casos de Prezado, João Manuel e José Janeiro, entre ou-



tros, com este último a ter papel preponderante na formação orientada por José Manuel. Luís Hernâni e Armando Espadinha comandam um plantel onde a juventude impera, com o guardião Meira e os jugoslavos Maksimovic e Sopalovic a terem papéis fundamentais no comportamento da equipa.

Resta focarmos 3 das equipas que, certamente, lutarão pela fuga à despromoção. O Francisco de Holanda está a anos-luz da brilhante prestação competitiva da época 88/89 onde, contra todas as previsões, teve um lugar justíssimo nos seis emblemas que lutaram na fase final pelo título. São Mamede e Fafe são duas formações vindas do escalão inferior e nunca deram sinais de poderem ter papel de destaque na prova em curso. Nem a «chicotada psicológica» nos acadêmistas, com a dispensa de Nuno Montenegro e a entrada de Manuel Jorge Ferreira, resultou em comportamento mais positivo, restando-lhes tentar conquistar o único lugar (entre quatro) que permite a continuidade entre os melhores.

Num breve relance pela 2.ª Divisão, Illiabum tem demonstrado superioridade incontestável no que à Zona Norte diz respeito. Salgueiros e Infesta são os concorrentes mais próximos. Na Zona Sul, tudo muito mais complicado, com luta terrível entre Caselas, Comércio e Indústria, Passos Manuel e Académico do Funchal.

No sector feminino, o Benfica, actual campeão nacional, comanda a Zona Sul, contando por vitórias os jogos disputados, numa superioridade a todos os níveis, que só Paço de Arcos e Oeiras contestam de alguma forma. No Norte, as coisas são mais equilibradas, com Estrela e Vigorosa (comandante na passagem de ano), S. Bernardo, Colégio de Gaia (com a búlgara Litova nas suas fileiras), Juventude do Lis e Propaganda de Natacão a lutarem renhidamente

com apenas três tentos de desvantagem. Oito dias depois a categoria dos atletas suíços deitou por terra todas as esperanças portistas, vindo a vencer às Antas por 28-21.

Disputando todas as partidas da 1.ª «mão» fora do nosso país (tal como no sector masculino), nem essa teórica vantagem ajudou as nossas representantes femininas. Na Taça dos Campeões, o Benfica confrontou-se com o Iber Valência, com 11-20 em Espanha e 18-24 na Luz. O Paço de Ar-

pelo apuramento para a fase seguinte.

No tocante às Taças Europeias, as formações portuguesas presentes, quer no sector masculino quer no feminino, não lograram passar a 1.ª eliminatória. Mesmo assim, consideramos que os nossos homens se portaram melhor que as senhoras, conseguindo 2 vitórias nos seis jogos disputados, redundando a prestação das portuguesas em 6 derrotas em outros tantos encontros. Analisando os masculinos e começando pela Taça dos Campeões, calhou em sorte ao Benfica uma das formações de maior renome nestas andanças, que dá pelo nome de Barcelona. Derrota naturalíssima no Palau Blaugrana por 29-17 (na 1.ª mão) e vitória importante na Luz por 20-18. O nosso representante na Taça das Taças, foi o Sporting, vindo de um período conturbado na história do clube, que foi preponderante na pesada derrota sofrida em Israel, na 1.ª mão, perante o Appoel. Em Alvalade, vitória a pertencer aos «leões» mas a ser insuficiente para a passagem que, em situações normais, estaria perfeitamente ao alcance dos sportinguistas. Por último, a Taça Federação Internacional (IHF) que teve como representante o FC Porto e como adversário o BSV Berna, formação originária de um andebol com assento no Grupo do Mundial. Grande actuação dos «dragões» em terras helvéticas, onde na 1.ª mão se viram ao fim dos 60 minutos

cos teve a missão mais equilibrada, na Taça das Taças, frente às italianas do Sardinia Sassari, sendo derrotado por apenas 3 golos em terras transalpinas (a deixar grandes esperanças para a 2.ª mão) e por 4 (22-26) na vila da linha. Finalmente, o estreante Colégio de Gaia (Taça IHF) que mediu forças com as francesas do Besançon, com massacre em solo gaulês (16-36) e equilíbrio na outra margem do Douro.

No capítulo selecções a actividade continua a ser intensa, característica dos últimos tempos, coincidente com a vinda de Costache Mircea para coordenador de todas as nossas representações nacionais. Os «AA» masculinos iniciaram, em Novembro, a caminhada para o Mundial C, que decorrerá na Finlândia em Abril próximo, com a participação no Torneio RTP em Coimbra. Foram adversários dos portugueses as formações do TV 08 (da Alemanha Federal), ORK Proleter (da Jugoslávia) e a selecção de Israel.

Comportamento brilhante dos nossos atletas, vencendo a prova perante adversários de grande nível (o pivot do TV 08, o jugoslavo campeão olímpico Rnic é um bom exemplo), se bem que a arbitragem tivesse certa influência nos resultados, sobretudo no encontro decisivo com a equipa jugoslava. Este pormenor não poderá, contudo, diminuir as excelentes prestações dos nossos jogadores, cujo expoente

máximo foi o jovem Carlos Resende, decisivo em todas as partidas. Logo após o Torneio RTP, foram cumprir um estágio em Barcelona, onde defrontaram 3 equipas, 2 da Divisão de Honra e uma da 1.ª Divisão. Uma derrota apenas, perante a formação mais cotada, o Granollers, por 21-27, tendo vencido o Palautorneu (26-20) e o Balonmano Terrassa (21-19). Já perto do fim de ano, por altura do Natal, a disputa do Torneio «Emmen 850», na Holanda, frente a frente com a Bélgica, Israel, Luxemburgo, Holanda e Lituânia. Três derrotas e duas vitórias foi o pecúlio alcançado, onde os resultados eram o menos importante. Batemos Israel e Luxemburgo, baqueámos perante belgas e holandesas por números pequenos e fomos goleados pelos lituanos, tendo Carlos Resende (novamente) sido o nosso melhor elemento. Mais uma etapa na preparação para o Mundial C onde, aí sim, será a doer e os resultados contarão de maneira fundamental.

Passando aos «AA» femininos, participámos à última hora no Mundial B, realizado na Dinamarca entre 1 e 12 de Dezembro, tendo alcançado o 16.º e derradeiro lugar. Presença algo frustrante face às (falsas) expectativas criadas à volta da equipa que foi goleada nos 3 encontros disputados englobados no Grupo C de que fazia parte. Bulgária (18-31), Roménia (8-36) e Japão (12-27) são realmente de outro andebol, tendo porventura obstado a que, na fase de consolidação, pudessemos vencer adversários do nosso nível como são o Brasil e os Estados Unidos. O outro participante desta fase foi a Bulgária que só lá apareceu por acaso, e naturalmente, nos venceu sem problemas. Como dissemos na altura, esperamos que estes contactos ajudem de alguma forma a nossa presença na qualificação para este mesmo Grupo B, nos fins deste ano. Notar que a nossa formação se apresentou em terras dinamarquesas sem algumas «habitués» da turma das quinás (umas por lesões, outras por impedimentos profissionais), o que diminuiu, como é óbvio, o seu poder.

Esta é a análise dos primeiros 4 meses da temporada andebolística 89/90, demonstrativa do crescimento que a modalidade está a atravessar. Muitas outras selecções estão a trabalhar (as Esperanças masculinas e femininas prepararam a Taça Latina de Abril próximo), sendo importante o trabalho de detecção que se está a fazer a nível nacional no sentido de se encontrar jovens com potencial para as selecções. Papel fundamental o que a Comissão Técnica da F. P. Andebol está a ter, com Costache Mircea (coordenador das selecções) e Carlos Cruz (director-técnico nacional) a serem os responsáveis.

Jorge Marques

AGENDA

HOJE
CONTINENTE

Em todo o território: - céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco de Nordeste soprando moderado nas regiões do Sul. Neblina ou nevoeiro matinal nas regiões do Norte e Centro onde haverá formação de geada nos locais abrigados.

Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e de pequena vaga a cavado com ondulação Sueste de 1 a 2 metros na Costa Sul.

AÇORES

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Nordeste. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Norte de 2 a 3 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã: - Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado de Nordeste.

Depois de amanhã: - Períodos de céu pouco nublado. Vento fraco ou moderado de Nordeste.

MADEIRA

Grupos Ocidental e Central: - céu geralmente muito nublado. Vento moderado de Sudoeste. Períodos de chuva. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros.

Grupo oriental: - Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Sul. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros.

Amanhã: - céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de Sudoeste. Períodos de chuva, especialmente nos grupos Central e Oriental.

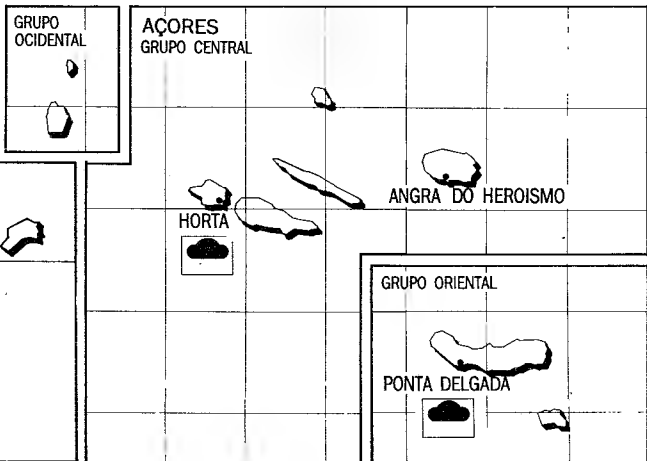
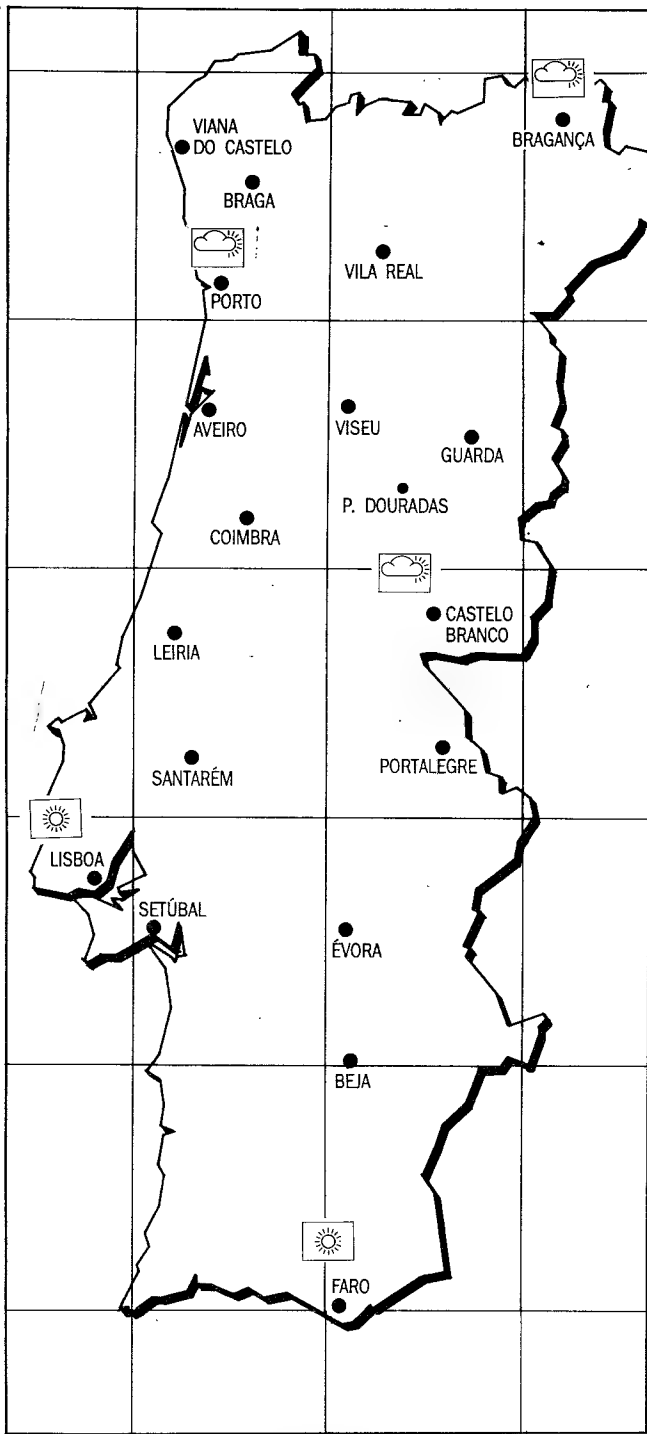
Depois de amanhã: - céu muito nublado. Vento moderado de Sudoeste com rajadas. Períodos de chuva.

AMANHÃ

Amanhã
No Continente, céu pouco nublado ou limpo. Vento geralmente fraco do quadrante Leste. Neblina ou nevoeiro matinal. Formação de geada nas regiões do Norte e Centro.

Depois
No Continente: céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco. Neblina ou nevoeiro matinal. Formação de geada.

* Informação do Instituto de Meteorologia e Geofísica



PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança.....	2	3	P. nub.
V. Castelo.....	3	4	P. nub.
Vila Real.....	2	2	P. nub.
Porto.....	4	7	P. nub.
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	6	6	Limpo
C. Carveiro.....	8	9	Limpo
C. Branco.....	4	4	P. nub.
Portalegre.....	7	7	P. nub.
Lisboa.....	7	7	Limpo
Évora.....	6	6	P. nub.
Beja.....	6	6	P. nub.
Faro.....	9	9	Limpo
Sagres.....	8	10	P. nub.
P. Delgada.....	14	14	M. nub.
Horta.....	14	15	M. nub.
Funchal.....	14	14	M. nub.
Sines.....	-	-	-

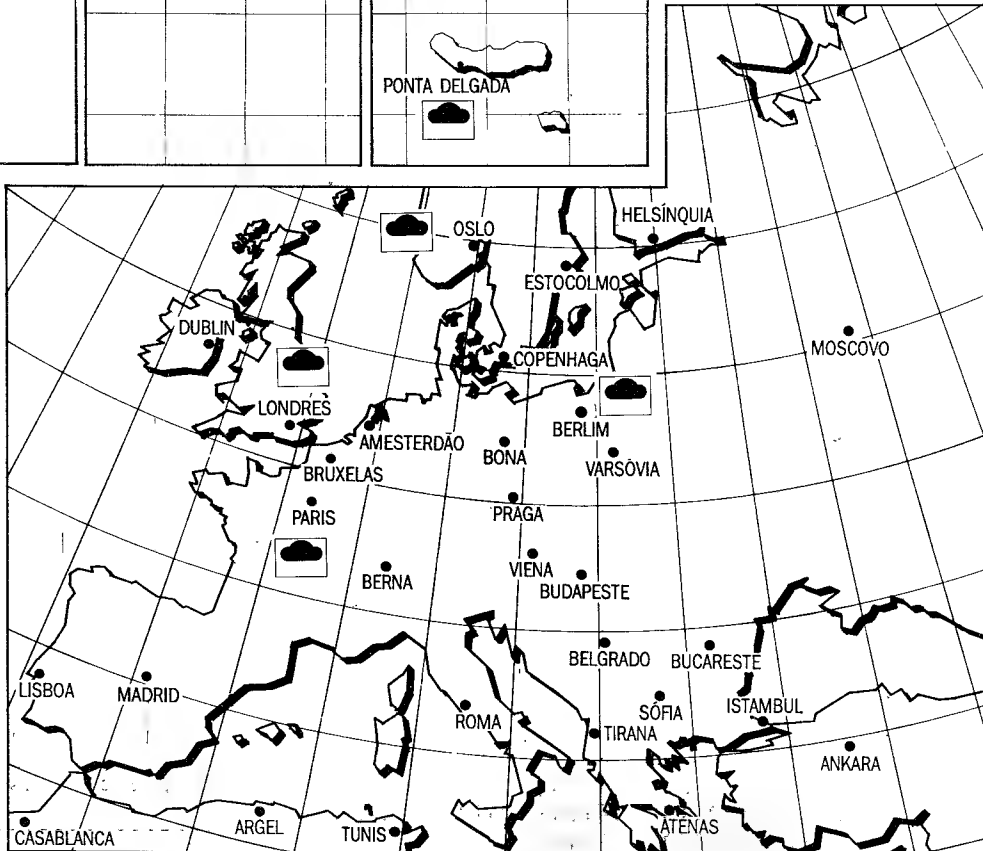
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 14; Porto, 13, Faro, 16; P. Delgada, 18; Funchal, 20.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Madrid.....	0	0	P. nub.
Londres.....	3	7	Neblina
Paris.....	5	6	Neblina
Bruxelas.....	5	6	M. nub.
Amsterdão.....	4	6	Neblina
Genebra.....	-1	0	Neblina
Roma.....	0	8	Trovoada
Oslo.....	7	4	M. nub.
Copenhaga.....	1	2	Neblina
Estocolmo.....	-2	-1	Limpo
Berlim.....	1	2	Neblina
Viena.....	-9	-9	Neblina
Varsóvia.....	-2	1	Neblina
Atenas.....	3	4	M. nub.
Moscovo.....	-3	-2	Neve

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Chicago.....	1	5	Aguaceiros
Houston.....	6	22	Neblina
Los Angeles.....	9	23	Neblina
Montreal.....	-4	1	Chuva
Nova Iorque.....	3	9	P. nub.
S. Francisco.....	10	17	M. nub.
Toronto.....	1	4	Limpo
Vancouver.....	5	8	Chuva
Washington.....	2	11	Limpo
Hong Kong.....	13	18	M. nub.
Melbourne.....	13	24	P. nub.
Pequim.....	-10	1	Neblina
Perth.....	18	31	Limpo
Singapura.....	25	29	Chuva
Sydney.....	20	24	Limpo
Tóquio.....	-2	7	Limpo
Wellington.....	9	17	Aguaceiros



	Céu limpo
	Céu pouco nublado
	Céu muito nublado
	Chuva
	Trovoada
	Neve
	Vento
	Mar calmo
	Mar encrespado

MARÉS

Hoje	PREIA-MAR	BAIXA-MAR
	01.16 3,6m	07.11 0,9m
	13.48 3,5m	19.26 0,9m
Amanhã	02.10 3,8m	08.03 0,8m
	14.39 3,6m	20.13 0,8m

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

HÁ 20 ANOS



Terramoto na China

A China confirmou hoje ter-se registado um violento terramoto na província de Yunnan, no Sul do país, no princípio desta semana. Transmitindo a primeira notícia oficial chinesa sobre o abalo sísmico, a Rádio Pequim anunciou, numa emissão captada em Hong-Kong, que os habitantes da província de Yunnan uniram os seus esforços para «lutarem contra o desastre». O observatório real de Hong-Kong anunciou que o sismo, verificado na segunda-feira, foi «potencialmente destruidor» e que o seu epicentro se localizou perto de Kunming, cidade de um milhão de habitantes.

Nova teoria sobre o cancro

Uma nova teoria sobre a formação do cancro acaba de ser exposta pelo dr. Robert Huebner, eminente especialista de virulogia, que trabalha com o dr. George Torado no Instituto Nacional do Cancro em Bethesda (Maryland). O essencial desta teoria é que o organismo humano possui, desde que nasce, um elemento capaz de provocar excepcionalmente o cancro. Esse elemento compreende componentes ligados a um certo tipo de vírus.

Helder Câmara para o Nobel

O secretário-geral da Conferência Latino-Americana dos Sindicatos Cristãos anunciou que apresentará a candidatura de Mons. Helder Câmara ao Prémio Nobel da Paz 1970.

EFEMÉRIDES

1753

Nasce, em Setúbal, a cantora lírica portuguesa Luísa Todi.

1973

O governo de minoria branca da Rodésia decide encerrar as suas fronteiras com a Zâmbia no sentido de evitar a entrada no país de forças dos movimentos de libertação negros.

1976

Entra em funcionamento a Universidade dos Açores.

1979

Morre Pier Luigi Nervi, tido como um dos maiores arquitectos do século XX

1980

A Arábia Saudita ordena a execução de 63 dos religiosos fanáticos que ocuparam a grande mesquita de Meca em Novembro de 1979.

1981

Pinto Balsemão toma posse como Primeiro-Ministro do Sétimo Governo Constitucional e segundo da Aliança Democrática.

1987

Entra em vigor a primeira constituição da Nicarágua elaborada sob o regime sandinista.

AGENDA

FARMÁCIAS
LISBOA
PERMANENTE

Ajuda: Lúcia Almeida, Calçada da Ajuda, 170, Tel. 3637318; Alvalade: Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C, Tel. 897958; Avenidas Novas: Valle, Av. Visconde Valmor, 60-B, Tel. 773043; Benfica - Igreja: Marques, Estrada de Benfica, 648, Tel. 700096; Campolide: Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A, Tel. 680627; Chile - Alto São João: Vitalis, Rua Morais Soares, 69-C, Tel. 8141779; Hosp. São José - Desterro: Silmar, Rua São Lázaro, 128, Tel. 542829; Infante Santo - Pampulha: Infante Santo, Rua Olival, 290, Tel. 661003; Lumiar: Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B, Tel. 7590942; Palácio São Bento: Micael, Rua São Bento, 380-382, Tel. 662162; Penha de França: Central da Penha, Rua da Penha de França, 58-60, Tel. 8149245; Vale Formoso - Poço Bispo: Barros Gouveia, Rua Vale Formoso de Cima, 79-B, Tel. 8595180; Buraca - Amadora: Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; Carnaxide: H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; Odivelas: Nabais Vicente, Rua A, Lote 19-A, Loja E (Urb. Codivel), Tel. 9816803; Pontinha: Pontinha, Estrada Santo Elói, 4 Lote SE, Tel. 479220.

REFORÇO

Bairro América: Costa Ferreira, Rua Fernão Magalhães, 33, Tel. 8149448; Baixa: Durão, Rua Garrett, 90, Tel. 3476185; Campo de Ourique: Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119, Tel. 666206; Estefânia: Morgado Lourenço, Largo D. Estefânia, 4-5, Tel. 554808; Estrela: Martins, Calçada da Estrela,

165-167, Tel. 660823; João XXI: Onilda, Av. João XXI, 13-A, Tel. 886848; Marquês Pomal - Picoas: Correia Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21 B-C, Tel. 547385; Olivais Norte: Central Olivais, Rua Alferes Barrilero Ruas, 7-C, Tel. 315539; Palhavã: Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A, Tel. 7260934; Picheleira: Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; Santo Amaro: Correia Azevedo, Rua Luís Camões, 42-B, Tel. 3638625; Colina Sol - Brandoa - Amadora: Vidal Reis, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 35, Tel. 996540; Olival Basto: Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA
DE CASCAIS

Algés: Almeida Nifo, Av. Combatentes G. Guerra, 64, Tel. 2112070. Permanente; Linda-a-Velha: Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; Tires: Guimaraes, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; Alcabideche: Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690263. Até às 22 h; Porto Salvo: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; Carcavelos: Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037; S. Dom. Rana: Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; Malveira da Serra: Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; Oeiras: Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr.

Augusto Castro, Lote 10, Tel. 4430691. Permanente; Parede: Junqueiro, Rua de Luanda, Lote 5, Tel. 2477838. Permanente; Sassoeiros: Amaral, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; Birre: Imani, Lote 7-B, Hera, Tel. 2852121; Madorna: Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; Madorna: Aragão. Até às 22 h; Amoreira: Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; Estoril: Parque, Arcadas do Parque, 3, Tel. 260191. Até às 22 h; Cascais: Misericórdia, R. Regimento 19, n.º 41, Tel. 280141. Permanente.

LINHA
DE SINTRA

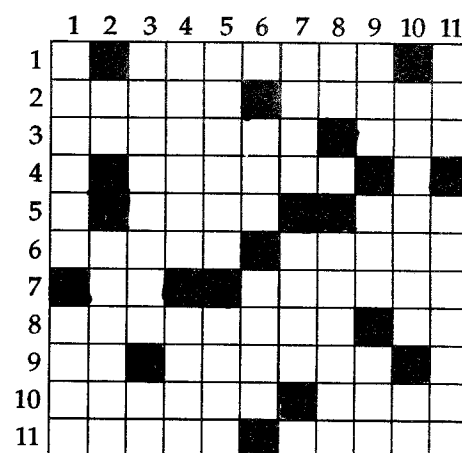
Amadora: Melo, P. D. João I, 9-B, telefone 4932756, permanente; Vaz Martins, R. António Ferro - Buraca, telef. 970660; Vidal Reis, até às 22 horas; Central, Av. Cardoso Lopes, 25-A, telef. 4932310, até às 22 horas; Queluz: Azeredo, Queluz-Pendão, serviço permanente, Albergaria, L. Prof. Dr. Jorge Mineiro, 42, telef. 4356487, Queluz de Baixo, até às 22 horas; Cacém: Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, Lt.º 5-D, telef. 9243693, serviço permanente; Mem Martins: Química, Estrada de Mem Martins, 285, telef. 9210012; Mercês: Claro Russo, R. Abade Faria, telef. 9215275, até às 22 horas; Rio de Mouro: Cargaleiro Lourenço, Calçada da Rinchoa, 38, telef. 9262006, até às 22 horas; Sintra: Misericórdia, Vila Pendoa, telefone 9231070, serviço permanente; Colares: Abreja,

telefone, 9290088.

OUTRA
BANDA

Almada: R. Direita, 58, Pragal, telef. 2767126, serviço permanente; Cova da Piedade: Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A, telefone 2767356, serviço permanente; Monte da Caparica: Nova, R. Trab. Rurais, 82, telefone 2954436, até às 19 horas; Costa da Caparica: Higiénica, Av. da República, 23, telefone 2900020, até às 19 horas; Laranjeiro: Moderna, R. Dr. António Elvas, 8-A, telefone 2290305, até às 22 horas; Sesimbra: Leão, Av. da Liberdade, 13, telefone 2233471, até às 19 horas; Lavradio: J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C, telefone 2043126; Barreiro: Moderna, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12, telefone 2073443; Baixa da Banheira: Aliança, Estrada Nacional, 178-B, telefone 2040302, até às 19 horas; Corroios: Bento Lino, Estrada de Vale Milhaços, telefone 2532601, até às 19 horas; Amora: Nobre Guerreiro, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314, telefone 2212923, serviço permanente; Seixal: Alves Coelho, L. Camões, 27, Torre da Marinha, telefone 2211132, até às 22 horas; Montijo: São Pedro: Av. Camões, 16, telefone 2311133, até às 22 horas; Moita: Silva Rocha, P. República, 16, telefone 2390029, até às 19 horas; Alhos Vedros: Gusmão, R. Cândido Reis, 30, Telefone 2040250, até às 19 horas; Alcochete: Gameiro, L. António Santos Jorge, 15, telefone 2340100, até às 19 horas; Setúbal: Moreira Martins, P. Olga Sarmiento, 14, telefone 26051, serviço permanente; Bonfim, Av. Rodrigues Manito, 12, telefone 24558, serviço permanente; Bocagena, R. Romeu, telefone 23425, até às 22 horas.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17832

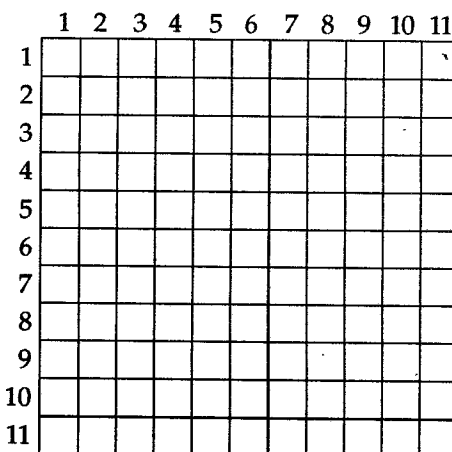
HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Sinceridade. Tempo do verbo ser.
- Crença política. Da Sardenha.
- Invólucro espinhoso de alguns frutos (pl). Prefixo que designa terra.
- Nome de flores.
- Um dos mais antigos poetas latinos. Trezentos em romano.
- Fúmbrias. Novecentos e três em romano.
- Artigo definido (ant). Indignadas.
- Não mencionamos. Samário (s.q.).
- Batráquio. Liga de prata, usada principalmente na fabricação de talheres.
- Região do noroeste da Ásia Menor, entre o Egeu e o Ponto Euxino, célebre pelo culto de Cibele. Guarnecer de asas.
- Irmão de Moisés. Berreiro.

VERTICAIS:

- Conformidade. Abandonada.
- Ruténio (s.q.). Movera os remos.
- Cidade de Itália. Caminhar.
- Cidade da Turquia europeia. Acrescentando uma consoante é filipino.
- Tocais de leve. O mesmo que ilense.
- Germe (Fig). Soluça.
- Queimo. Planta têxtil do Ceará.
- Concede. Mastigar sem engolir.
- Unidade de trabalho. Uma das mais belas tragédias de Corneille. Agarrei.
- Apeavas. Átomo.
- Aurora. Meditara.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito



PROBLEMA N.º 16642

HORIZONTAIS:

- Bário (s.q.). Descerra. Artigo indefinido.
- Aia. Freguesia do concelho de Barcelos. Arsénio (s.q.).
- Circularam. Eial
- Autores. Senhor.
- Fizeras doação de. Nesse lugar.
- Tempo do verbo ser. Apelido.
- Utensílios domésticos. Gálio (s.q.).
- Disfarçarias.
- Actínio (s.q.). Habitar. Clima.
- Derrotaras. Apelido.
- Pernadas de sobreiro. Estavas.

VERTICAIS:

- Cap. do Iraque ou Mesopotâmia, na margem do Tigre.
- Âmio. Bicar.
- Limpavam metais. Pronome pessoal.
- Gastas.
- Aparelho de ginástica (pl). Lista (inv).
- Braço de mar. Ceifaras.
- Despovoa. Involgares.
- Falda. Caminhar.
- Autores. Aparência.
- Sossegadas. Nome de mulher.
- Guarneceriam de asas. Escarnes.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17831

HORIZONTAIS: 1 - Prometeu. VS. 2 - Airó. Riso. 3 - NAO. Perada. 4 - Brumas. HÁ. 5 - Avó. Massa. 6 - Cá. Erra. 7 - Astal. Fi. Aos. 8 - Cr. Reunidas. 9 - Toso. Saa. 10 - Sécio. ROCA. 11 - Samoa. Tatus. VERTICAIS: 1 - Panda. Art. 2 - Ria. Viscosa. 3 - Orobó. SEM. 4 - Mo. Carço. 5 - Puma. Ia. 6 - Trema. FUSO. 7 - Eiras. Ina. 8 - Usasse. Iara. 9 - Dó. Arad. To. 10 - Ah! Roa. Cu. 11 - Sô. Assoas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16641

HORIZONTAIS: 1 - Havre. Acato. 2 - Liar. Oriá. 3 - Ror. Ar. Iria. 4 - Aida. Aero. 5 - Farrapos. 6 - Irar. Ossa. 7 - Armais. Emas. 8 - Armada. 9 - Adi. Oso. Rir. 10 - Cardo. Magra. 11 - Arar. Pará. VERTICAIS: 1 - Ráfia. Aca. 2 - Aló. Arradar. 3 - Viraram. Ira. 4 - Ra. Irra! Dr. 5 - Erada. O6. 6 - Raposas. 7 - Ao. Os. Roma. 8 - Criassem. Ar. 9 - Aire. Amarga. 10 - Taira. Adir. 11 - Ao. Asaras.

PROVÉRBIO: NÃO HÁ ROCA SEM FUSO.

MÉDICO
DE
URGÊNCIA

766171
766178
766179



RÁDIO

ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; 15.00: Contraste; 17.00: Antena 1 - Regiões; 17.15: Porto d'Abriço

Onda Média e FM Estéreo

17.00: Sete Mares; 19.00: Música; 20.00: No Estúdio e no Estádio.; 20.15: Musical; 20.30: A Voz da Solidariedade - Programa da Embaixada de Cabo Verde; 21.00: Música Portuguesa; 21.30: Imaginário - Luís Garlito, Cardoso Pinto e Graça Vasconcelos. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional F.M. 2 - Estéreo

17.00: Aberturas de Inspiração Escocesa; 17.30: O Timbre e a Forma; 18.15: Ângulos e Reflexos; 19.00: Integrais - Os 23 quartetos de corda de Mozart, pelo Quarteto Italiano; 19.30: Álbum Musical - Obras de Ponchielli, Mussorgsky, Rodrigo, Mozart, Mahler e Villa-Lobos; 20.40: Esta Madrugada no Dois; 21.00: Ciência e Tecnologia... A Procura sem Fim; 21.30: Uma Obra - Duas Versões; 22.38: Sinfonia n.º 24 em ré maior, de Joseph Haydn, pela orq. Cantilena, dirigida por Adrian Shepherd; 23.00: Euroradio; 01.00: Música Barroca ao Serão; 02.00: Música na Madrugada em Disco Compacto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO
COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m

17.00: Contactos; 19.00: Peça que a Gente Passa; 21.00: Pela Estrada Fora; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: 24.ª Hora; 01.00: Fantástico. 02.00: Serviço Nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM - Estéreo 97,4 MHz

16.00: Rock em Stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Ao Fim e ao Cabo; 20.00: Topo de Gama; 22.00: Pessoal e Transmissível; 00.00: Morrison Hotel; 01.00: Som da Frente; 03.00: Serviço Nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO
RENASÇENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; 16.00: Banda da Amizade; 18.00:

Bola Branca; 18.30: Transmissão do Terço; 19.00: A Viagem Continua; 20.00: Boa Nova; 20.30: Conversa de Amigos; 21.00: Sequência; 22.00: Revista; 22.30: Bola Branca; 23.30: Suplemento Especial da BBC; 23.55: Meditando. Noticiários de hora a hora.

RFM

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

16.00: Fórmula Três; 19.00: Atlântida; 20.00: Serra de Estrelas; 22.00: Oceano Pacífico. Noticiários de hora a hora.

VOZ DO ALENTEJO

18.00: Jornal da Tarde - Bola Branca; 18.30: Transmissão do Terço; 19.00: Alentejo em Notícia.; 20.00: Ligação ao Canal 1

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB

Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
ENTRE PRIMOS
 Filme de Joel Schumacher c/ Ted Danson e Isabella Rossellini.
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 1
REGRESSO AO FUTURO PARTE II

Filme de Robert Zemeckis com Michael J. Fox e Christopher Lloyd.
 Maiores de 6 anos.
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2
OS CAÇA FANTASMAS PARTE II

Filme de Ivan Reitman com Bill Murray e Den Aykroyd.
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Um filme de Jamie Uys com Nixau e Lena Farugia.
 Maiores de 6 anos
 Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4
COMO O CÉU SE ENGANOU

Filme de Emile Ardolino c/ Cybill Shepperd e Robert Downey.
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa
 Telef. 691275
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
 Um filme de Robert Zemeckis.
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 13.30, 15.30, 16.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Maiores de 6 anos.
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 3
PERIGOSA SEDUÇÃO

Um filme de Harold Becker com Al Pacino e Ellen Barkin.
 Maiores de 16 anos.
 Sessões às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 horas

AMOREIRAS 4
O MEU AMIGO MAC

Maiores de 6 anos
 Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 5
SEXO, MENTIRAS E VIDEO

Filme de Steven Soderbergh c/ James Spader e Andie MacDowell
 Maiores de 16 anos.
 Sessões às 13.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 6
ENTRE PRIMOS

Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 7
OS CAÇA FANTASMAS PARTE II

Maiores de 12 anos.
 Sessões às 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 E 00.15 horas.



Regresso a Viena

Em exibição na sala 3 Quarteto

Filme qualidade

M/12 anos

AMOREIRAS 8

ABISMO
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 9

A SENHORA
 Maiores de 16 anos.
 Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 10

COMO O CÉU SE ENGANOU
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas..

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A
 Telef. 763319
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
 Maiores de 6 anos.
 Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10
 Telef. 776098
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
 Um filme de Jamie Uys com Nixau e Lena Farugia.
 Maiores de 6 anos
 Sessões às 15.15, 18, 21.30

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15
 Telef. 324194
DUPLA DE FOGO
 De James Glickenhaus
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO

Parque Mayer
CASTA MATULONA
 Hard-core-1º escalão (porno)
 Maiores de 18 anos
 Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27
 Telef. 573407
A TURMA DO SEXO
 Hard-core-1º escalão (porno)
 Maiores de 18 anos.
 Sessões às 12.30, 14.3, 16.45, 19, 21.30 e 23.30.

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37
 Telef. 533253
ABISMO
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e

21.30 horas.
LIGAÇÕES PERIGOSAS
 Maiores de 18 anos
 Às 24.00 horas

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA
 Telef. 9434762
GOLPE DE VINGANÇA
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CINE PORTELA

ESTÚDIO SHEZA
ABISMO
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34
 Telef. 549999
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES

Av. da Liberdade, 2
 Telef. 322523
ABISMO
 Filme de qualidade de James Cameron.
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas

ESTÚDIO

Alameda D. Afonso Henriques, 35
 Telef. 555134
OS CAÇA FANTASMAS II
 Filme Ivan Reitman com Bill Murray e Den Aykroyd.
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F
 Telef. 8487255
O APELO DO AMOR
 Com Brian Keith e Alexandra Paul
 Maiores de 6 anos.
 Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1

Estrada de Benfica 503
 Tel 7145088
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
 Maiores de 6 anos.
 Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2

OS CAÇA FANTASMAS II

Filme de Ivan Reitman
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
 Um filme de Jaime Uys com Nixau e Lena Farugia.
 Maiores de 6 anos.
 Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15.

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo
 Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA
 Filme de qualidade de João César Monteiro.
 Maiores de 16 anos
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.15 e 22 horas.

FORUM PICOAS

AUDITÓRIO 2
A BELA DE DIA
 Filme de qualidade de Luis Buñuel com Catherine Deneuve e Jean Sorel.
 Maiores de 16 anos.
 Sessões às 14.00, 16.00, 19.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO

Alameda D. Afonso Henriques
 Telef. 555134
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
 Filme de Jamie Uys.
 Maiores de 6 anos
 Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes
 Telef. 8480808
ESTRANHA ATRACÇÃO
 Maiores de 16 anos.
 Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1

Rua Bulhão Pato, 1-C
 Telef. 8480808
OS CAÇA FANTASMAS II
 Filme de Ivan Reitman com Bill Murray e Dan Aykroid.
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2

O VELHO GRINGO
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3

COMO O CÉU SE ENGANOU
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara
 Telf. 3631162
ENTRE PRIMOS
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2

OS CAÇA FANTASMAS II
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES

Av. de Roma, 7-A
 Telef. 801313
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
 Maiores de 6 anos.
 Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão
 Telef. 538743
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
 Maiores de 6 anos.
 Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
 Maiores de 6 anos.
 Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3

ENTRE PRIMOS
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B
 Telef. 574362
TAP-A DANÇA DE DUAS VIDAS
 Filme de Dick Castle
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON

R. dos Condes, 4
 Telef. 326283
BRAÇO DE VINGANÇA
 Maiores de 18 anos.
 Sessões às 14.15, 16.45, 19 e 21.30 horas.

OLIMPIA

R. dos Condes, 13
 Telef. 325309
ACADEMIA DE DEVASSAS
 Filme porno
 Maiores de 18 anos
 Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
ABISMO
 Maiores de 12 anos
 Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
 Maiores de 6 anos.
 Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA

R. Portas de Stº Antão
 Telef. 326305
ENTRE PRIMOS
 Maiores de 12 anos.
 Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

TEATRO DA POLITÉCNICA • MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA NATURAL • MUSEU DO CAÇA

D. JOÃO E A MÁSCARA

UMA FÁBULA TRÁGICA DE ANTONIO PATRÍCIO

ENCENAÇÃO: MÁRIO FELICIANO
 CENOGRAFIA: MANUEL GRACIA DIAS
 FIGURINOS: HILDA PORTELA
 MÚSICA: ALVARO VICTORINO
 LUTER: ORLANDO WORM

COM: EUNICE MUÑOZ, JOÃO GROSSO, ESTRELA NOVAIS, RUI PEDRO, FERNANDO JOSÉ OLIVEIRA, CARMEN SANTOS, ILDA ROQUETE, MARQUES D'AREDE, PAULA MORA, JORGE SEQUEIRA, JOÃO GABRIEL, MARGARIDA MARINHO

3.ª a sábado às 21.00h
 Domingo às 16.00h
 RUA DA ESCOLA POLITÉCNICA
 1200 LISBOA
 TELEFONE 67 44 74

CARTAZ

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15,
20.00, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2

TAP - A DANÇA DE DUAS VIDAS
Filme de Nick Castle.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00,
20.00, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 3

REGRESSO A VIENA
Filme de Alex Corti
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 17.15, 19.30,
21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4

SKINDEEP - O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
De Blake Edwards.
Maiores de 12 anos.
Às 14.30, 16.30, 18.15, 20, 22 e 24 horas.

SÃO JORGE 1

Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2

OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 3

OS DEUSE DEVEM ESTAR LOUCOS II

Maiores de 6 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

7ª ARTE

Av. da República
Telef. 730715
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30.

TERMINAL

Estação do Rossio
Telef. 371573
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30

TURIM

Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
PERIGOSA SEDUÇÃO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15, 17.30 e 21.30 horas.

XENON

Av. da Liberdade, 9
Telef. 368446
O AS E O JOKER
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas
A NOITE DE ESPANTO N°2
Maiores de 18 anos. Às 23.30 horas.

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS PARTE II

Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

CACÉM- ESTÚDIO FLORES

Telef. 9247570
Encerrado para descanso do pessoal

QUELUZ - KING D. PEDRO III

Telef. 4364845
SALA 1
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.15 horas

SALA 2 CYBORG

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15 e 16.45 horas.

SALA 3 SEXO, MENTIRAS E VIDEO

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17, 19.30 e 21.45 horas

CASCAIS

OEIRAS ALTO DA BARRA 1
Telef. 4439759

REGRESSO AO RIO KWAI
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

ALTO DA BARRA 2 AS VOZES DA IRA

Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS - CINE PALMEIRAS 1

Telef. 2479144
CAÇA FANTASMAS PARTE II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

CINE PALMEIRAS 2

REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS ATLÂNTIDA CINE

Telef. 2465653
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS - MIRAMAR 1

Telef. 2841744
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

MIRAMAR 2

O ABISMO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

ALMADA

ALMADA ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127

REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DA CAPARICA

CINEMA PESCADOR
Telf. 2905350
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 21.45

TEATRO LISBOA

A BARRACA - CIN- E ARTE

Largo de Santos, nº 2 -
Telef. 665360 ou 686300
De 3ª a Sáb. às 21.30 e Dom. às 16 horas.
MARGARIDA DO MONTE

De Marcelino Mesquita

TEATRO DA COMUNA

Praça de Espanha - Telef. 7260818
De 2ª a Sáb. às 21.30 horas.
Dom. às 17.00 horas, descanso à 4ª Feira.

SALA 1 PÉCORA

de Natália Correia.
SALA 2
Sexta às 21.30, Sáb. às 16.00 e 21.30; Domingo às 16 horas.
A PREGAÇÃO
De João Brites, pelo Grupo O Bando

RITZ CLUB

R. da Glória, 57 - Telef. 325140
De 3ª a Sábado às 21.30; Sábado e Domingo às 16.00 horas.
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA.
Encenação de Mário Viegas.

TEATRO ABC

Parque Mayer - Telef. 3466783
De 3ª a Domingo às 20.30 e 22.45. Domingos e Feriados às 16 horas.
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas c/ Camilo de Oliveira, Miguel Simões e Paulo César.

TEATRO ABERTO

Praça de Espanha -
Telefone 778898
De 5ª a Sábado às 21.30 horas. Domingos às 16 horas.
HAPPY END
De Dorothy Lane/Bertolt Brecht.

TEATRO DA POLITÉCNICA

R. da Escola Politécnica, 58 - Telef. 674474
De 3ª a Sábado às 21.00; Domingos às 16 horas.
D. JOÃO E A MÁSCARA
De António Patrício

TEATRO DA TRINDADE

R. Nova da Trindade -
Telef. 320000

De 3ª a Sábado às 21.30; Domingos às 16 e 21.30 horas.
«VERÃO»
De Edward Bond c/ Fernanda Alves e Isabel de Castro.

VARIEDADES

Parque Mayer - Telef. 326037.
De 3ª a Domingo às 21.30; Domingos e Feriados às 16.00 horas.
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ.
Versão livre de Henrique Santana.

TEATRO VILLARET

Av. Fontes Pereira de Melo, 31-A - Telef. 538586
De 3ª a 5ª às 21.30, 6ª e Sáb. às 20.30 e 22.45; Domingos e Feriados às 16.00 e 21.30 horas.
ORA BATE...BATMAN'SO

OUTRAS

LOCALIDADES

ESTORILTEATRO DO CASINO

Telefone 2684521
WHAT HAPPENED TO MADALENA IGLÉSIAS?
Texto e encenação de Filipe La Féria.

ODIVELAS

TEATRO DA MALAPOSTA
R. de Angola, Olival de Basto - Telefone 9873299
De 3ª a Sáb. às 21.30; Domingos às 16.00 horas.
O RENDER DOS HERÓIS
De José Cardoso Pires.
Encenação de José Martins, pelo Centro Dramático Intermunicipal Almeida Garret.

PORTO

TEAR
R. do Heroísmo, 86 - Telef. 573265.
De 3ª a Sáb. às 21.30; Domingos às 16.00 horas.
JARDIM DAS CEREJEIRAS
De Anton Tchekov, pelo TEAR. Encenação de Rogério de Carvalho.



CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO

EDITAL

Hélder da Silva Nobre Madeira, Presidente da Câmara Municipal do Barreiro, faz público que os veículos abaixo indicados se encontram depositados nas instalações da Câmara Municipal sita na Avenida Alfredo da Silva, serão vendidos em Hasta Pública conforme o preceituado nos DL n.º 57/76 e 134/82 se os seus proprietários os não levantarem no prazo de 90 (noventa) dias a contar da data da afixação do presente Edital.

Os interessados ficarão responsáveis pelo pagamento dos encargos legais estabelecidos.

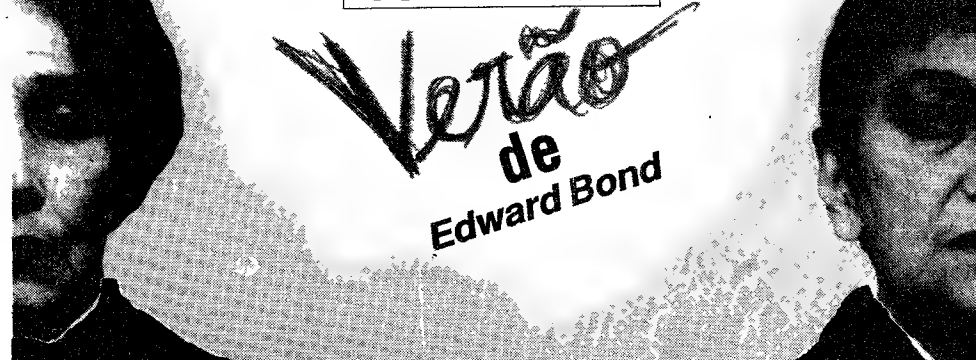
Matrícula	Marca	Cor	Matrícula	Marca	Cor
HG-67-16	Ford	Preto	FG-34-07	Taunus	Branco
—	Sherpa	Verde	CB-88-50	Opel	Cinzento
—	Ford	Vermelho	HE-46-80	Taunus	Azul
FF-71-05	NSU	—	FB-26-94	Fiat	Amarelo
GI-46-86	Fiat	Cinza	—	Opel	Branco
AL-75-50	Toyota	Amarelo	GL-55-27	Peugeot	Verde
—	Morris	Vermelho	DI-28-48	Hilman	Vermelho
AL-55-59	Triumph	Cinzento	AE-29-28	Opel	Cinzento
GZ-10-83	Peugeot	Azul	—	Renault	Cinzento
AH-55-10	Fiat	Vermelho	DS-85-98	Citröen	Castanho
GU-62-80	Morris	Vermelho	LG-68-08	Fiat	Branco
IA-88-15	VW	Cinzento	CG-77-68	Citröen	Vermelho
II-94-97	Fiat	Preto	IB-97-28	VW	Cinzento
—	Simca	Amarelo	IB-94-48	Fiat	Vermelho

Para constar e não ser alegada ignorância, se lavra o presente Edital e outros de igual teor, que serão afixados nos locais públicos do costume.

Barreiro, 3 Janeiro 1990.

O PRESIDENTE DA CÂMARA,
Hélder da Silva Nobre Madeira

GRUPO TEATRO HOJE/TEATRO DA GRAÇA NO TEATRO DA TRINDADE SÓ ATÉ DIA 21



«Elenco de Ouro». «O duelo Isabel de Castro, Fernanda Alves é algo de inesquecível, os jovens M.ª José Pascoal e José Walenstein não deixam os seus créditos por mãos alheias, Ruy Furtado é só por si um espectáculo» — **Diário de Notícias**
«Um festival de interpretações e uma das melhores encenações de Carlos Fernando» — **A Capital**

3.ª a Sáb. às 21.30h.
Domingos às 16.00h.

Marcações pelo Telef.: 32 00 00
SUB. SEC

PATROCÍNIO
Círculo de Leitores

APOIOS:
Lanalog, Louis Vuitton, Paris em Lisboa, Pinhol, Pollux, Antena 1, Rádio Comercial, Rádio Minuto, Diário Lisboa, JL, Vítor Hugo, Voz do Operário, Ytong Ibérica.

CARTAZ

EXPOSIÇÕES

LISBOA

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (Jerónimos): de terça a domingo, das 10 às 12,30 e das 14 às 17, uma exposição permanente que integra centenas de milhares de peças, entre as quais um conjunto pré-histórico de 300 peças de ouro.

MUSEU NACIONAL DO TEATRO: até 27 de Março (Dia Mundial do Teatro), "Amália, 50 Anos" com entrada gratuita aos domingos de manhã.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até Abril de 1990, "Tramas e Sortilégios" de Teresa Segurado Pavão; **PALÁCIO NACIONAL DOS COCHES**: até 17 de Janeiro, a exposição "Falcoaria Real"

BIBLIOTECA NACIONAL: a exposição "Portugal no Século XVIII: de D. João V à Revolução Francesa"

PALÁCIO FOZ: por ocasião dos 150 anos de Fotografia no Mundo e 25 de Agência em Portugal, a Lusa apresenta uma exposição comemorativa.

PALÁCIO GALVEIAS (Campo Pequeno): integrada nas comemorações do 125º aniversário do Diário de Notícias, uma exposição subordinada ao tema "A Vida das Imagens", reunindo um importante conjunto de documentos fotográficos recuperados nos arquivos do "DN".

CLUBE CINQUENTA (R. de S. Mamede ao Caldas, 9-1º): até 10 de Janeiro, "Coco Frois David".

ALFAMA-GALERIA DE ARTE (R. das Flores, 109): Pintura e Escultura Espanhola Contemporânea.

GALERIA EMI-VALEN-

TIM DE CARVALHO (R. da Cruz dos Poiais, 111): até 31 de Janeiro, de segunda a sexta das 11 às 13 e das 15 às 19, sábados das 15 às 19, uma exposição de escultura e desenho de José Barrias intitulada "Vestígios".

GALERIA ARTELA (R. Prof. João Barreira, loja 15-Telheiras): até 14 de Janeiro, "Ideias Soltas", pintura de Rui de Azevedo.

GALERIA JOÃO HOGAN (R. Voz do Operário, 13): até 27 de Janeiro, de segunda a sexta das 14 às 20 e sábados das 15 às 19, Pintura de Ormond Fannon **GALERIA 111** (Campo Grande, 113): até 12 de Janeiro, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19 e sábados das 10 às 13, Pintura de Eduardo Batarda.

GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): até 13 de Janeiro, de segunda a sábado das 9,30 às 13 e das 15 às 19, colectiva de Pintura com obras de Alfredo Luz, Artur Bual, Cruzeiro Seixas, Fernando Ançã, Helena San-Payo, Ribeiro Farinha, Rogério Amaral e Silva Palmeira.

GALERIA EUROARTE (R. Rodrigo da Fonseca, 107-C): até 22 de Janeiro, de segunda a sexta das 10,30 às 13 e das 15,30 às 19- sábados das 10,30 às 13 e das 16 às 19 horas, Pintura de Margarida Vigoço.

GALERIA MULTIFACE (C. Comercial Gemini, loja 65-R. Sousa Lopes): até 15 de Janeiro, Pintura de Buál.

GALERIA NÁRTICE (R. Augusto Rosa, 18): até 18 de Janeiro, Pintura de Inácio Matsinhe.

GALERIA NOVO SÉCULO (R. do Século, 23): até 20 de Janeiro, de terça a sábado das 14 às 20, «Arremessos», Pintura-Video-Instalação de Miguel Telles da Gama e Paulo Cancela d'Abreu.

HOTEL ALFA LISBOA (Av. Columbano Bordalo Pinheiro): até 15 de Janeiro, de segunda a sábado das 16 às 20,30, Pintura de Sérgio Ribeiro.



FRANCISCO VALENÇA

A vida e a obra

Na Galeria Municipal da Amadora, até 28 de Janeiro

HOTEL MERIDIEN LISBOA (R. Castilho, 149): até 22 de Janeiro, diariamente das 9 às 23,30, a exposição de Pintura e Escultura do «GAP - Grupo de Artistas Portugueses».

AAPACO (Ex-Atelier 15-R. Freitas Gazu, 24D): a "Colectiva Fim de Ano", de terça a sexta das 18 às 21, sábados das 15 às 19 horas.

ALFA MIXTA-ESPAÇO D'ARTE (R. Escolas Gerais, 34): até 13 de Janeiro, Pintura de José Mouga.

RATTON-CERÂMICAS (R. Academia das Ciências, 2-C): Exposição de obras de Graça Morais, Jorge Martins, Luisa Correia Pereira, Mafalda Reis Moore e Júlio Pomar.

GALERIA PRÍNCIPE REAL (Pº Príncipe Real, 32 r/C): até 13 de Janeiro, «Paisagens» de Olivero Masi.

GALERIA MIRON (R. do Mirante, 14 r/c): até 10 de Janeiro, de segunda a sábado das 15 às 20 horas, desenhos de Maria Soares

GALERIA MOIRA (R. Nova da Piedade, 33): até 19 de Janeiro, de segunda a sexta das 14 às 19,30 (excepto feriados), escultura em grés de Jorge Mealha.

GALERIA DE SÃO BENTO (R. do Machado, 1 - ao Quelhas): até

16 de Janeiro, uma colectiva de Pintura e Escultura.

SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES (R. Barata Salgueiro, 36): a exposição "Salão Convívio" com obras de artistas sócios da SNBA.

GALERIA S. MAMEDE (R. da Escola Politécnica, 167): até 24 de Janeiro, Pintura e Escultura de Francisco Simões.

CASA DO HUMOR (Museu Raphael Boldallo Pinheiro-Campo Grande, 382): Encontro Luso-Brasileiro de Humor - caricaturas de artistas brasileiros e portugueses.

GALERIA GRAÇA FONSECA (R. da Emenda, 26 c/v): de terça a sábado das 15 às 20, Pintura de Graça Pereira Coutinho.

POLIGRUPO/RENASCENÇA (R. Ivens, 14): a exposição "O Algarve e os Descobrimentos" da autoria de Maria Carolina Alho.

GALERIA DIVERSA (R. dos Sapadores-à Graça- nº 85): até 13 de Janeiro, pintura de Glória Elena e escultura de Silvia Westphalen

LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): a exposição "Suportes e Contentores" de Cristina Ataíde.

trimónio", uma iniciativa da Câmara Municipal e da Associação Cultural de Cascais.

ARCADAS DO PARQUE (Estoril): até 8 de Janeiro, Pintura de Maria Filomena.

GALERIA O PATAMAR (R. da Ferraria, 13-Sintra): até 12 de Janeiro, pintura e escultura de Hélio Xavier, João Mário, Maria Fernanda Amado, Vítor Vieira e Tina Passos.

HOTEL TIVOLI SINTRA: até 12 de Janeiro, uma colectiva com óleos de Artur Bual, Cohen Fusé e Pinheiro de Santa Maria e aguarelas de Paulo Ossião.

PALÁCIO NACIONAL DE QUELUZ: até Junho de 1990, com entrada livre, em exposição uma colecção de Pintura Portuguesa de 1842 a 1979.

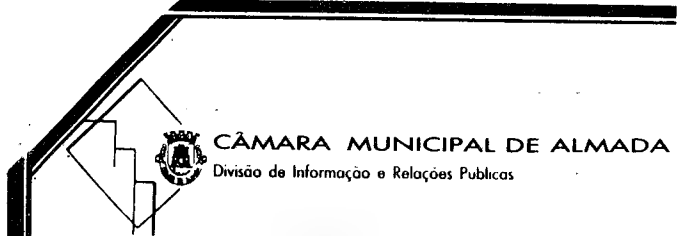
GALERIA DE SANT'AGO (Centro M. Bica, loja 63 - Almada): Pintura de Maria José Camões.

BIBLIOTECA MUNICIPAL DO BARREIRO: até 15 de Janeiro, uma exposição sobre "O Distrito de setúbal e a Leitura Pública".

ARREDORES

GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA: até 28 de Janeiro, a exposição «Francisco Valença - a Vida e a Obra»

CASA MUSEU DE VERDADES FARIA (Av. Saboia-Monte Estoril): "Um Olhar sobre Cascais através do seu pa-



ADMISSÃO DE PESSOAL

A Câmara Municipal de Almada deliberou abrir concurso externo de provimento para as vagas existentes nas seguintes categorias:

- **OPERÁRIO CANALIZADOR** (remuneração base 44 300\$00);
- **OPERÁRIO COMPOSITOR GRÁFICO** (remuneração base 44 300\$00) e
- **OPERÁRIO ENCADERNADOR** (remuneração base 44 300\$00)

FORMALIZAÇÃO DAS CANDIDATURAS

As candidaturas para admissão a concurso deverão ser formalizadas mediante requerimento no qual conste, para além dos requisitos gerais de admissão (nacionalidade portuguesa, escolaridade mínima obrigatória, idade não inferior a 18 anos, bilhete de identidade válido e serviço militar cumprido) a especificação de quaisquer circunstâncias possíveis de influírem na apreciação do mérito ou de constituírem motivo de preferência legal.

— Prazo limite para recepção de candidaturas: 11 de Janeiro de 1990.

— Local de recepção dos requerimentos: Câmara Municipal de Almada, Departamento de Recursos Humanos, Av.ª D. Nuno Álvares Pereira 16-C, 2800 ALMADA.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

5.º JUÍZO CÍVEL

Anúncio

Por este Tribunal, na execução que Sumária que a Exequente: Electro Arco SA com sede na Rua Vice-Almirante Azevedo Coutinho, n.º 4 Venda Nova — 2700 Amadora move à Executada: Discolixas, Máquinas e Ferramentas, Ld.ª com sede na Rua António Aleixo, lote 602 r/c na Branda-Amadora, correem editos de vinte dias, contados da data da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos daquela executada para, no prazo de dez dias posterior aos dos editos, virem à execução deduzir os seus direitos.

Lisboa, 17 de Novembro de 1989

O Juiz de Direito:
Manuel Maria Duarte Soares
Pel'O Escrivão de Direito,
Maria Fernanda A. Miguel Assis
Fuentes

DL 9/1/90 1.ª Pub.

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA

2.ª FEIRA A SÁBADO - 21.30

★ **DOMINGO, 17H** ★ **FOLGA - 4.ª FEIRA**

TEXTO: NATÁLIA CORREIA
ENCENAÇÃO: JOÃO MOTA
MÚSICA: JOSÉ MARIO BRANCO

A PECORA

«AUTO DA PAIXÃO DE SANTA MELÂNIA»

APÓIOS: PUBLICAÇÕES DE BILHETE - FINAC - GABELEIRO CITY - RADIO COMERCIAL - ANTENA 1

PRACA DE ESPANHA T. 726 0818

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE
RTP-1

- 16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
Persil, Decimal a Baleia, O Urso Bolke, Os Amigo de Ovide, As Aventuras de Puchi
18.35 - RUA SÉSAMO
46º episódio: o Poupas vai dar-nos a conhecer o conceito de "grande" e "pequeno". Depois de um espaço dedicado aos carros de lata, a atenção aos mais pequenos irá para o número 10.
19.00 - JOGO DE CARTAS
Concurso
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
20.11 - BOLETIM AGRÁRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
20.15 - VALE TUDO
21.10 - PRIMEIRA PÁGINA

A Europa contra o Cancro: são dez os canais televisivos da Europa comunitária que vão contribuir, hoje, para um programa único sobre a "Europa contra o Cancro", que será difundido em simultâneo nos países participantes. cada uma das dez televisões elaborou sequências sobre alguns dos grandes temas relacionados com o cancro - tabaco, álcool, maus hábitos alimentares, cancro da pele, cânceres femininos e outros - que serão difundidos e comentados em simultâneo. Após cada sequência, será introduzido um "duplex", durante o qual os convidados de cada televisão - onde se inclui a RTP, sob coordenação do jornalista Pedro Luís de Castro - debatem todos os aspectos relacionados com a prevenção e detecção dos diferentes tipos de neoplasias (cancro).

- 23.20 - CRÓNICA DO CRIME
17º episódio: Luca e Kordo encontram-se com os donos dos casinos para discutirem a greve. Ray Luca encontra em Willy Stark um



Amanhã no 2º Canal, às 16.55, o 14º episódio de "Os Campbells"

defensor da ideia de dar cabo dos sindicatos. Pouco depois, Luca e Kordo têm uma reunião com Slim Mahoney, presidente do sindicato, e tentam por todos os meios convencê-lo a pôr fim à greve em troca de uma avultada quantia a ser depositada no fundo de greve do sindicato. Perante a recusa de Mahoney, Paul Taglia é chamado a intervir. Quando Mike Torello janta com Lisa Altman num restaurante, o ambiente tranquilo é de súbito quebrado com uma ameaça de bomba...

00.10 - 24 HORAS
00.25 - REMATE

RTP-2

16.55 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS

7º episódio: Larry, um indivíduo na casa dos trinta anos, gosta de adormecer lendo livros de banda desenhada. De súbito, os

personagens criam vida e os caça fantasmas são chamados ao apartamento de Larry. Ao chegarem, Peter é quase estrangulado por um dos personagens e os caça fantasmas acabam por salvar o mundo de um louco, que pretendia pôr toda a gente a dormir durante 500 anos.

17.20 - UM BILHETE PARA O MUNDO

17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA

14º episódio: Farta da vida miserável que leva, Jandira aceita reatar com Caetano. O plano de Zezé deu certo. Gabriel, o alcoviteiro, pergunta a Henrique qual o verdadeiro motivo da sua vinda para a cidade, pois desconfia do seu ar misterioso. Henrique desvia secamente o assunto.

18.30 - MUSIC BOX

19.30 - CLASSICOS DA TV
«O Homem da Carabina» e «O Homem Invisível»

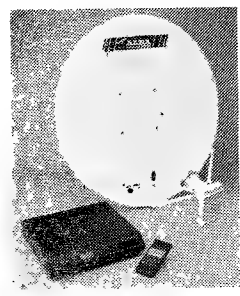
20.15 - CINE MAGAZINE

- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINEMADOIS
«O Menino Selvagem»: um filme de François Truffaut
22.25 - ESPECIAL DESPORTO
Torneio Internacional de Lisboa em Futebol: em diferido, para o apuramento dos 3º e 4º lugares, em diferido, o encontro Benfica-PSV.

ALBA

ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS

INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

- 09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ, COM RUA SÉSAMO
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA DIA A DIA
13.30 - COLT EM ACÇÃO
14.15 - PALAVRAS CRUZADAS
15.15 - ARCO-IRIS AFRICANO
15.45 - PONTO POR PONTO
16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.40 - RUA SÉSAMO
19.05 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
20.11 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.10 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
21.25 - LOTAÇÃO ESGOTADA
«Reds»
00.50 - 24 HORAS
01.05 - REMATE

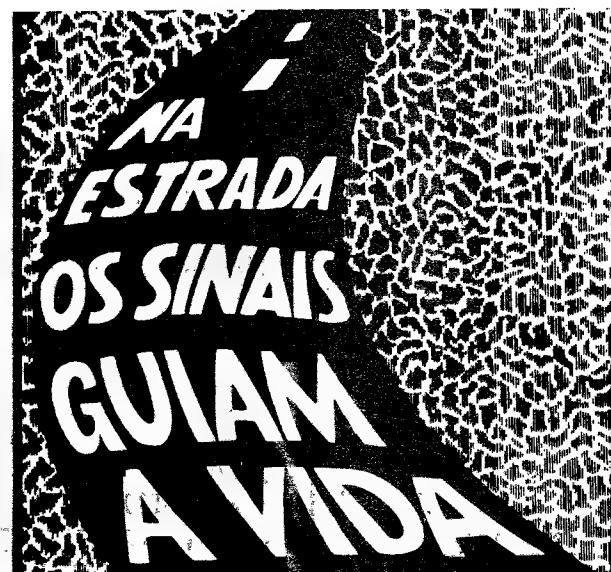
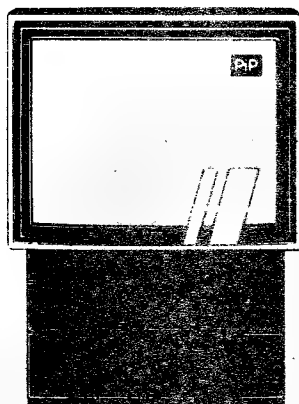
RTP-2

- 15.25 - AGORA, ESCOLHA!
16.55 - OS CAMPBELLS
17.20 - UM BILHETE PARA O MUNDO
17.55 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.30 - O HOMEM NA TERRA
19.25 - CLÁSSICOS DA TV
20.20 - LUSITÁNEA EXPRESSO
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - O JOGO FINAL
1º episódio
22.30 - SÉCULO XX
A Revolução Genética

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...

● **BLAUPUNKT**
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença



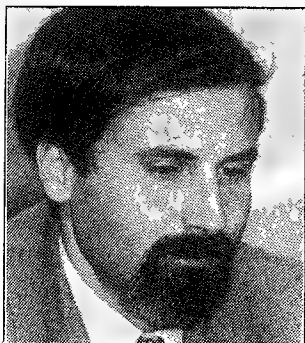


TERÇA-FEIRA, 9 JANEIRO 1990

«Trato o dinheiro com mais respeito do que ele tem tido por mim.»

Raúl Solnado, «Diário de Notícias», 08.01.90

A PERGUNTA DO DIA



Gomes de Pinho
Comissão Política do CDS

Que futuro para o CDS no actual quadro partidário?

«O futuro do CDS depende, em primeiro lugar de si próprio. Como «partido estritamente» do regime democrático, o CDS já demonstrou que, apesar das várias crises que tem atravessado, é um dos quatro partidos de expressão nacional e tem potencialidades para representar um vasto conjunto de forças sociais que melhor vem conciliar o progresso e a modernidade com o respeito pela liberdade e pelos valores fundamentais da sociedade portuguesa.

O CDS tem sido porém, em termos eleitorais, vítima do equívoco de se situar na vizinhança de um partido, o PSD, que sem ideologia precisa, nem projecto coerente, tende a assumir, conjuntamente, alguns desses valores. E porque a vizinhança se traduziu em longos períodos de coligação, mais compreensível é ainda que entre o eleitorado dos dois partidos haja uma grande facilidade de transferência de votos. Estes fenómenos não invalidaram porém a autonomia do CDS, enquanto projecto político, dotado de um programa próprio e de uma estratégia específica. É este projecto que deve ser aprofundado e traduzido em medidas concretas, em muitos casos alternativas às do actual governo. É esta estratégia que deve ser ponderada em função das próximas eleições legislativas e presidenciais, de modo a mobilizar um vasto sector da sociedade portuguesa que cada vez menos se revê na prática política do PSD.

Quarta-feira no

Diário de Lisboa

A crónica de Joaquim Letria

«Portugal: a mudança inadiável» - Suplemento Anos 90

O centenário do Ultimatum

ENTREVISTA

Gonçalo Ribeiro Telles é um apaixonado por Lisboa. Foi ministro da Qualidade de Vida e hoje, quando está prestes a deixar a Câmara «alfacinha», confessa-se preocupado



«Estou pessimista...»

D.L. - Valeu a pena ter sido vereador da Câmara Municipal de Lisboa?

R.T. - Tenho dúvidas.

D.L. - Porquê?

R.T. - Porque de facto não vejo resposta da vereação de que faço parte em relação aos problemas de Lisboa.

D.L. - Quer dizer que os problemas de Lisboa não se resolveram?

R.T. - Não se resolveram e continuam a não se pretender resolver.

D.L. - Porquê?

R.T. - Olhe, por exemplo, o problema do Hilton. A vereação mudou de opinião em oito dias...

D.L. - Porque é que isso acontece?

R.T. - Porque, de facto, não se tem a consciência da gravidade dos problemas de Lisboa nem das suas interligações. Continua a ver-se a cidade de Lisboa sectorialmente. É o problema dos pavimentos, é o problema da habitação, é o problema dos espaços verdes, o problema da circulação, dos transportes. E não se vê a cidade de Lisboa de forma global, como eu sempre pretendi.

D.L. - Então porque é que não se candidatou a presidente da Câmara de Lisboa?

R.T. - Primeiro porque não conseguiria ser presidente, de acordo com as sondagens. Julgo que me davam uns 12 por cento, o que não dava para ser presidente. Mas não me interessava ser presidente, interessava-me era fazer valer o «programa alfacinha».

D.L. - E que é feito dele?

R.T. - O programa foi apoiado pelo Marcelo Rebelo de Sousa, não foi apoiado pela chamada lista de esquerda. Uma das questões era uma nova concepção do alto do Parque do Eduardo VII. E agora, não só o CDS e o PSD - que voltaram as costas ao seu candidato, mas isso é natural porque o candidato perdeu - também ao PS se juntou o PCP. Isto numa distância de oito dias...

D.L. - Quer dizer que está pessimista...

R.T. - Estou bastante pessimista e aquelas preocupações que eu tinha aumentaram.

D.L. - Houve algum projecto que conseguiu fazer vingar?

R.T. - Consegui algumas propostas, como a

do parque periférico de Lisboa, que é aquela zona que vai entre a Quinta da Granja e a Ameixoeira. O projecto foi aprovado, mas nunca foi concretizado. E não é agora que eu tenho esperanças que com um único vereador do PPM na Câmara que seja possível levar avante essa estrutura! Pretendi sempre também uma defesa da Lisboa histórica, que vai desde Belém ao Poço do Bispo, que é um todo, apesar da sua diversidade. Propus um regulamento para essa zona, como para outras zonas da cidade, mas foi derrotado pelo PS, pelo PSD e pelo CDS, não pelo PCP...

D.L. - Temos agora um novo ministério, o do Ambiente e Recursos Naturais. Está optimista?

R.T. - Não estou. Porque não percebo como é que um ministro do Ambiente aceita um lugar que, segundo julgo, vai representar no Conselho de Ministros a Secretaria de Estado do Ambiente. A política de ambiente tem que ser sempre uma política de fiscalização dos outros ministérios. Hoje a parte de elaboração de leis está já realizada. Terminou com a Lei de Bases do Ambiente. Portanto, hoje o que se justificaria seria um ministério com uma função de fiscalização e de coordenação de tudo o que se faz no território dos outros ministérios, uma função de contrapoder...

D.L. - Mas pode haver contrapoder no poder?

R.T. - Deve haver. O próprio poder deve exigir ser fiscalizado dentro do próprio poder. E isto por estarmos numa época de transformação. E então agora quando eu vejo o ordenamento do território mais separado ainda da política de ambiente, não posso ser optimista...

D.L. - Que vai fazer agora?

R.T. - Vou fazer o mesmo que fiz até agora.

D.L. - Vai continuar a dar aulas...

R.T. - A dar aulas e a dar a minha opinião quando me perguntarem coisas...

D.L. - Vai continuar a falar de Lisboa?

R.T. - De Lisboa e do resto do País. Talvez agora até vá dedicar-me mais a falar do resto do País... Mas também de Lisboa...

A.J.T.



Paris-Dakar

Então, que se passa? Os machistas, os marialvas e outros castigadores do sexo feminino entraram em ofensiva e semeiam o terror? E Natália Correia fica calada? Helena Roseta não diz uma palavrinha? Onde está Maria Teresa Horta?

Vejamos: só na semana passada foram saneadas, congeladas, postas na prateleira, enviadas para casa, quase uma meia dúzia das fortes do sexo fraco, a saber, as ministras e ministráveis, Beleza e Teresa, mais Zita Seabra e Rosa Mota, a quem impediram de correr a maratona de Barcelona e de admirar pelo caminho o Gaudi.

Será isto uma campanha conjunta de Cavaco e Álvaro Cunhal com um desvio pela Federação de Atletismo?

Será apenas a influência da lua, o satélite feminino que rege o destino das nossas companheiras? Nenhuma luz esclarece o sucedido.

Espero para ver se a razia antifeminista continua.

E se continuar, então levanto eu a voz, e vou andar com um abaixo-assinado por entre os estudantes de ambos os sexos, entre os actores, livres de preconceitos, convocarei uma «manif» na Baixa, bem sei que a Baixa não é a Praça Venceslau, mas, quando cheia, não é nada vazia.

Que acabem as discriminações das mulheres felizmente inquietantes, que cessem os pogromes contra as emancipadas incómodas, que lhes restituam os devidos lugares, a honra ocultada, que lhes ponham as efígies nos selos de 29 escudos.

Sanear, por agora, só homens.

Tenho dito.

Tenho dito, mas não tudo ainda. Pois não acredito que as lesadas se fiquem com as mãos a abanar: ou organizam elas próprias a vendetta, ou se inscrevem no próximo Paris-Dakar, senão serão condenadas ao silêncio antigo, ao fado castiço, a fadas do lar.

Falo a sério, embora possa não parecer. Cuidado, Diana Andringa.

Jorge Listopad

(*) Álvaro Cunhal não julga com certeza que INES seja mais um nome de rosa, feminino.

VAI

ACONTECER

UNESCO organiza conferências

Até Abril a Comissão Nacional da Unesco vai levar a cabo um ciclo de conferências intituladas «Ciência e Tecnologia para o Progresso». O ciclo tem início no próximo dia 17, na Fundação Gulbenkian, com uma conferência sobre «As Ciências da Terra ao serviço do desenvolvimento». Joel de Rosnay, Gérard Fourez e António Ribeiro são alguns dos oradores previstos no programa.

A.M.A.

Auto Monumental do Acuro

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO DE ECONOMIA

Diário de Lisboa

Engenharia tem de atender ao impacto ambiental

João Levy, do IST, afirma que a vertente municipal do ensino se tornou fundamental para a formação dos engenheiros

A poluição vai continuar a ser um dos piores males deste século. Empresas e autarquias preparam-se para enfrentar essa praga. Para isso, são necessários engenheiros especializados em ambiente que saibam, por exemplo, como se mantém e explora uma ETAR, Estação de Tratamento de Águas Residuais e como se protegem os moradores que habitam perto de um matadouro, de uma lagar ou de uma fábrica.

João Levy, professor de Investigação Operacional e coordenador do departamento de Engenharia Municipal e Ambiente do Instituto Superior Técnico, em declarações ao DL, afirma: «Não é possível fazer hoje engenharia desligada do impacto ambiental,

por isso a vertente municipal do ensino, neste sector, tornou-se uma das apostas importantes da formação profissional dos engenheiros».

O que se passa, muitas vezes, é que as estações de tratamento, que são obrigatórias para a abertura das fábricas, são de imediato abandonadas, por razões de custos, de desleixo e de ignorância. Fabricar as ETAR acaba por ser o mais fácil, pois Portugal possui bons técnicos e tecnologia apropriada.

Mantê-las em funcionamento é que se torna mais difícil. Espera-se que o Princípio Poluidor Pagador, ainda não estabelecido oficialmente, penalize com firmeza aqueles que poluem, podendo evitá-lo.



João Levy: «Espera-se que o Princípio Poluidor Pagador seja firme em Portugal»



Há três anos que é assim. Até quando?

Irresponsabilidade inunda Algarve

Há que actuar de imediato e com firmeza para se evitar a repetitiva história das inundações que desgastam vontades privadas e devoram milhões dos dinheiros públicos

É quase generalizada no Algarve a opinião de que irresponsabilidades várias, a nível individual, empresarial, autárquico e estatal, estão na origem dos devastadores efeitos das fortes chuvas que caíram naquela região em Dezembro.

Foram poucas e esparsas as referências noticiosas às intempéries que por várias vezes ocorreram no Algarve, ao longo mês de Dezembro. A dimensão dos prejuízos, que ultrapassaram em muito a destruição da secular ponte romana de Tavira, e sobretudo as suas causas, mereciam mais, muito mais.

Não será, porém, a ausência de referências substanciais na Comunicação Social que encobrirão a dimensão e a gravidade das destruições verificadas, nem o que as provocou: uma inacreditável acumulação ao longo dos anos de «asneiras crassas», na expressão de David Asoreira, presidente da Comissão de Coordenação Regional, de que resultou uma irracional ocupação dos solos.

Para averiguar da verdadeira extensão dos estragos, a Comissão Parlamentar de

Agricultura e Pescas deslocou-se aos concelhos de Faro, Olhão e Tavira, nas passadas quinta e sexta-feira.

O «DL», que a acompanhou, teve, então, oportunidade de ouvir vários responsáveis regionais, bem como diversos agricultores afectados sobre as causas e os efeitos das inundações.

Comum a todos foi a preocupação de iniciar uma reflexão «séria e profunda» para evitar e corrigir os erros detectados.

Para já, está adquirida a perda das colheitas desta campanha, com o inevitável reflexo na inflação - sabe-se o peso do Algarve na produção de citrinos e nos hortofrutícolas - e a inutilização dos terrenos para os próximos meses. Mais tarde, apurar-se-á o real valor dos prejuízos.

Nem tudo é mau, contudo. Lino Afonso, subdirector da Direcção Regional de Agricultura, afirma que «há planos e muito dinheiro para a agricultura». Mas faltam muitas outras coisas.

Centrais

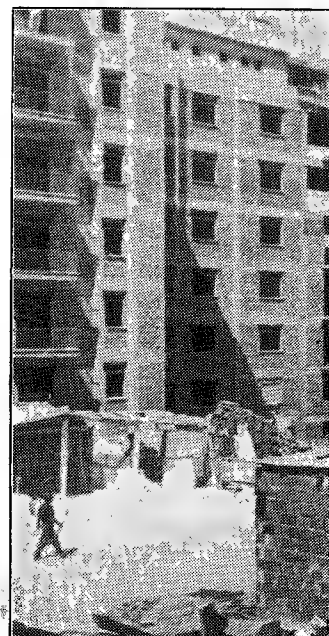
Habitação de mal a pior

Diminuíram os pedidos de crédito para comprar casa, o que significa que se agrava o problema da habitação em Portugal. Trata-se de uma situação que só se viveu antes de 1983 e pela qual o actual Governo é responsabilizado pela Associação de Empresas de Construção e Obras Públicas do Sul.

Esta organização empresarial acusa o Governo de «falta de atenção» no domínio do crédito, tanto por não ter actualizado os parâmetros de acesso aos empréstimos, como por não diversificar as modalidades de crédito.

Em 1989 verificou-se uma quebra nos pedidos de crédito para habitação na ordem dos 31,9 por cento, o que não só prejudica os cidadãos à procura de casa digna onde morar, mas também a indústria de construção e sectores económicos situados a montante dela, como sejam os dos cimentos, barro e cerâmica, aço e dos materiais eléctricos.

A situação só não é mais grave porque houve um forte crescimento das obras públicas, área onde, contudo, o Governo está a mostrar-se mau pagador das empreitadas, voltando-se a verificar uma situação que já se julgava afastada do panorama do sector.



Habitação
tem menos crédito

«Just in Time» é factor de competitividade

Muita gente já leu ou ouviu falar no «Just in Time», mas poucos sabem do que se trata. Rui Assis, engenheiro e professor na Universidade Nova é o introdutor desta filosofia em Portugal. O DL ouviu-

o: «O principal objectivo desta filosofia, que se poderá traduzir por Produção na Hora, é o de comprar e produzir apenas quando houver necessidade, satisfazendo sempre o cliente e encurtando os ciclos de

fabricação».

Acaba-se a era dos desperdícios, terminam os stocks, reduzem-se os custos e aumenta a competitividade. Uma empresa moderna, para vencer no complexo tecido

industrial da comunidade e do mundo, não pode continuar a ser a firma de «um patrão», com os seus vícios e estrutura envelhecida, mas de uma equipa qualificada de gestão. O factor humano, através do

«Just in Time», fica, por sua vez, dignificado. É esta, também, uma aposta da Norma nas acções de formação que vai levar a cabo a partir do próximo mês.

Pág. 7

ECONOMIA

Têxteis e confecções mostram-se na Portex

Sector preocupado com concorrência de novos produtores

Numa altura em que a instabilidade na China é positiva para o sector têxtil português, a Exponor, em Matosinhos, tem patente, até amanhã, a «Portex Outono/Inverno», onde 200 expositores mostram que há de mais recente no sector.

Organizada pelo Gabinete Portex, com o apoio do ICEP -- Instituto do Comércio Externo Português, esta mostra foi inaugurada no domingo pelo ministro da Indústria e Energia, Mira Amaral, estando previsto para amanhã um encontro entre agentes do sector, com a presença do secretário de Estado do Emprego.

Segundo afirmou o presidente do Gabinete Portex, Alexandre Pinheiro, esta feira visa cada vez mais a inter-

nacionalização. Foi totalmente ocupada a área de exposições das instalações da Associação Industrial Portuense com a mostra das potencialidades portuguesas, havendo manifestações complementares, entre elas um salão de empresas e marcas especializadas em moda de roupa íntima.

Espectáculos de moda, participação de jovens estilistas, atribuição de diversos prémios, troca de informação e uma exposição de fotografia são algumas das actividades paralelas ao certame.

Alternativa portuguesa

Alexandre Pinheiro disse recentemente que os acontecimentos em Pequim beneficiaram a indústria têxtil portuguesa, a ponto de contribuir para o aumento das

exportações, já que «a maior parte dos importadores internacionais teve de transferir as suas compras para a Europa, nomeadamente Portugal».

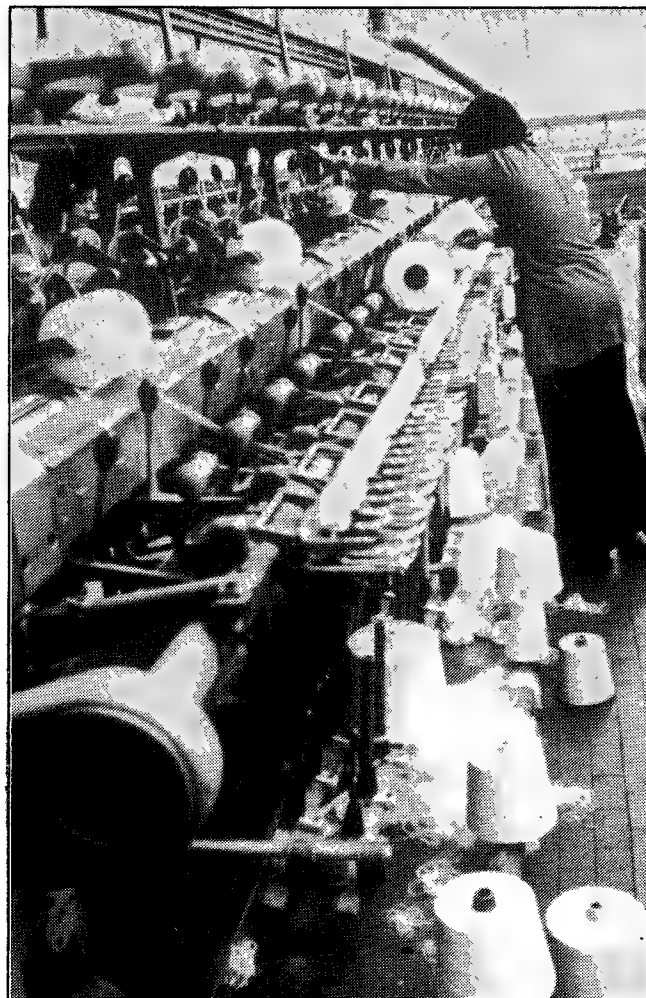
A situação, contudo, é conjuntural, segundo considerava o presidente do Gabinete Portex, pois que, «após a estabilização na China e a da abertura económica da CEE aos países de Leste, vai faltar trabalho às empresas têxteis portuguesas».

Na sua opinião é cada vez mais urgente dotar o sector de apoios que possibilitem a reorganização e modernização. Alexandre Pinheiro disse também que, em 1989, as preocupações dos industriais foram apenas atenuadas.

O presidente do gabinete Portex, que também é presidente da Associação Nacional das Indústrias de

Vestuário e Confecção (ANIVEC), acrescentou que as preocupações que o sector tem sentido foram atenuadas pela intransigência da posição portuguesa relativamente à abertura da Comunidade aos têxteis mundiais, entre eles os dos países do Extremo Oriente e do Norte de África.

O sector têxtil, que enfrenta de há anos uma situação grave, tem estado a ser debatido pelos diversos parceiros, que são unânimes na necessidade de Portugal aparecer como um «lobby» nas negociações internacionais, para além de defenderem a urgência da reconversão, modernização, procura de alternativas e maior agressividade empresarial, para fazerem frente aos desafios que se avizinham.



Portex com olhos na internacionalização

Recuperação de empresas mais rápida e fácil

Foi simplificado o processo especial de recuperação de empresas em situação económica difícil em resultado de alterações introduzidas na legislação por iniciativa do Ministério da Justiça.

Datada de 1986, o decreto-lei sobre esta matéria tem na sua nova versão disposições que tornam mais clara a actuação dos credores públicos no processo de recuperação das empresas.

Por outro lado, clarifica quais as empresas que podem recorrer ao processo especial de recuperação judicial, determinando que nesta situação só se encontram as que possam ser consideradas economicamente viáveis, remetendo todas as outras para os mecanismos da falência.

Também quanto a terceiros que venham a conceder novos créditos à empresa passam a ser concedidas garantias especiais, o que poderá proporcionar uma mais fácil recuperação. Estes créditos passam a deixar de estar sujeitos a qualquer percentagem para garantia do cumprimento de obrigações perante a Segurança Social.

Finalmente, logo que o despacho de prosseguimento da acção de recuperação seja proferido pelo tribunal, é suspensa a contagem de juros dos débitos de qualquer natureza.

Facilidades da Cosec para exportadores

A Cosec -- Companhia de Seguros de Créditos dinamiza a sua acção, para o que assinou um protocolo com bancos de duas dezenas de países portugueses e estrangeiros, ao abrigo do qual compromete-se a oferecer melhores condições se o exportador que faça apólice de seguro de créditos ceda à instituição o direito à indemnização, caso haja um sinistro. Esta iniciativa visa os empresários que trabalham com mercados externos e que estão conscientes da gravidade dos riscos que correm para receberem os valores dos créditos que concedem, no âmbito da comercialização das mercadorias. A exportação é uma actividade que comporta mais riscos para a recuperação de créditos que

os das transacções feitas no mercado interno e, em regra, não é possível os empresários deixarem de conceder crédito, uma vez que as facilidades são decisivas na concorrência internacional do comércio.

Em situações normais a seguradora de crédito assume entre os 85 e os 90 por cento do risco de crédito, conforme o país de destino da exportação, e cobra entre os 0,4 e os 0,6 por cento sobre as vendas cobertas pelo seguro, com taxas estabelecidas caso a caso.

Este seguro é também um auxiliar de gestão que apoia as empresas na selecção permanente da clientela e propõe limites de crédito mais aconselháveis, em função da respectiva situação económica e financeira.

Energia: Portugal na cauda da CEE

Portugal continua a ser, dos países comunitários, o que regista o mais baixo consumo de energia primária por habitante, apesar de ter passado dos 6,274 milhões de TEP -- toneladas equivalentes de petróleo, em 1971, para os 13,927 milhões em 1988. Contas feitas, o consumo de energia final, em 1987, foi de 1,181 TEP por habitante, pouco mais que um terço da média dos Doze.

Dados oficiais dizem que o consumo de energia primária, em 1988, foi superior em 7 por cento à do ano antecedente, tendo os cálculos sido feitos na base da equivalência de um gigawatt/hora igual a 86 TEP para a conversão da energia eléctrica em equivalente de petróleo.

O consumo «per capita» nacional não só é o mais baixo, como está longe do do penúltimo país comunitário, a Grécia, que consumiu mais 54 por cento que Portugal. Luxemburgo, com 8,264 TEP, tem o consumo mais elevado da Comunidade e é sete vezes superior ao português.

Dados comunitários, citados pela Lusa, referem que o consumo de energia primária aumentou, em Portugal, 14,1 por cento no primeiro semestre do ano passado, em comparação com igual período de 1988.

Outro elemento divulgado é o de que Portugal também detém o último lugar no consumo industrial (0,294 TEP, contra 0,671 de média comunitária) e nos transportes (0,311 TEP, para a média comunitária de 0,616).

Dependências

Portugal é o país, na CEE, mais dependente do petróleo, que em 1987 representou 77,5 por cento do consumo total de energia primária, sendo igualmente o único país da CEE que não utiliza o gás natural. Este atinge os 18,2 por cento na média comunitária e representa 44,9 por cento do consumo de energia primária na Holanda.

Em 1988 a produção nacional de energia primária foi de 2,381 TEP, enquanto

que a importada foi de 11,546 milhões, o que traduz uma taxa de dependência externa de 82,9 por cento, quando no ano anterior fora de 84,2 por cento.

Ainda quanto a importações, os 9,377 milhões de TEP em petróleo foram o principal responsável pelo défice da factura energética nacional, enquanto o carvão importado representou 1,963 milhões de TEP (mais 9,1 por cento que em 1987) e o saldo das trocas de electricidade foi negativo em 206 mil TEP, o que é uma melhoria em relação ao défice de 260 mil de 1987.

Segundo dados da CEE, Portugal teve, no primeiro semestre do ano passado, um aumento de consumo de 52,7 por cento na hulha e de 21 por cento no petróleo, com uma diminuição de 61,9 por cento na produção de hidroelectricidade.

Em termos comparativos, os dados mostram que, em 1988, a hidroelectricidade representou 1,058 milhões de TEP na energia primária de

produção nacional (mais 33,9 por cento que no ano anterior), as lenhas e resíduos 1,204 milhões de TEP (mais 2,6 por cento) e o carvão 119 mil TEP (mais 33,7 por cento).

Recursos

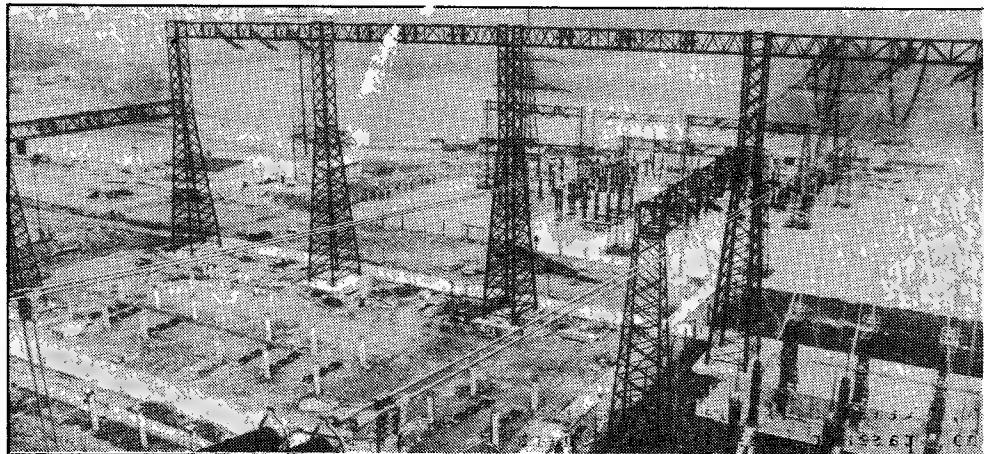
O balanço do ano passado de energia primária mostra um aumento da utilização de recursos nacionais, resultante de um ano hidrológico acima da média, com um aumento de 34 por cento na produção hídrica, com o carvão a continuar a substituir o petróleo na produção de electricidade.

Por tal motivo houve um acentuado aumento do recurso ao carvão, nacional e importado, nas centrais térmicas e uma diminuição do consumo de fuelóleo para a produção de energia eléctrica.

O mais recente relatório da Agência Internacional de Energia (AIE) sobre Portugal diz que o novo Plano Energético Nacional não repete os esforços quantitativos dos planos de 1982 e 1984 nem visa listar os objectivos do Governo, apontando mesmo a inter-relação da política energética com outras políticas governamentais.

O documento refere também que a política de fixação dos preços de energia é considerada como um dos principais instrumentos para se conseguir um sistema energético eficiente.

A diferença entre o consumo de energia primária e energia final é causada por 2,291 milhões de TEP de perdas e consumos próprios e por 1,959 milhões de utilizações não energéticas do petróleo.



Cada vez menor peso da hidroelectricidade em Portugal

ECONOMIA

Habitação: restrições ao crédito lesam empresas e cidadãos

Associação do sector revela uma quebra de 30 por cento nos pedidos de compra de casa em 1989 e acusa o Governo de falta de atenção no domínio dos empréstimos

Falta de atenção governamental no domínio do crédito à habitação estará na origem da queda de 30 por cento no número de pedidos para compra de casa nos primeiros onze meses de 1989. Esta é a opinião expressa ao DL por Tomás Gomes, director geral da AECOPS (Associação de Empresas de Construção e Obras Públicas do Sul).

Face à situação que se vive neste sector, que tanto lesa construtores como os cidadãos à procura de casa, Tomás Gomes advoga "uma maior diversificação do acesso ao crédito", apontando, entre os regimes possíveis, o do crédito hipotecário, que não existe em Portugal.

Segundo afirma o director-geral da referida associação, para a situação contribui em grande parte o desfazamento entre as alterações dos parâmetros de acesso ao crédito, desde a sua definição em 1987, e as alterações paralelas verificadas nos preços, além das limitações decorrentes das restrições ao crédito impostas

pelo Governo e que atingem tanto os agentes económicos como os cidadãos.

Deste modo, segundo os dados da AECOPS, torna-se lógico que em 1989 o número de pedidos de crédito para habitação se situem apenas em cerca de 31 mil, contra 45.500 em 1988 (uma quebra de 31,9 por cento). Também os contratos assinados desceram de 39.556 em 1988 para 34.544 no ano passado (menos 12,7 por cento).

A mesma situação explica porque é que os pedidos de licença para construção apresentam uma quebra de oito por cento nos primeiros nove meses do ano passado, em relação ao período homólogo de 1988.

"Com a permanência de fortes restrições na venda de habitação, o mercado imobiliário assenta no sector não residencial o relativo dinamismo que atravessa", diz a AECOPS.

Mas também afectados por todo este problema são os sectores económicos a montante da construção civil, como sejam as indústrias do cimento, do aço, do barro,



"Há que diversificar o acesso ao crédito", afirma dirigente associativo

de materiais eléctricos, entre outras. A AECOPS assinala mesmo uma "nítida desaceleração" no consumo de cimento e de aço, com uma quebra de 1,6 por cento neste último e apenas um aumento de 4,9 por cento no primeiro. E isto apesar da boa situação que se vive no sector das obras públicas.

De referir que, durante três

dias consecutivos, o DL tentou, infelizmente sem êxito, obter um comentário de um responsável do Ministério das Obras Públicas e Habitação às questões apresentadas pela ACOPS.

Obras públicas aceleram

Já quanto às obras públicas, a AECOPS considera que

se verifica "um crescimento espectacular em termos de concursos abertos". No entanto, considera que há problemas nesta área, entre os quais avulta o dos atrasos de pagamentos, que voltaram a ressurgir.

Esta associação aponta ainda como problema do sector o "excessivo grau de concorrência verificado nos

concursos, assim como a tendência para a fixação das bases de licitação em valores demasiado baixos".

No final de 1989, a diferença entre as verbas de adjudicação e as bases de licitação registaram um valor positivo na ordem dos dois por cento, o qual a AECOPS considera "demasiado reduzido para o que seria de esperar num mercado em expansão".

Os concursos abertos durante o ano passado atingiram os 208 milhões de contos, dos quais 33 por cento destinam-se a vias de comunicação, 30 por cento a edifícios não residenciais e 14 por cento a obras de urbanização. Em valor houve um aumento global de 44,1 por cento relativamente a 1988 e em número de 8,4 por cento.

Mas já quanto aos concursos adjudicados verificou-se uma diminuição de 2,5 por cento no seu valor global, embora o seu número tenha aumentado 35,2 por cento relativamente a 1988.

Acontecimentos no Leste impressionam empresários

As mudanças que se estão a operar a Leste são o facto mais marcante e o traço comum que mais impressionou os empresários portugueses na área político-económica no virar para a última década do século XX. A nível nacional, embora as opiniões sejam divergentes, dois aspectos aparecem com maior peso: o início do processo de privatizações e as altas taxas de juro.

De acordo com Alexandre Alves, presidente do grupo Fnac, "a liderança do presidente Mikail Gorbachev" foi o facto mais marcante de 1989. Como factor positivo, este empresário evoca a "mudança de mentalidades para o desenvolvimento dos povos". Negativa foi, para ele, "a continuação da guerra, especialmente em África".

A nível internacional, 1989 "correspondeu e ultrapassou as expectativas, mas a nível nacional houve demasiado intervencionismo administrativo", afirma Alexandre Alves.

Quanto à Fnac e sobre as perspectivas para 1990, Alexandre Alves referiu o lançamento da cadeia de hipermercados (projecto para cinco anos) e o desenvolvimento da área imobiliária.

Belmiro de Azevedo

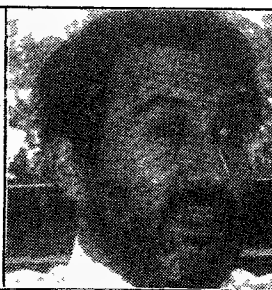
Por seu turno, Belmiro de Azevedo, "patrão" do grupo Sonae, aposta no

futuro a médio e a longo prazos, melhorando a curto prazo a estrutura organizacional e introduzindo inovação tecnológica e ganhos de produtividade nas operações.

"Transformar o maior grupo privado de



Belmiro de Azevedo: internacionalizar, Alexandre Alves: investir e António Celeste: privatizar



capitais maioritariamente portuguesas na primeira empresa internacional", é o principal objectivo de Belmiro de Azevedo, que quer actuar nas principais praças financeiras e estar presente em mercados de vários continentes.

Armando Rocha, secretário-geral do grupo Sonae, mostra-se, por seu turno, impressionado com o desmoronar, em 1989, dos sistemas económicos do Leste.

Para ele o factor mais positivo no ano que acabou foi o início do processo das privatizações e o mais negativo a fome no mundo.

António Celeste

O presidente da Portucel, António Celeste, também refere a viragem nos países do Leste e as consequentes

repercussões futuras na CEE) como o factor mais marcante de 1989. Considerou como aspecto mais positivo do ano passado o crescimento económico dos países mais desenvolvidos. Como factor negativo aponta as taxas de juro praticadas em Portugal.

Para a Portucel, o ano de 1989 foi bom. A empresa facturou 77 milhões de contos, exportando 67 por cento da sua produção (pastas, papeis e embalagens) e alcançando um resultado líquido na ordem dos seis milhões de contos.

António Celeste espera para 1990 "um crescimento harmonioso e programado da Portucel", em resultado da sua passagem a sociedade anónima e da sua previsível privatização parcial.

Um futuro que não é de todo "rissonho" em virtude da quebra do dólar face às principais moedas europeias e do abrandamento do crescimento da economia dos Estados Unidos que, possivelmente, irá aumentar os excedentes de pastas e papéis. Esta situação, diz António Celeste, "obrigará a um esforço maior e a possíveis baixas de preços, com as consequentes reduções nas margens operacionais da empresa". No entanto, estima que as vendas neste ano atinjam 92 milhões de contos.

Maria do Carmo Telxela / Lusa

B R E V E S

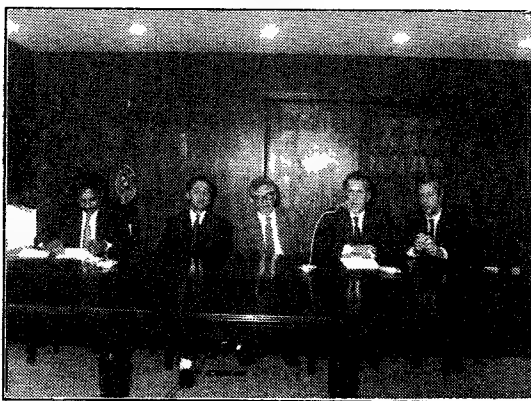
Socorro e assistência a pessoas e bens

O Banco Fonsecas & Burnay e a seguradora UAP (L'Union des Assurances de Paris) constituíram a Assistência Internacional, SA, sociedade que tem por objectivo a prestação de serviços de socorro e assistência a pessoas e bens, em Portugal e no estrangeiro. A nova empresa conta ainda como sócios a UAP Assistance, a companhia de seguros Garantia e Celso Cardoso Amaral. Tem um capital social de 30 mil contos. Surge, dizem os seus responsáveis, "no seguimento de uma dinâmica de diversificação de serviços" que os dois accionistas maioritários têm desenvolvido no sentido de "darem respostas às necessidades do mercado".

Calçado em foco

O calçado português vai estar em foco, a partir do próximo dia 18 de Janeiro, na Exponor, em Matosinhos. Ali irá decorrer a Mocap 24, promovida pela associação dos industriais de um sector que, nos primeiros oito meses do ano passado, exportou mais de 46,5 milhões de contos.

Os desafios que se deparam a esta indústria são grandes, pelo que cerca de uma centena de empresários esteve reunida na sede da APICCAPS - Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado, Componentes, Artigos de Pele e Sucedâneos, a convite do Gabinete do PEDIP, numa acção que teve por objectivo a sensibilização para a necessária modernização.



O Estado pode preparar já a próxima declaração de estado de calamidade pública se não forem postas em prática medidas efectivas

Irresponsabilidade inunda Algarve

Irresponsabilidades várias e um aparelho de Estado desarticulado e amorfo ampliaram os efeitos das precipitações pluviométricas no Algarve, que este ano atingiram dimensões particu-

larmente anormais e que levaram o Governador Civil, Cabrita Neto, a solicitar, pela primeira vez no seu mandato, a declaração governamental do estado de calamidade pública. Situações humanas

dramáticas e prejuízos materiais de muitos milhões de contos é o resultado.

A situação é de tal ordem que a afirmação «isto é assunto de Estado» colheu a unanimidade entre os diversos participantes na visita que a Comissão Parlamentar de Agricultura e Pescas realizou aos concelhos de Faro, Olhão e Tavira na passada semana e que o "DL" acompanhou.

Como alguém declarou, «sem medidas efectivas, o Estado bem pode preparar já a próxima declaração do estado de calamidade pública e reservar mais dinheiro para os próximos auxílios de emergência».

De resto, antes das inundações de 3 de Dezembro (que, aliás, se repetiram nos dias seguintes), vários agricultores, receosos da aproximação das chuvas e com a lembrança do sucedido em Maio do ano passado e Novembro de 1988, convidaram os vários candidatos à Câmara de Faro para um debate. A ausência da tomada de medidas preventivas no passado era o mote. Nem de propósito.

Prejuízos

A destruição da produção e infraestruturas agrícolas, de estradas e pontes, de barcos de pesca e de recreio, de infraestruturas marítimas, de instalações industriais e comerciais, está presente em

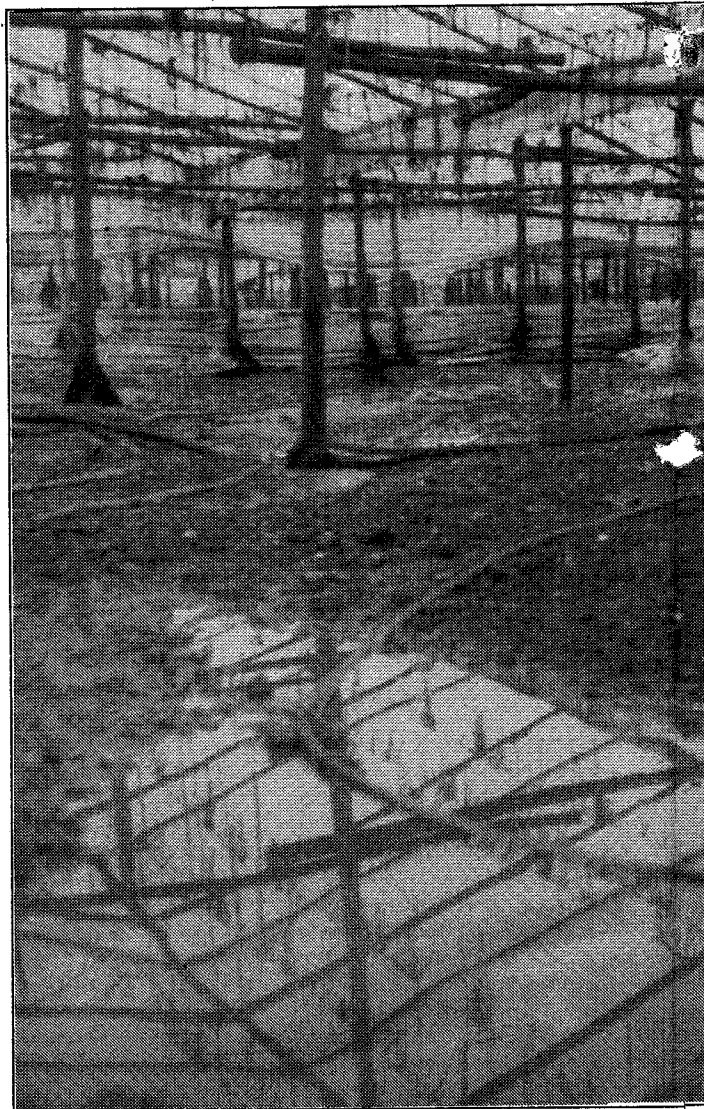
tudo o lado, de Aljezur a Alcoutim.

Só a agricultura tem um prejuízo estimado superior a cinco milhões de contos, se bem que só na Primavera ou mesmo no Verão seja possível uma quantificação objectiva, que poderá ultrapassar aquele valor. Nas campinas de Faro, onde estão 60 a 70 por cento dos mil hectares de estufa algarvios a destruição foi quase total.

Rogério de Brito, presidente da Comissão Parlamentar, afirmou ao "DL" que «a situação socio-económica e a destruição do aparelho produtivo são dramáticas. As consequências, além das imediatas, são também a médio prazo, porque algumas explorações agrícolas estão comprometidas para os próximos anos. Tem de se olhar para isto muito rapidamente».

No mesmo sentido vão as declarações de Francisco Gonçalves e Sabino Silvestre, respectivamente presidente e director da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Faro, segundo as quais «a cultura de estufas é fácil de repor, só que, agora, os viveiristas não têm plantas disponíveis, porque também foram afectados. Os citrinos - há muitas árvores que vão morrer por asfixia radicular - levam seis, sete anos a iniciar a produção, que só estabiliza ao fim de 14, 15 anos».

Fonte de preocupação



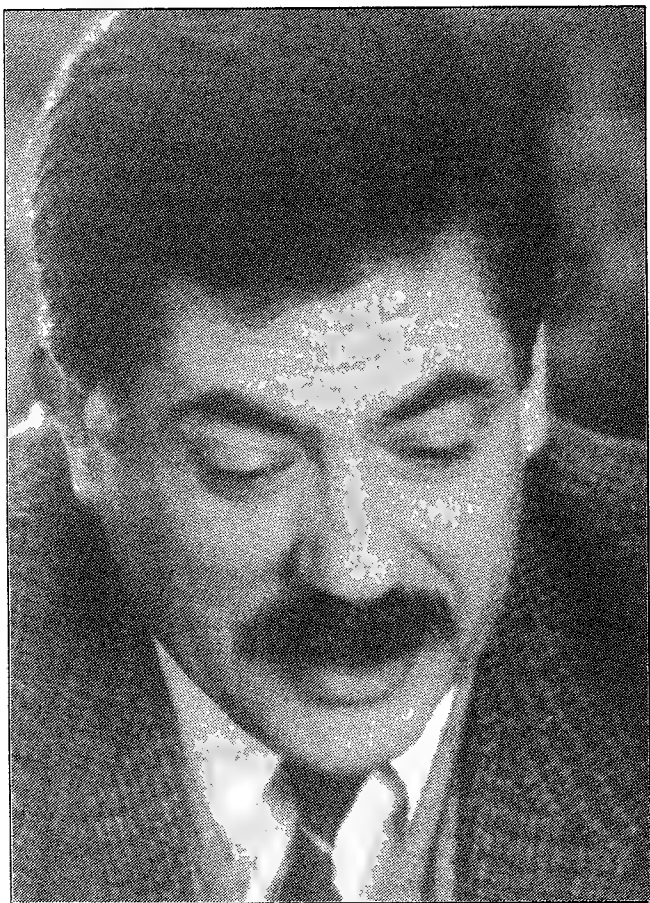
particular para estes dirigentes da CCAMF é a recuperação dos empréstimos concedidos, cujo montante rondará os dez milhões de contos. Segundo nos revelaram, «já estamos a estudar refinanciamentos junto da Caixa Central». Pela análise que fazem, «os 200 mil contos a fundo perdido nem dão para aquecer».

O facto de um hectare de estufas exigir cerca de dez mil contos para a sua montagem e de a maioria daqueles empréstimos ter tido as estufas por destino, levou-os a considerar que «apesar de só se poder avaliar a real extensão dos prejuízos daqui por uns

meses, podemos desde já dizer que a situação é séria e preocupante».

Asnelras crassas

Desrespeito da lei, inexistência de políticas, de coordenação, de legislação, de fiscalização e solucionamentos "expeditos" de problemas da sociedade urbana (como o depósito de lixo ou a construção de estradas), agravados pela concentração característica do litoral algarvio, originaram a ocupação indevida dos solos, que provocou a impermeabilização destes e a obstrução das linhas de água.



Rogério de Brito: «Temos de olhar urgentemente para esta situação»

Agricultura: há dinheiro e planos m

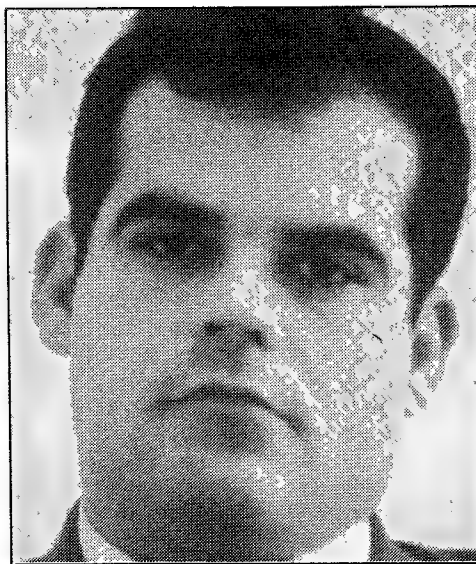
Falar da agricultura algarvia é falar de algo onde há um grande trabalho para fazer, como reconhece Lino Afonso, subdirector da Direcção Regional da Agricultura do Algarve, em declarações ao "DL".

A imensidão da tarefa tem a ver, não só com os muitos pontos de estrangulamento da agricultura, como com a concorrência do turismo, que disputa os poucos SOLOS CAPAZES, e a heterogeneidade do terreno, que reduz a potencial área agrícola.

Lino Afonso, contudo, está confiante: há dinheiro (nunca tivemos tanto dinheiro como agora) e há planos (de irrigação, de ordenamento e de zonamento de produtos)... Isto leva-o a dizer que temos uma grande responsabilidade.

Para este responsável, o Algarve é uma região de assimetrias que se reflectem na pluralidade de tipos de agricultura praticada. Assim, existe uma agricultura intensiva de hortofruticultura forçada a sul, poucos quilómetros a norte está uma fruticultura de sequeiro, com potencialidade muito menores, enquanto que na serra (70 por cento da região) predominam as condições inóspitas e baixos recursos humanos e económicos.

Ao entrar em especificações, o subdirector da DRAA considera que a falta de água elimina algumas áreas do litoral, situação que se alterará com a entrada em funcionamento do sistema de barragens do Funcho/Ode-



Lino Afonso: «A estrutura associativa é fraca»

louca e de Beliche/Odeleite.

A este Algarve agrícola (pequeno e com práticas culturais intensivas), pretende juntar o barocal (os solos têm aptidão, precisam de grandes investimentos) e a serra, onde defende a complementarização da agricultura extensiva com a florestação, a silvopastorícia, a cinegética e

a exploração de plantas aromáticas e medicinais, onde a Comunidade é deficitária.

Verificar este modelo exige água, iniciativa dos agricultores, ligação com o turismo, culturas alternativas, rede de comercialização, a exploração de produtos não perecíveis e a aplicação do PAF. Só que, como reconhece, o minifúndio característico da região "somado" à especulação verificada nos preços da terra conduz o pequeno proprietário a vender o terreno e não a investir na agricultura, até porque vê rendimentos imediatos.

Quando o plano regional de ordenamento (PROTAL) for aprovado, Lino Afonso está convencido que haverá então condições para baixar a especulação em algumas áreas.

Este responsável garante ainda que tem existido uma grande adesão e que só não há mais porque os agricultores afectados não vêem rendimentos a curto prazo.

Depois de defender que a florestação, destinada sobretudo à serra, não deve ser à base do tipo nórdico, mas sim das autóctones (alfarrobeira, amendoeira, figueira,...), reconhece a necessidade de associar a florestação com espécies possíveis de secagem (pêssego, damasco, ameixa,...) que dêem rendimento durante os 10,12 anos necessários a que a floresta cresça e se torne rentável. Tudo isto exige trabalho nosso de experimentação.

Do há muito falado "divórcio" entre os

técnicos agrícolas e os agricultores, Lino Afonso discorda mas reconhece que aqueles têm de se aproximar destes e que devem ir para o campo e não ficar fechados em gabinetes.

A falta de informação dos extensionistas rurais é a falta cuja existência admite e que alimentará parte daquela imagem. Anunciou-nos, contudo, a realização de acções de formação para estes técnicos que lhes facilite a transmissão de informação.

Com as organizações existentes, já a DRA tem um relacionamento excelente. A reconversão em conjunto da citricultura ou da fruticultura de sequeiro são exemplos que adianta.

Porém, esta realidade não o inibe de afirmar que o Algarve está muito longe de ter uma organização associativa que seja representativa da região e de todos os sectores ou, ainda, que seja dinâmica ou tenha espírito agressivo. «Só algumas associações estão bem encaminhadas».

A rega (passar a superfície irrigada de 20 para 30 mil hectares e reduzir a extracção de águas subterrâneas, que têm sido excessivamente exploradas), os transportes (uma das dificuldades das exportações algarvias que são "empurradas" para o transporte aéreo, que as encarece), a qualidade e comercialização (cuja situação é preocupante) são outros pontos que afectam este sector, o qual está a assistir ao reforço das suas estruturas empresariais.



Recursos hídricos estão doentes

A saúde dos recursos hídricos do Algarve não pode estar pior. Quem o afirma é o novo director da Hidráulica do Guadiana, João Monteiro, em declarações ao "DL".

Este responsável está convicto, não obstante, que com as novas leis e a nova orgânica institucional do sector, as coisas mudem para melhor «porque para pior é difícil».

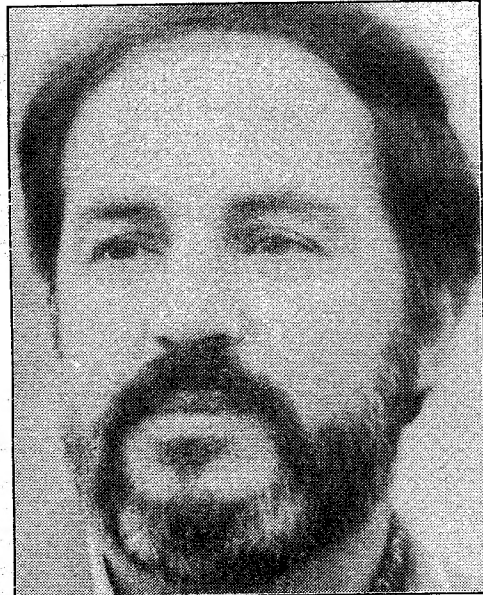
Confrontado com as acusações da Hidráulica não limpar os rios e contribuir, assim, para a obstrução dos seus leitos, disse que «a limpeza e desobstrução dos cursos de água compete aos proprietários marginais. Nós só temos meios para os intimar».

Porém, a sua afirmação de que «só há 14 guarda-rios no Algarve» ilustra a (in)capacidade fiscalizadora destes serviços.

Por outro lado, João Monteiro disse que a prevista barragem de Odeleite irá constituir, com a de Beliche, o sistema abastecedor do Sotavento, enquanto o sistema de barragens do Barlavento será integrado pelas de Odiáxere, Arade, Funcho (em execução) e Odelouca (prevista).

Ainda neste domínio, o "DL" teve oportunidade de apurar uma série de realidades significativas da falta de fiscalização e da indisciplina dos vários agentes interventores no território.

Desde o facto de a maior parte das edificações do Algarve não terem o parecer dos serviços da Hidráulica, a estradas construídas pela JAE que cortam linhas de água, passando por outras construídas em linhas de água ou a extracções de materiais dos rios



João Monteiro: quatorze guarda-rios para o Algarve

pelas próprias autarquias (que provocaram agora o derrube de muros de protecção dos terrenos e o arranque pela raiz, por exemplo, de amendoeiras), de tudo se encontra.

Em Olhão, apenas mais um caso: aquela que é considerada a linha de drenagem principal está coberta por construções. Da vazão ser insuficiente já resultaram vários reben- tamentos das caixas de visita.

R.N.

Indivíduos isolados, em- presários, autarquias, JAE, CP e serviços de Hidráulica foram alguns dos visados nas conversas havidas durante a visita. Em consequência destas actividades, acumuladas ao longo de anos, a rede hidrográfica foi pura e simplesmente escamoteada.

David Assoreira, presidente da Comissão de Coordenação Regional do Algarve, qualificou recentemente estas práticas como «asneiras cras- sas».

Para este responsável, «se o território estivesse ordenado nada disto teria acontecido». Porém, também reconhece que não

basta a existência da lei para esta ser cumprida. Com efeito, entende que «terá efectivamente que existir força política e legal para fazer cumprir» um plano de ordenamento do território.

Efeitos

António Vairinhos, mem- bro da Comissão Parlamen- tar, afirmou ao "DL" que a visita constituiu «um contrib- uto muito importante para uma reflexão muito séria».

Prevenir e corrigir os erros feitos ao longo de anos foi a disposição evidenciada pe- los vários responsáveis. Além das acções imediatas de apoio e reconstrução, o compor-

tamento evidenciado quanto ao traçado da "Via do In- fante" será um indicador da sua consistência.

É que, como nos disse, Gilberto Ferro, da Comissão dos Agricultores do Sotavento Algarvio (CASA), «de- pois disto que aconteceu, parece que estão a dizer aos tivirenses para se irem embora. Querem fazer aqui uma ponte que é uma autêntica barragem de boca aberta, com 800 metros de comprimento por 80 de altura. Já viu, numa situação destas, a velocidade que as águas atingiriam?».

Rui Nunes

Amanhã há manifestação

Uma manifestação convo- cada pela Associação de Defesa dos Agricultores do Algarve realiza-se amanhã em Faro para protestar contra a não satisfação das suas reiv- indicações e a morosidade do processo de apoios.

Fernando Fernandes, membro da CDAA, apresen- tou à Comissão Parlamentar de Agricultura e Pescas as exigências de uma maior e urgente ajuda financeira a fundo perdido, uma linha de

crédito altamente bonificada e uma moratória sobre crédi- tos existentes.

Caso estas reivindicações não sejam aceites, admite que muitos agricultores sejam forçados a abandonar as suas explorações porque, como afirmou ao "DL", «muitos arrastam os problemas desde 1987 e já não podem mais».

Recorde-se que o Movimento da Região do Algarve afirmou, a propósito da visita de Álvaro Barreto

às zonas sinistradas (cancelada entretanto devido à sua demissão do Governo), que «a luta dos agricultores tem sido uma odisséia, desespe- rando perante os sucessivos capítulos de uma telenovela que se apresenta com a perspec- tiva de um fim infeliz e sem moral», o que leva o MRA a considerar que «Portugal tem um Estado que se divorcia dos cidadãos em momentos de crise abandonando-os à sua sorte».

mas muito está por fazer



Já em 1987 foi assim

Banca atrofia pescas

Proteger os "stocks" da costa e desenvolver a for- mação profissional são as prioridades do sector das pescas no Algarve, soube o "DL" junto de conhecedores da área. A rede de frio, por outro lado, é uma das suas principais vulnerabilidades.

A preocupação de sal- vaguardar os "stocks" cos- teiros passa por proporcionar meios aos pescadores arte- sanais para pescar mais longe. De momento, estão a decor- rer negociações com a Comunidade para a obtenção dos apoios necessários. Tal resulta desta situação não ter sido acautelada aquando das negociações da adesão.

Segundo soubemos, os apoios nacionais estão a ter algum êxito no que respeita à mudança de artes e à mod- ernização da frota.

Uma das principais difi- culdades prende-se com o que é considerado «o estrangulamento da Banca». De acordo com um exemplo que nos deram, para a construção de um barco avaliado em 24 mil

contos, o Estado dá metade a fundo perdido, o dono parti- cipa com cinco mil e a Banca, para emprestar o sete mil que faltam, exige a garantia do próprio barco mais um outro bem real, por norma a casa do dono da embarcação. Isto cria «atrofias ao desen- volvimento».

Números

Um estudo recente de Teodomiro Neto, divulgado no "Jornal do Algarve", car- acteriza Olhão e Portimão como os principais centros de pesca, com 70 por cento do total, a que se seguem Vila Real de Santo António, com oito e Lagos com três.

Os cerca de 10 mil pesca- dores (22 por cento do total nacional) obtêm um valor anual de pesca que excede as 36 mil toneladas.

Desenvolvimento impor- tante teve a piscicultura que, em 1030 hectares de viveiros localizados na Ria Formosa, origina receitas de 18 mil- hões de contos por ano.

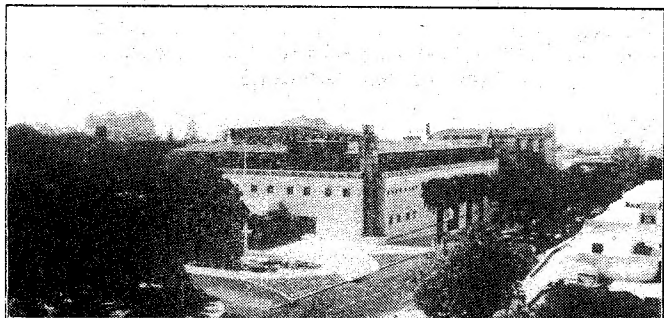
R.N.

ECONOMIA

B R E V E S

Megasis
na informática

Está já a trabalhar no mercado a Megasis - Sociedade de Serviços e Engenharia Informática, SA, que afirma ter "um corpo técnico altamente especializado". Com um capital social inicial de 100 mil contos, a Megasis conta como principais associados a TAP, a IP Financeira, a Interfina, a Air Atlantis, a Compta e a Transinsular. Esta empresa está especialmente vocacionada para soluções que correm em equipamentos centrais ou departamentais das áreas da indústria, transportes, banca e seguros, saúde, administração pública e escritório electrónico.



Maqueta do futuro Centro de Congressos

Centro de Congressos
vai arrancar no Estoril

Está orçado em três milhões de contos o custo do Centro de Congressos do Estoril, cujo contrato de construção foi recentemente assinado entre a Estorilcenter e a Teixeira Duarte, após realização de concurso internacional no âmbito da Comunidade Económica Europeia. O edifício terá cinco pisos, incluindo duas caves destinadas a estacionamento de 230 viaturas. O auditório principal terá cerca de mil lugares, sendo complementado com duas salas de conferências com 200 lugares cada. Terá também uma área de exposições com 2500 metros quadrados.

Setúbal: parques industriais
estimulam economia

Quimigal e Sapec abrem vastas áreas no Barreiro e em Mitrena à instalação de actividades não poluentes, oferecendo importantes infra-estruturas

O distrito de Setúbal está a ganhar um "segundo fôlego", a ponto de se poder tornar num renovado centro industrial na década de 90 e recuperando a sua posição passada de uma das zonas mais dinâmicas do investimento industrial em Portugal.

Duas grandes empresas do sector químico, a Quimigal e a Sapec, decidiram envolver-se na rentabilização do seu património imobiliário, bem como no potencial de prestação de serviços que este tipo de empreendimentos envolve.

A primeira criou a Quimiparque, empresa destinada a gerir o parque industrial da Quimigal no Barreiro, enquanto que a segunda lançou já a primeira fase de idêntico espaço nos vastos terrenos de que dispõe em Mitrena (Setúbal) - a "Silicon Bay".

Com estes empreendimentos, as duas empresas pretendem captar investimentos que rentabilizem as infra-estruturas existentes em ambos os locais, constituídas por terrenos, vias de transporte, edifícios e serviços e, no caso da "Silicon Bay",

também de uma sociedade de capital de risco.

Apesar das semelhanças, quer Sardinha Pereira, da Quimiparque, quer Cantante de Matos, da "Silicon Bay", salientam que os empreendimentos têm características diferentes, inerentes às suas próprias especificidades.

Quimiparque

A Quimiparque está disposta a alargar o seu raio de acção do Barreiro, estendendo-o até Estarreja. O parque do Barreiro tem uma área de 292 hectares, 33 empresas instaladas, redes internas de caminhos de ferro e de estradas, porto de carga geral de águas profundas, para além de energia eléctrica, água, vapor, ar comprimido e esgotos.

Sardinha Pereira revela que a Quimiparque vai criar no primeiro semestre de 1990 três empresas para administrar os sectores de energia e fluidos, manutenção e engenharia, a que se juntarão, no segundo semestre, outras três relacionadas com o controlo industrial, aprovisionamento de materiais de uso corrente

e transportes e serviços gerais (balanças).

A Quimiparque já conta com clientes em vários sectores, como sejam os de computadores, publicidade, metalomecânica (franceses), armazenagem, distribuição, cartonagem, petroquímica (brasileiros), aditivos para betões (espanhóis), entre outros.

Entretanto, esta empresa já iniciou conversações com a sua similar britânica Trafford Park (de Manchester) para, em regime de "joint-venture", urbanizar pequenas áreas dentro do parque do Barreiro e que actualmente estão sem utilização.

O potencial do parque vai, conforme a sua dimensão, de 100 a 200 empresas. A Quimiparque interessa essencialmente cativar empresas "limpas", de pequena e média dimensão, que necessitem da variada gama de serviços que são postos à sua disposição.

"Silicon Bay"

Quanto ao projecto da Sapec, envolve uma área de 400 hectares de terreno, não pretendendo envolver a

indústria química, mas apenas unidades industriais não poluentes ligadas aos sectores agro-alimentar, combustíveis, aeronáutica, defesa e serviços.

Segundo Cantante de Matos, espera-se para breve a instalação na "Silicon Bay" de uma empresa construtora de aviões, em que a Sapec, através da sua sociedade de capital de risco, participará no capital social.

"Silicon Bay" arrancou com um investimento na ordem dos 4,5 milhões de contos, destinado ao cais de águas profundas, caminhos de ferro, infra-estruturas gerais e aeroporto industrial, o primeiro a ser criado em Portugal.

No local já estão instaladas a Interfer (gestão do terminal ferroviário), a Aeroset - Serviços Aéreos de Setúbal, a Coindústria (consultoria industrial) e a MGT - Manutenção, Gestão e Tecnologia. Este empreendimento espera atrair cerca de 200 empresas, criando cinco mil postos de trabalho, congregando um investimento que deverá ultrapassar os 100 milhões de contos.

Pedro Fernandes / Lusa

Suécia: crescimento
em ponto neutro

Menos investimentos e produtividade; mais emprego e superávit

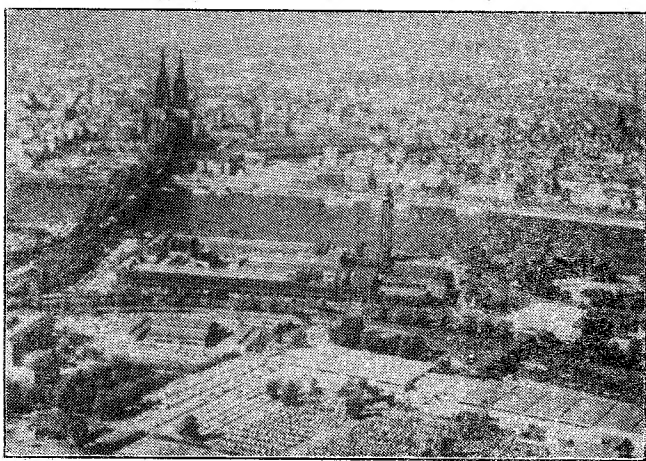
A Suécia parece estar a atravessar uma fase neutra de crescimento, com certos pontos de retrocesso em sectores específicos.

Segundo foi divulgado, o previsível decréscimo nos investimentos aponta para um ritmo de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) na ordem dos 1,5 por cento, em 1990, enquanto esse valor foi, no ano passado, dos 2,2 pontos percentuais.

Contudo o aumento da produção tem mantido um ritmo estável, desde 1980, com aumentos anuais situados entre os 2,2 e os 2,6 por cento.

Estas informações, recolhidas na publicação do Serviço Sueco de Imprensa, têm por base o estudo feito pelo Instituto Nacional de Pesquisas Económicas, que afirma que o crescimento tem sido facilitado por um rápido aumento do índice de emprego, que presentemente é muito baixo, naquele país.

O Instituto refere ter havido uma mudança na composição do crescimento da procura e diz também que, enquanto o consumo privado aumentou lentamente durante os dois primeiros anos do desequilíbrio do mercado



Estocolmo: capital de um país com pouco desemprego

de crédito, o volume de investimentos sobe consideravelmente, com destaque para os investimentos industriais e para a produção de novas habitações.

O estudo refere que os investimentos fixos brutos ascenderam a 8 por cento, em 1989, tendo havido um aumento avaliado de 1,2 e 1,8 pontos percentuais, respectivamente nos consumos privado e público.

As previsões, para este ano, apontam para um aumento de investimentos de 2 por cento, com um saldo negativo de 3,8 para as novas habitações.

Cotações
e comércio

Quanto às empresas suecas, têm estado a perder, nos últimos anos, cotação nos mercados interno e externo, o que é atribuído, pelo Instituto, ao rápido crescimento na procura interna, à alta utilização máxima e à falta de mão-de-obra.

Em 1989 as exportações de produtos e serviços cresceram menos de 4 por cento em volume e as importações quase os 6 pontos percentuais, valores que podem reduzir-se em 0,5 e 1 por cento, respectivamente, no ano corrente.

Quanto ao superávit no comércio externo, em 1989, deve ser de cerca de 4.400 milhões de dólares, o que equivale a um aumento de 5 mil milhões de coroas, devido às melhores condições de comércio. O ano corrente deverá registar um aumento semelhante.

No que se refere à conta corrente continuará a registar défice, passando de 21,8 milhares de milhões de coroas, em 1989, para os 25,7 milhares de milhões no corrente ano, o que corresponde a quase 2 por cento do PIB e é motivado maioritariamente pelo aumento constante dos investimentos directos no exterior.

Como apontamento final, o Instituto refere que o nível salarial aumentou cerca de 8,5 por cento, no ano passado, mas o panorama para 1990 prevê que esse aumento não ultrapasse os 7 por cento.

Também em 1990 os aumentos de preços ao consumidor podem ser limitados em 5 por cento, desde que não haja mais aumentos de impostos e menores índices de crescimento de salários e preços de bens importados.

Durante 1989

BEI emprestou a Portugal
130,5 milhões de contos

Elevam-se a 130,5 milhões de contos os créditos concedidos a Portugal durante 1989 pelo Banco Europeu de Investimento (BEI), mais 34,5 milhões do que em 1988.

Já no final do ano passado foram desbloqueados três empréstimos que ascenderam a 7,6 milhões de contos, sendo quatro deles destinados aos Açores, onde vão ser aplicados na melhoria de infra-estruturas de transportes.

Por outro lado, 2,1 milhões

foram concedidos à Portis - Hotéis Portugueses, SA com vista à construção em Portugal e em Espanha de cerca de 20 hotéis de duas e três estrelas. Finalmente, um milhão e meio de contos foram emprestados ao Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa para financiamento de pequenas e médias empresas na indústria, turismo e serviços relacionados com economias de energia e melhoria do ambiente.

Arquivado processo
das OPV da Sonae

O Tribunal de Instrução Criminal do Porto decidiu mandar arquivar o processo relativo às operações públicas de venda efectuadas por empresas do grupo Sonae em 1987, correspondendo, desta forma, às posições quer da

defesa quer do Ministério Público. Recordar-se que este processo envolvia sete empresas que, em 1987, foram consideradas, em inquérito oficial, como estando na situação de "ilícito societário" aquando de venda de acções.

Mc Erickson/Hora
distinguida

Já no mês de Dezembro passado a McCann Erickson/Horas obteve mais distinções em 1989. Nos Estados Unidos alcançou o Prémio de Criatividade pelo seu filme publicitário "Grua/Sagres", que lhe foi atribuído na Mobius Awards Competition de Chicago. Em Portugal foi distinguida no Festival de Spots de Rádio, organizado

pela Rádio Comercial, com três prémios: o spot "Nescafé Descafeinado" foi considerado o melhor do ano e alcançou ainda os prémios Bens Alimentares e Melhor Sonorização; por outro lado, o spot "Feira do Vinho/Pingo Doce" recebeu o prémio Serviços, enquanto que o spot "Goodyear" obteve o prémio Indústria Automóvel.

ECONOMIA

Conceito de Just in Time entra nas empresas

Maior competitividade, redução de custos, não aos desperdícios, fabrico em qualidade e não em quantidade, redução de stocks, eficiência e flexibilidade, fiabilidade dos equipamentos e polivalência dos trabalhadores, são algumas das ideias base do «Just in Time», uma filosofia operacional cujo objectivo principal é «comprar ou produzir apenas quanto e quando houver necessidade».

«Esta filosofia tem em vista satisfazer sempre o cliente, criando uma situação em que o prazo de entrega do produto se encurta e obriga a um mínimo de custos», disse, ao DL, Rui Assis, professor da Universidade Nova, engenheiro que introduziu e tem trabalhado na área do «Just in Time» no nosso país, junto de diversas

empresas.

Não se pode trabalhar mais na base de previsões, sublinha aquele engenheiro, mas «com base numa carteira de encomendas», ou seja, o fabrico no encurtamento do ciclo de produção, o denominado «Cambam» que é uma técnica de aplicação do Just in Time.

Encurtar o ciclo de fabricação significa combater todos os factores de «ineficiência da produção»: avarias no equipamento, ausência de qualidade do produto, ruptura de aprovisionamentos, mudanças longas de séries.

No «Just in Time», que poderemos traduzir como «produção na hora», a ideia é produzir o estritamente necessário, em pequenas quantidades, diversificando o

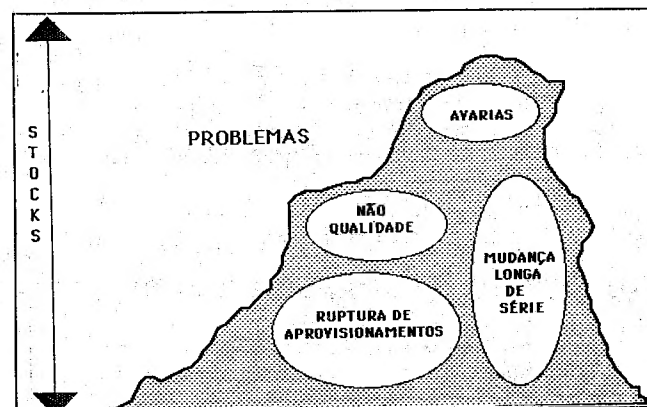
produto, de modo a que os stocks não aumentem, se possam fazer alterações de última hora, se possa controlar a qualidade, numa rotação permanente entre a aquisição de matéria-prima, o fabrico, a distribuição e o consumo. «São factores de competitividade essenciais para a rentabilidade de uma empresa», salienta Rui Assis.

Os stocks, porém, são um mal necessário para as empresas, refere aquele engenheiro. Eles vão cobrir falhas ao nível dos fornecedores, as avarias no equipamento, mas as consequências verificam-se depois com a existência de monos e dinheiro empadado. É importante aqui uma colaboração com os clientes de modo a garantir uma carga de produção regular.

Este conceito pode ser aplicado a todo o tipo de empresas, independentemente do volume de fabrico e da quantidade de pessoal. As grandes empresas estrangeiras estão cada vez mais a exigir que os fornecedores trabalhem em «Just in Time».

A experiência tem mostrado que a lógica da simplificação das fábricas e do «Just in Time» implicam uma mudança total de mentalidades. O mercado hoje é mais exigente e flexível, o ciclo de vida dos produtos é menor, o seu desempenho melhorou esteticamente e funcionalmente, as séries no mercado são menores e os modelos mais diversificados.

De facto, não é fácil para uma empresa que persiste em manter estruturas e méto-



O segredo é encurtar o ciclo de fabrico, combatendo as «ineficiências de produção»

dos antiquados aceitar, de um dia para o outro, afirmações como estas: é preciso produzir hoje apenas o que se espera vender; o tamanho do lote ideal é igual a uma unidade; não se deve utilizar

permanentemente as máquinas, a fim de libertar tempo para a sua manutenção preventiva; colocar os fornecedores em concorrência é contrariar a competitividade.

Rui Ferreira e Sousa

Norma desenvolve acções de formação

Dar maior atenção aos recursos humanos para enfrentar a complexidade do mercado

Reclassificar, dignificar o trabalhador, formar quadros, responder aos problemas das empresas, transmitir conhecimentos que o mercado impõe, são alguns dos objectivos dos cursos de formação que a Norma vai efectuar a partir de Fevereiro na área da Gestão: Marketing, Empresariato e Engenharia Industrial.

O conceito do «Just in Time» integra-se nesta última área de formação e vai ser ministrado pelo engenheiro Rui Assis. As acções de formação são coordenadas por Estela Kine, sob a responsabilidade da directora de Formação da Norma, a engenheira química Isabel Maria Brarens.

«Esta formação exige conhecimentos que ainda não existem nas universidades. A Norma quer dar resposta aos problemas das empresas e dos trabalhadores, de uma maneira atractiva e inovadora. Queremos enriquecer a capacidade dos trabalhadores, aproveitar os recursos humanos, combater a ideia do Taylorismo, ajudar as empresas a aumentar a produtividade e reduzir os custos», disse, ao DL, Estela Kine.

Para esta técnica, as empresas em Portugal são pequenas e com tudo centralizado numa pessoa, o patrão ou empresário. Por outro lado, os empresários não têm formação de base, não possuem capacidade de gestão na área financeira e resistem em delegar responsabilidades.

Dignificar o trabalhador

Os cursos que vão ser realizados na Norma incidem sobretudo nos quadros superiores e empresários, com vista a criar uma dinâmica própria e uma motivação

no seio das empresas. São dados com base em métodos de simulação, chamados «métodos casos», com peças à escala e software para computadores.

A filosofia subjacente a estas acções de formação é a que «cada trabalhador tem capacidade para ajudar a resolver um problema na empresa, ele torna-se mais qualificado, mais polivalente, o seu desempenho é mais diversificado, por isso, a sua imagem sai mais dignificada».

A Norma, que existe há 25 anos, desenvolveu nos últimos três uma experiência importante na área de gestão. Em 1989 esta experiência processou-se através de um apoio dirigido a 40 pequenas e médias empresas.

R.F.S.



Isabel Maria Brarens, Rui Assis e Estela Kine ao DL: «Just in Time, uma acção de formação inovadora da Norma que continua uma actividade de 25 anos de existência»

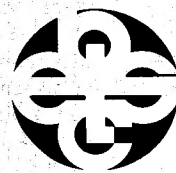
SUCESSO INDISCUTÍVEL.

O BESCL E A PRIVATIZAÇÃO DA TRANQUILIDADE

O Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa liderou, com indiscutível êxito, uma das mais importantes operações dos últimos anos no mercado de capitais: a privatização da Companhia de Seguros Tranquilidade, S.A.

Os resultados demonstram um sucesso indiscutível.

BESCL, o seu Banco de sempre, é um líder no mercado de capitais.



BANCO ESPIRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
O Seu Banco de Sempre

Engenharia municipal na ordem do dia

Novas saídas profissionais passam pelo conhecimento e estudo dos impactos ambientais específicos das autarquias

O ambiente tornou-se uma das preocupações prioritárias das autarquias e das empresas. Para os engenheiros civis trata-se de uma nova saída municipal. A poluição aumenta de dia para dia e, muitas vezes, o que se passa é o desleixo, o desconhecimento ou a fuga a despesas por parte dos empresários.

Engenheiros com conhecimentos de cálculo, de sistemas, de estruturas e de hidráulica, já existem. Faltam, porém, técnicos que saibam como se mantém e explora, por exemplo, uma Estação de Tratamento de Águas Residuais, ETAR, como se protegem os moradores que vivem junto de uma fábrica, de um lagar ou de um matadouro.

«Não se pode fazer hoje engenharia desligada do impacto ambiental criado pelas obras,

sejam elas estradas, fábricas ou prédios para habitação. A vertente municipal do ensino da engenharia civil a qual se traduz numa maior ligação à vida das populações e ao municípios, tornou-se uma das apostas importantes da formação profissional dos engenheiros do Instituto Superior Técnico (IST)» - disse, ao DL, João Levy, professor de Investigação Operacional e coordenador do departamento de Engenharia Municipal e Ambiente, (EMA), do IST.

A introdução, na licenciatura de Engenharia Civil, do «perfil» Engenharia Municipal e Ambiente, criado em 1988, teve de imediato um eco favorável na massa estudantil. Cerca de 30 alunos concluíram já a EMA e estão aptos a fazer parte de uma equipa técnica de qualquer dos 305 municípios existentes em Portugal.

«A criação deste perfil ficou a dever-se à necessidade de resposta face à realidade portuguesa que reflecte cada vez mais os aspectos ambientais como factores dominantes. De futuro pensa-se criar uma licenciatura municipal onde todas estas questões sejam objecto de uma especialização específica» - afirma João Levy.

Mais engenheiros de ambiente

A falta de engenheiros civis é um facto e engenheiros sem conhecimentos nesta área de intervenção há bastantes. Para já, incluída no EMA, existe a cadeira de Elementos de Engenharia Civil, leccionada pelo professor Levy. Esta matéria engloba, numa primeira parte, a aprendizagem de conhecimentos jurídicos imprescindíveis sobre a inserção dos municípios no meio dos organismos esta-

tais.

As saídas profissionais que agora se apresentam aos novos engenheiros civis, no sector ambiental, não passam apenas pelas autarquias, mas também pelas empresas, direcções-gerais e secretarias de Estado, embora seja nos municípios que se processa uma dinâmica própria, com problemas específicos de cada um deles, para os quais não chega a boa vontade nem o amadorismo.

A partir da aprovação da Lei das Finanças Locais, a qual prevê uma autonomia real das autarquias, as câmaras passarão a decidir sobre matérias tão complexas como sistemas de abastecimento, escoamento de esgotos, defesa do património urbanístico e tudo o que interfira com as populações.

Rui Ferreira e Sousa



João Levy: «Engenharia Civil obriga cada vez mais a uma ligação aos municípios»

Dar prioridade às ETAR

Não basta construir Estações de Tratamento de Águas Residuais, é preciso mantê-las a funcionar para bem das populações

A existência de Estações de Tratamento de Águas Residuais são obrigatórias quer nos municípios, quer nas empresas, mesmo nas pequenas, desde que fabriquem poluentes.

O objectivo das ETAR tem que ser visto como «um meio», um elemento despoluidor, e não como um objectivo limitado à sua construção.

Na realidade, o que muitas vezes acontece é que as ETAR são construídas apenas para que as empresas possam abrir as portas e não para beneficiar o meio ambiente. Fogem, deste modo, aos gastos de 6 a 10 por cento da totalidade das despesas anuais, número

apontado como mínimo obrigatório.

Para o professor João Levy, que é, além de professor, director de um gabinete de serviços, de Ecoserviços, Gestão de Sistemas Ecológicos, o problema mais grave das ETAR não é a sua construção, mas «a sua manutenção e exploração». Muitas delas funcionam mal, têm pouca eficiência, são abandonadas ou deterioram-se por ausência de técnicos competentes.

Os donos das ETAR, ao deixarem chegar estas estações ao ponto zero de rendimento, não só prejudicam as populações como ficam sujeitos a multas. Só que estas multas continuam a ser

irrisórias, permitindo a continuação de situações de calamidade pública, em nome da «criação de empregos e do desenvolvimento económico»

Princípio poluidor

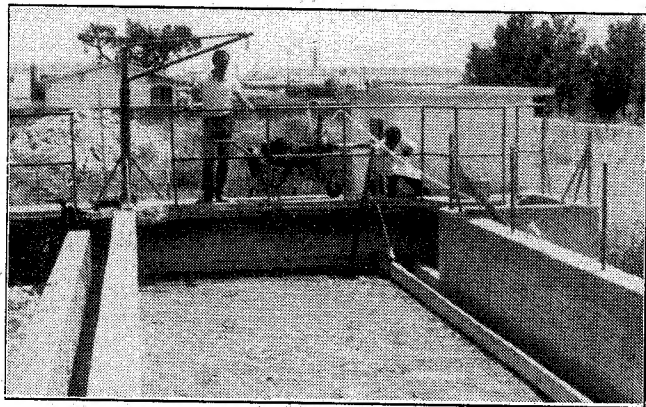
Embora a Lei de Bases do Ambiente, (nº11/87 de 7 de Abril), preveja no artigo 27, capítulo IV, sanções pelo incumprimento do disposto na legislação sobre o ambiente e ordenamento do território, só a prática do Princípio Poluidor Pagador, ainda não estabelecido oficialmente, pode pôr cobro a esta situação.

Segundo esta norma, o dono da ETAR será penalizado em função do grau de poluição que produzir. Controlado o factor

poluidor, a empresa acaba por ser favorecida, também economicamente, prestando, além disso, um serviço público que lhe cabe por inerência.

A manutenção das ETAR pode ser efectuada de três maneiras. O dono pode responsabilizar-se, utilizando pessoal da sua própria empresa. Contacta uma firma que faz deslocar ao local uma equipa técnica especializada, com uma periodicidade acordada entre as partes. Ou delega a gestão da ETAR numa firma que se ocupa e se responsabiliza pela manutenção da estação.

R.F.S.



Decantador na ETAR do matadouro de frangos da Avlpronto (Azambuja)

O balcão dos empresários

«Os Gabinetes do Ambiente têm que ser o balcão onde o empresário se vai dirigir para dar solução aos seus projectos futuros». Assim define o professor João Levy o papel a desempenhar pelos GA's.

A falta de informação, a burocracia, o desconhecimento dos custos de uma empresa e de uma ETAR, a morosidade, a teia complexa dos ministérios e direcções-gerais, são entraves para a efectivação de novos projectos industriais.

Com a criação dos Gabinetes do Ambiente para as Pequenas e Médias Empresas, (PME's), propostos por João Levy, a Secretaria de Estado do Ambiente ficaria com um instrumento valioso de trabalho.

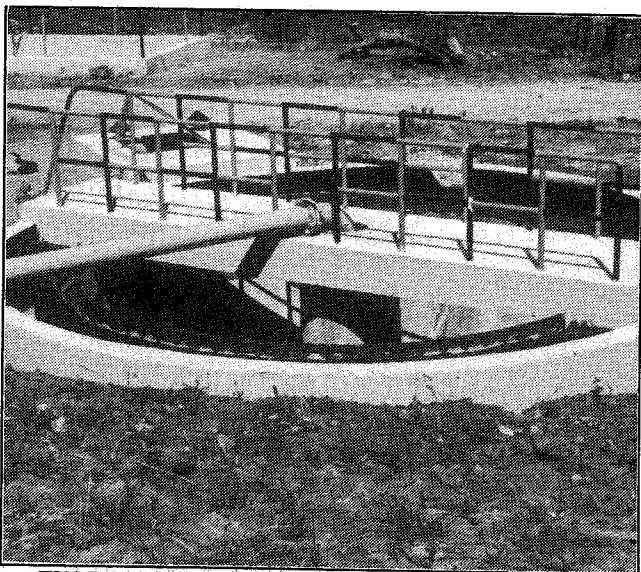
Iria descentralizar a informação e permitir aos pequenos e médios empresários, bem como às autarquias, o diálogo apenas com um interlocutor. O atendimento seria personalizado, «como no banco» - sublinha João Levy.

«Há quem diga que esta proposta é inocente e que estes gabinetes viriam substituir os pequenos poderes das diversas instituições, mas na minha opinião ela é uma grande ajuda às PME's e um combate mais eficaz contra a poluição» - refere aquele professor.

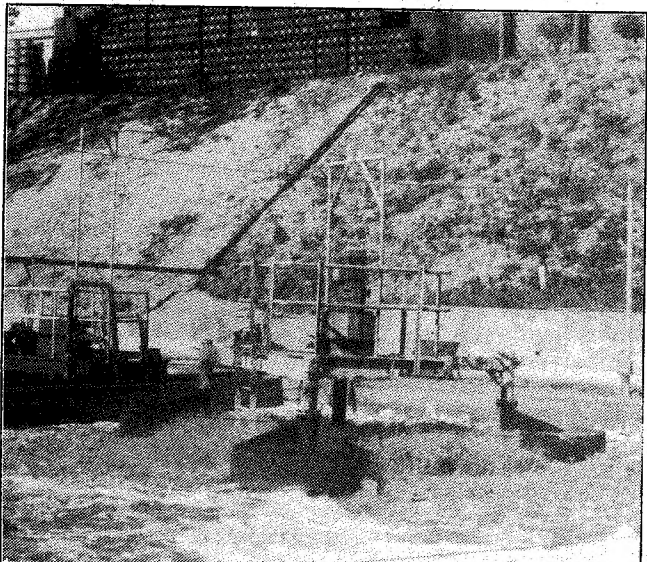
Onde conseguir empréstimos, como efectuar um projecto de construção de uma empresa, qual a entidade oficial responsável pela obra que se vai realizar, o que é preciso para construir uma ETAR. São questões que podem ser respondidas por um gabinete destes.

Também os municípios têm a lucrar com este serviço, o qual seria distribuído por gabinetes autónomos em diversos pontos do país. As autarquias são utilizadores, funcionam hoje como empresas.

R.F.S.



ETAR municipal na povoação da Gula (Albufeira)



Tanque de arejamento da ETAR da fábrica Centralcer